Para os professores que pegam na caneta, geralmente a pedido de um (…) formador de professores que reconheça o valor de uma tal investigação relativamente ao desenvolvimento pessoal e profissional, a caminhada torna-se "uma viagem de descoberta", que, embora cheia de incerteza e desconforto, é tão divertida e educativa como desafiadora.

Holly in Nóvoa, 1992:81

Resumo

A profissão de professor faz-se ao longo de um percurso de permanente formação, que se constrói e desenvolve através de uma postura reflexiva de si sobre si mesmo. Enquadrado no Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, o estágio na Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves criou a possibilidade de se desenhar uma narrativa onde se inferem reflexões trazidas por preocupações nele vividas conjugadas com outras da minha condição de professor profissionalizado em busca de uma formação continuada.

O Projecto "Desenhar Pousão" integrado nas comemorações de Henrique Pousão pelo Museu Nacional Soares do Reis e no programa Artes Educação e Comunidade a desenvolver pela Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, surgiu como uma possibilidade de estabelecer um modelo diferente de interacção com os alunos, num projecto transdisciplinar, aberto à partilha e à cooperação, no qual se puderam aplicar conceitos e metodologias de intervenção e educação artística, numa actuação articulada que permitiu uma aproximação dos alunos ao museu, através de uma visita de estudo e de uma exposição com trabalhos seus no próprio espaço do museu.

O relatório desenvolve-se assim num registo vivencial através de uma experiência contada, por um caminho de permanente reflexão, na qual me constituo num professor à procura de estratégias para exercer o compromisso de transmitir a cada um dos meus alunos o programa da disciplina de Desenho A na saída da sala de aula e no contacto directo com a obra de arte, fundamentadas num processo de aprendizagens efectivamente significativas em Artes Visuais.

Abstract

Being a professionalized Teacher goes along a pathway of permanent training, which builds and develops through a reflexive posture about yourself. Framed in Masters in “Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário”, internship in Secondary School Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves created the possibility to draw a narrative which infer reflections that appeared of concerns experienced combined with others that I raise my condition professionalized Teacher in search of a continuing training.

The project "Desenhar Pousão" integrated commemorations of Henrique Pousão by Museu Nacional Soares dos Reis and “Artes Educação e Comunidade” developed by the Association of Teachers of Speech and Visual Communication, emerged as a possibility to establish a different model of interaction with students in a transdisciplinary project, open to sharing and cooperation, which could apply concepts and methodologies of intervention and art education, an action articulated that allowed an approximation of students to the Museum, through a study visit and an exhibition with their work in their own space of the Museum.

The report develops a Lived record through an experience tallied a permanent reflection, in which I am a teacher looking for strategies to pursue the commitment to transmit each of my students the program of the discipline Desenho A in the living the classroom and in direct contact with the work of art, founded in the process of the apprenticeships actually significant in Visual Arts.

Résumé

Être professeur c'est un métier qui se développe tout au long d'un chemin de formation qui doit être continue. On élabore tout ce parcours en utilisant une posture de reflexion de nous mêmes.

Inséré au Cours de Postgraduation "Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário", le stage à l'école Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves m'a donné l'opportunité de tracer une narration de laquelle j'ai pu déduire des réflexions et des préoccupations y vécues. Au même temps, je les ai conjugué avec ma propre expérience professionnelle, car je suis un professeur qui cherche encore et toujours une formation continue.

Le projet "Desenhar Pousão", inséré dans les célébrations de Henrique Pousão par le Museu Nacional Soares dos Reis et dans le programme "Artes Educação e Comunidade" développé par la Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, m'a permis d'établir un modèle différent d'interaction avec les élèves, dans un projet qui a parcouru toutes les disciplines, qui a été pleinement ouvert à la partage et à la coopération et auquel on a utilisé des concepts et des méthodologies d'intervention et éducation artistique. Cet action a été articulée, donc elle a permis une approximation des étudiants au musée, puis qu'ils l'ont visité et ils y ont exposé leurs travaux.

Le rapport s'incorpore dans une expérience de vie que j'essaye de raconter en suivant un chemin de réflexion permanente. J'assume mon rôle d'un professeur qui cherche encore des stratégies, de façon à transmettre le programme de la discipline de Dessin A à chacun de mes élèves. Pour réussir à ce but, c'est essentiel, à mon avis, que les élèves se déplacent de la salle de classe et qu'ils puissent prendre contact avec l'oeuvre d'art. Cette proximité donne aux étudiants la possibilité d'avoir un apprentissage plus effectif des Arts Visuelles.

AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho desta natureza implica um esforço e dedicação que sem um forte apoio daqueles que nos estão próximos era impossível de concretizar. Deste modo, gostaria de agradecer a todos aqueles que directa e indirectamente contribuíram para que este texto pudesse ser uma realidade.

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais e à minha irmã, por estarem comigo sempre e incondicionalmente, apoiando-me em todos os momentos.

Aos meus amigos que provavelmente serão aqueles que mais festejam o término deste documento por não me puderem ouvir falar mais dele.

A todos os professores que me acompanharam durante estes dois anos em que frequentei o Mestrado.

Aos orientadores Professor José Paiva e Professora Natércia Pacheco uma palavra de apreço pelo apoio prestado na construção do caminho.

Aos meus colegas, com quem partilhei sobretudo sucessos e alegrias.

À professora Ana Luísa Abreu, pelo acolhimento, disponibilidade, apoio, amizade e porque fez desta tese a sua tese.

À Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, pelo acolhimento.

E por fim, mas certamente os primeiros, aos alunos do 10ºE e 12ºD com quem se criaram fortes relações pessoais e momentos que não se esquecem.

A todos eles o meu forte e sincero agradecimento.

INDICE

INTRODUÇÃO 13

CAPITULO I 21
1.1 – O Professor em Busca de uma Formação Continuada 21
1.2 – A Dimensão Reflexiva na Formação do Professor 24
1.3 – O Diário de Aula como Instrumento de Reflexão 31

CAPITULO II 33
2.1 – Ponto de Partida: O Contacto com o Estágio 33
2.2 – Desenhar um Caminho na Disciplina de Desenho A 37
2.3 – "Desenhar Pousão": Trajecto de uma Unidade de Trabalho 42
2.3.1 – Da Hipótese ao Acontecer 42
2.3.2 - Seguindo o Itinerário: a Planificação e a Operacionalização 47
2.3.3 – A Saída da Sala de Aula: Visita de Estudo à Exposição Diário de um Estudante de Belas Artes – Henrique Pousão 54
2.3.4 – Ponto de Encontro: o Fim da Unidade de Trabalho 60
2.4 – Outros Percursos 62
2.4.1 - Visita de Estudo ao Museu de Arte Contemporânea de Serralves e Oficina "Livro de Artista" 62
2.4.2 - BLOGUE: Disciplina Virtual de Desenho A 64
2.5 – Percurso Paralelo: Área de Projecto - 12º D 67

CONSIDERAÇÕES FINAIS 71

BIBLIOGRAFIA 77

ANEXOS ..... CD-ROM

INDÍCE DE ANEXOS

(em CD-ROM)

Anexo I ……... ”Memórias de Valadares”: Diário de estágio
Anexo II ……... Relatórios de Seminário
Anexo III ……. Inquéritos aos alunos sobre a Visita de Estudo
Anexo IV ……..… Diagnose 10ºE
Anexo V …….…… Projecto Educativo da Escola
Anexo VI a …….. Projecto Curricular de Turma 10º E 2009/2010
Anexo VI b ……..…….. PCT – Caracterização da Turma
Anexo VI c …….. PCT – Avaliação
Anexo VII …….. Estrutura da ESJFA
Anexo VIII ……..… Autorização do Director à Visita de Estudo
Anexo IX . Autorização aos Encarregados de Educação para a Visita de Estudo
Anexo X …..…….. Planificação da Unidade de Trabalho: “Cenários de Pousão”

Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o coronel Aureliano Buendía haveria de recordar aquela tarde remota em que o pai o levou a conhecer o gelo.

Gabriel Garcia Marquez, *Cem anos de Solidão*

INTRODUÇÃO

Os percursos podem ser curtos ou longos, reais ou imaginados, mas são sempre diferentes consoante o que levamos connosco, pois o que vemos depende do lugar de onde olhamos, da posição do corpo e do seu mapa cognitivo. Na viagem, o ponto de partida é tão importante como o de chegada e as vivências que se situam entre estes dois momentos são fundamentais. Os caminhos que se bifurcam nas várias etapas, os avanços e os retrocessos, as escolhas feitas, os espaços habitados e sonhados revelam-nos as marcas deste processo. A viagem pode ser também desejo de transformação, de mudança.

Leite e Victorino, 2008:27

Durante a última década tive a oportunidade de pôr em prática, enquanto professor do Ensino Básico na disciplina de Educação Visual e Tecnológica, muitas das aprendizagens que adquiri na Licenciatura. Nessa formação inicial contactei com a necessidade do professor estar em permanente formação, pelo que fui procurando sistematicamente aprendizagens que complementassem áreas de interesse dentro da minha profissão de educador na especificidade das áreas visuais e tecnológicas. Mas foi este o momento que considerei estarem reunidas as condições propícias de disponibilidade, de oportunidade e sobretudo de uma convicção pessoal para um investimento mais profundo, abraçando uma formação que me pudesse valorizar pessoal e profissionalmente. O relatório de estágio que agora se apresenta, surge assim como um culminar de uma experiência de formação que frequentei durante o último biénio no Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário.

Cheguei a este mestrado numa posição que considero relevante mencionar e reflectir por constatar ser singular no quadro dos alunos que comigo o frequentaram e que me situou numa determinada condição que me fez percepcionar esta experiência numa perspectiva particular. Naturalmente, esta condição reflectiu-se também no meu enquadramento no estágio e

consequentemente na escrita deste relatório. Nesse sentido a reflexão aqui contida e que comparo àquilo que Meireu (2006) denomina de "reflexão singular", só poderá ser entendida nesse quadro que me remete para a condição de professor profissionalizado pela Escola Superior de Educação, a leccionar desde 2001. Ou seja, é na condição de professor profissionalizado em busca de formação continuada, que me apresento neste mestrado, neste estágio e que escrevo este relatório.

Vários estudos sobre a formação de professores têm vindo a valorizar a importância de uma dimensão reflexiva, como forma de desenvolver uma autonomia e uma consciencialização que transforme e reconheça a actividade de professor como profissão e não apenas como simples ofício, exigindo ao professor a compreensão das consequências das suas acções.

Só podemos conceber a profissão de professor numa coabitação permanente entre problemáticas pedagógicas e didácticas, cuja resolução implica a aplicação de conceitos e teorias educacionais. É neste quadro, ao qual se alia o conceito de profissional autónomo e reflexivo, que o professor desenvolve estratégias de intervenção, cumprindo assim o seu compromisso. Um compromisso que passa por conseguir proporcionar experiências de aprendizagem a cada um dos seus alunos, preparando-os numa sociedade que se quer democrática. Que ultrapassa uma restrita transmissão de conteúdos disciplinares, se adapta às características dos seus alunos e que se disponibiliza para a prática de uma pedagogia diferenciada que atende à diversidade e a singularidade de todos os que frequentam a escola e nela esperam aprender coisas significativas para sua vida.

A escola actual supõe saber enfrentar e resolver problemáticas cada vez mais complexas e uma prática reflexiva pode ajudar o professor a superar desculpas vazias e externas tais como a queixa, a culpa, a ingenuidade e o amadorismo. Porque os saberes desta profissão não estão só nos livros, há que aliar a parte teórica à parte vivencial através de uma reflexão das e sobre as práticas, fundamentada em teorias educacionais mas adaptada à vivida, que ajude o professor a reajustar-se e a construir uma prática pedagógica que se encontre com as suas convicções. O professor tem que ser antes de mais um produtor

de estratégias que se adaptem e se recontextualizem em cada uma das realidades que enfrenta e não um simples consumidor.
A dimensão reflexiva pode ser esse instrumento de formação que proporciona a oportunidade aos professores de desenvolverem uma profissionalidade, que seja continuada e nunca uma meta.

É neste quadro de formação da minha profissionalidade, que realizei o estágio pedagógico na Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, do qual resulta este relatório. Nele proporcionaram-se oportunidades de participação e aquisição de um conjunto de processos formativos para a resolução de problemas pedagógicos, dos quais depende a qualidade da educação escolar. Assumi por isso esta experiência formativa, tal como defende Perrenoud (2002:189), como uma oportunidade para realizar uma análise das minhas práticas adoptando uma postura reflexiva ao qual se aliou uma partilha com a professora cooperante.
Paralelamente, aconselhado e incentivado pelos orientadores, fui escrevendo um diário do professor onde ia narrando a minha passagem pelo estágio, intitulando-o de ”Memórias de Valadares”. Essa escrita de periodicidade semanal, foi postada na plataforma *www.moodle.up.pt,* e constituiu-se como uma forma de reconstituir mentalmente a actividade desenvolvida durante o dia dando-lhe sentido. Permitindo-me posteriormente a sua recuperação, no momento em que ia escrevendo este relatório.
A escrita de um diário, como nos diz Zabalza (2004), é “um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional”, por isso faz todo o sentido a sua adopção num professor que se pretende reflexivo. A escrita possibilita um “distanciamento reflexivo” sobre as nossas acções e uma forma de nos consciencializarmos sobre elas. Assim optei por ilustrar esta narrativa com passagens desses mesmos relatos, de forma a proporcionar a minha visão subjectiva e vivencial, ou uma “vivência subjectiva” como refere Correia (2001), transformando-a em objecto de análise face à distância que separa o momento de escrita desses relatos e o momento da escrita deste relatório.
Deste modo, o que agora se apresenta resulta da reflexão sobre um conjunto de experiências proporcionadas em estágio, confinadas a um denominador comum: a educação na sua conexão com a arte. Assim o relatório apresenta-

se num debruçar sobre o tema da educação implementado no terreno do Ensino em Artes Visuais, em alunos do 10º e 12º ano de escolaridade, do Ensino Secundário a frequentar o Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, no actual sistema de ensino português.

Para a sua escrita procurei um discurso que se despegue de palavras gastas e lugares comuns em que vulgarmente caem os discursos ligados à educação. Lembro as palavras de Nóvoa (2005) de que "em educação, tudo são evidências. Definitivas. Crenças. Doutrinas, Dogmas. Ilusões. Palavras gastas. Inúteis. O que é evidente, mente. Evidentemente". Tentarei por isso fugir a um discurso de retórica, assumindo-me neste texto numa postura reflexiva, de partilha e confrontação, expondo dilemas e incertezas sentidas durante o percurso.

Nele descrevo as actividades planeadas e operacionalizadas em conjunto com a professora cooperante, num trabalho de equipa, que me levou a optar por um discurso que oscila entre a primeira pessoa do singular, quando estiver a referir-me a situações conduzidas sozinho, e à primeira pessoa do plural, nas actividades conduzidas em conjunto com a professora cooperante. Um discurso partilhado só possível devido às dinâmicas construídas que permitiram a troca de ideias e debates constantes perante as práticas que se iam desenvolvendo.

Procurei também incluir caracterizações da escola, do meio e das turmas, para melhor se poder entender o contexto em que o estágio foi realizado, mas sem detalhes desnecessários que possam dificultar uma leitura fluida da narrativa. Tentei por isso não as separar de um envolvimento nas actividades desenvolvidas, incluindo-as nas descrições e análises das mesmas. Essa separação perde até sentido "quando se trabalha num universo tão pequeno, em um território exíguo, onde todos se conhecem, pelo menos superficialmente", sendo difícil "separar por completo a análise das práticas de uma análise das instituições e das relações sociais" (Perrenoud, 2002:122).

E só nesse território exíguo de tempo, espaço e intervenientes, referido por Perrenoud, é que o estágio pode ser entendido. Numa conjugação de factores e circunstâncias com as quais se fazem também as histórias dos professores. Por isso, apesar das planificações que apresenta e executa, o professor vive confrontado sistematicamente com um conjunto de situações imprevisíveis que

não pode controlar: o aluno que não faz o trabalho de casa, que não trouxe o material que era necessário, que não se empenhou o suficiente no trabalho. Outras ainda configuram-se como estratégias apetecíveis pelas quais os professores se dispõem a alterar as suas planificações: a articulação sugerida pela professora de filosofia, um programa de parceria entre a escola e um museu que entretanto foi divulgado na escola, etc.

Na actividade docente essa é uma situação frequente. As planificações e as linhas orientadoras que se traçam, são muitas vezes alteradas devido a um espaço de flexibilidade que o professor deve conceder, para manobrar as suas práticas de acordo com as turmas e as características de cada um dos seus alunos e também com as oportunidades que lhe surjam durante o decorrer do ano lectivo, retirando desta forma proveito pedagógico para cumprimento do programa da disciplina. Também neste estágio, houve a necessidade de adaptações e alterações, pelo que o caminho percorrido é diferente daquele traçado ao início. Ele foi-se transformando aula a aula, usufruindo das possibilidades que iam surgindo.

O relatório respeita assim a sequência cronológica das actividades desenvolvidas em estágio, dividida por alguns tópicos, num discurso pautado por fundamentos epistemológicos, que possam sustentar as opções tomadas. Seguindo uma linha de raciocino que nos guia numa viagem sobre os dilemas, as atenções, as problemáticas, as convicções e as decisões de um professor de Artes Visuais.

Muitos foram os assuntos convergentes e preocupações surgidas. Todos circunscritos a um espaço de preocupações pedagógicas e didácticas comuns, inscritas num terreno do Ensino em Artes Visuais. Naturalmente alguns provocaram-me mais atenção que outros, mas todos eles importantes num relatório que se pretende aglutinador e que só faz sentido num enquadramento global de todos os assuntos e temas referidos.

Proporciona-se todavia maior relevo a uma proposta de Unidade de Trabalho, planificada e operacionalizada em conjunto com a professora cooperante, incluída no projecto “Desenhar Pousão”, aberto às escolas e integrado nas comemorações de Henrique Pousão pelo Museu Nacional Soares do Reis e no programa Artes Educação e Comunidade a desenvolver pela Associação de

Professores de Expressão e Comunicação Visual, que visava promover parcerias entre organismos ligados à educação artística e instituições culturais.
O projecto "Desenhar Pousão" aparece assim como uma possibilidade de trabalho que associo a uma imagem do estágio como um espaço temporal e físico determinado, no qual nos movimentamos, ajustamos e agarramos as oportunidades que nos vão surgindo. E que neste caso me levou a estabelecer à partida um modelo diferente de interacção com a turma, com a hipótese de trabalhar em parceria com o Museu Nacional Soares dos Reis e com a Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, num projecto transdisciplinar e aberto a uma comunidade que permitiu paralelamente a partilha e a cooperação com outros professores e outros alunos.
Nele houve também a possibilidade aplicar conceitos e metodologias de intervenção e educação artística, numa actuação articulada que facilitou a aproximação dos alunos ao museu, através da visita de estudo e da exposição dos seus trabalhos no próprio espaço do museu.
Ao mesmo tempo permitiu questionar convicções interiorizadas, reflexo de um estudo anterior que produzi na minha tese de licenciatura[1], de que as visitas de estudo podem ser estratégias promotoras do processo de aprendizagem em cada um dos meus alunos, aliando as preocupações educativas de transmissão do programa da disciplina às concepções metodológicas do ensino artístico.
Desta forma tento constituir-me como autor, mobilizador e recontextualizador de recursos que possibilitem experiências de aprendizagem significativas para alunos, fugindo às rotinas estabelecidas na sala de aula e procurando outros espaços de aprendizagem. Ao defender estas convicções, que assumo como condutoras nas minhas práticas, estou também, propositadamente, a fazer delas objecto de estudo e reflexão. Numa atitude compatível com uma postura reflexiva, que me permite confrontar, abalar e percepcionar outros caminhos para as minhas práticas.

[1] A minha Tese de Licenciatura intitulada "As actividades extra-curriculares", realizada em Maio de 2001, referia as visitas de estudo e as parcerias entre a escola e instituições exteriores à escola como motivadoras e potenciadoras de aprendizagens significativas.

No fim não pretendo encontrar conclusões, nem procuro soluções para os problemas aqui levantados. O texto que apresento é sobretudo vivencial e reflexivo, como constatamos nos recursos constantes aos meus relatos semanais. Um testemunho da minha expressão como professor, num caminho de formação, numa viagem que também pretendo que seja solidária, de partilha e cooperação. Prefiro por isso definir este relatório como uma partilha reflexiva onde as investigações e reflexões nele conduzidas podem levar e já me estão a levar, a novos entendimentos e reposicionamentos nas minhas práticas enquanto professor. Numa assunção plena do meu compromisso, que munido dessa postura reflexiva me leva a procurar estratégias para transmitir o programa da minha disciplina a cada um dos meus alunos, através de aprendizagens significativas e significantes.

CAPITULO I

Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional.

Nóvoa,1992:25

1.1 – O Professor em Busca de uma Formação Continuada

O professor deve mover-se permanentemente na procura de novos saberes para resolver problemas com os quais continuamente é confrontado, mas também para atingir a sua realização pessoal. É nessa movimentação de envolvimento constante e de investimento numa formação enraizada em saberes científicos e pedagógicos, mobilizando também competências práticas para a enfrentar novas exigências, que surgiu a oportunidade de realização do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Foi esse desejo de aprendizagem permanente que criou em mim a necessidade de voltar à escola, de debater e partilhar experiências, de conhecer as inovações, de confrontar modelos, formas de intervenção e avaliação dos resultados.

Porque nunca é inútil saber mais, entendo que o professor deve almejar um maior domínio daquilo que faz, não para ensinar tudo, como nos diz Perreunoud (2002:47), "mas para se ter uma margem, dominar a matéria, relativizar os saberes e ter a suficiente segurança para realizar pesquisas com os alunos ou para debater o significado dos saberes".

O avanço natural dos tempos provoca novas exigências numa sociedade em permanente mudança, reclamando por respostas adequadas. O professor é um agente dessa mudança, o que implica a necessidade de ser inquieto diante dos desígnios teóricos racionalmente afirmados, sem ignorar os avanços em todas as áreas do saber.

Assim, é na qualidade de professor já profissionalizado[2] que me candidato à obtenção de grau académico de mestre, na perspectiva de ampliar os meus saberes científicos e pedagógicos, enriquecendo-me para exercício da minha profissão na especificidade do Ensino em Artes Visuais.

Durante alguns anos, no exercício da minha docência, fui experimentando a formação inicial construída com a Licenciatura. Porém, senti estar no momento de dilatar essa formação, que associo à imagem do mergulhador que entra cada vez mais fundo, em vez de nadar somente à superfície, no espaço circunscrito ao Ensino em Artes Visuais. Essa ideia de alimentar uma formação continuada, paralela ao exercício da minha profissão, prende-se assim na procura sistemática e perene de me constituir um melhor professor.

> "Todo o professor do ensino fundamental pode ser – deve ser – um pesquisador sobre seu próprio ensino. Alguém que questiona permanentemente os saberes que ensina. Alguém que escapa ao mesmo tempo, à preguiça expositiva e ao enquistamento repetitivo. Formar-se, em formação inicial e continuada, não significa outra coisa: pesquisar, construir, analisar, confrontar, com colegas e com especialistas, situações de aprendizagem" (Meirieu, 2006:44)

A Lei de Bases do Sistema Educativo Português (lei n. 46/86 de 14 de Outubro, alterada pela lei 49/2005 de 30 de Agosto) define a formação de professores como um dos vectores fundamentais da educação que se quer em Portugal, conferindo no seu texto uma formação contínua "que complemente e actualize a formação inicial numa perspectiva de educação permanente". Sendo também esta a forma do professor progredir na carreira.

No artigo 38º da mesma Lei, totalmente destinado à formação contínua, reconhece-se a todos os educadores, professores e outros profissionais da educação o direito à formação contínua, de modo a assegurar o complemento, aprofundamento e actualização de conhecimentos e de competências profissionais. Refere-se ainda que essa formação deve ser assegurada predominantemente pelas respectivas instituições de formação inicial, neste caso em escolas do ensino superior.

[2] Licenciatura em Ensino em Professores do 2º ciclo do Ensino básico, Variante de Educação Visual e Tecnológica.

O Decreto-lei n.º 344/89 de 11 de Outubro, que estabelece o ordenamento jurídico da formação de professores dos Ensinos Básico e Secundário refere no seu artigo 25º que a formação contínua constitui um direito e um dever dos professores visando promover a actualização e aperfeiçoamento da actividade profissional, bem como a investigação aplicada e a divulgação da inovação educacional, definindo em seguida (artigo 26º, nº1) os objectivos fundamentais:

> a) Melhorar a competência profissional dos docentes nos vários domínios da sua actividade;
> b) Incentivar os docentes a participar activamente na inovação educacional e na melhoria da qualidade da educação e do ensino;
> c) Adquirir novas competências relativas à especialização exigida pela diferenciação e modernização do sistema educativo.

Ainda neste artigo mas no ponto 4 podemos ler que "a formação contínua constitui ainda condição de progressão na carreira". Ou seja, a formação contínua vista como um dever burocrático e condicional em vez de uma vontade implícita a quem quer abraçar esta profissão. Situação que tem transformado e artificializado a formação contínua num processo burocratizado, que tem como único fim o amealhar de créditos para a respectiva subida de escalão e o correspondente aumento de ordenado.

Perrenoud (2002), por exemplo refere que a formação deve partir da vontade do próprio professor por motivos fortemente ligados à sua identidade e vinculados à construção de saberes.

Remetemo-nos deste modo para o professor que também se constitui como aprendiz, que elabora um projecto pedagógico próprio através de uma formação continuada na procura permanente de novos saberes profissionais.

1.2 – A Dimensão Reflexiva na Formação do Professor

Segundo alguns autores (Nóvoa, 1992; Garcia, 1992; Schon, 1992; Zeichner, 1992 ou Perrenoud, 2002 e outros) a construção e o desenvolvimento da identidade profissional do professor começam na sua formação. É aí que se poderão reunir uma série de competências para o exercício da sua função ou a afirmação do que é específico na acção docente, tais como o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor. Nóvoa (1992) afirma que "é na formação que se produz a profissão docente" (1992:18) e que esta "pode desempenhar um papel importante na configuração de uma 'nova' profissionalidade docente" (1992:24).

Perrenoud (2002) defende a formação como um propulsor para elevar o nível de competência da profissão, aumentando os saberes científicos e pedagógicos e o *savoir-faire*[3], podendo também transformar "a identidade do professor e sua relação com o saber, com a aprendizagem, com os programas; sua visão da cooperação e da autoridade e seu senso ético" (2002:12). Ou seja a formação como um instrumento de profissionalização, sendo esta definida como "competências de alguém que elabora conceitos e executa-os" e o profissional como "pessoas competentes para saber o que devem fazer, sem serem limitadas estritamente por regras, directrizes, modelos, programas, horários e procedimentos padronizados". Para este autor "os profissionais sabem muito bem o que fazer e como devem fazê-lo" (2002:10-12).

Assim a formação desenvolve no professor um conjunto de saberes teóricos, metodológicos e saberes de acção que concedem ao profissional autoridade e autonomia na sua profissão.

Sobressai assim um modelo de formação de professores assente numa forte dimensão reflexiva, que estimule "uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada" (Nóvoa,1992:25), que assuma os

[3] O "savoir-faire" referido por *Perrenoud* refere-se não a um *saber fazer* numa tradução directa, mas a "uma disposição interiorizada, construída, por vezes laboriosamente, que nos dá o domínio prático da acção" (2002:85).

professores como "produtores da sua profissão". Uma dimensão reflexiva que esteja "no centro de todas as competências profissionais, tendo em vista que ela constitui seu funcionamento e seu desenvolvimento" (Perrenoud, 2002:20). Surge o paradigma do professor reflexivo como o professor preparado para reflectir e para "assumir uma responsabilidade política e ética" (Perrenoud, 2002:54), orientado na sua formação, de forma desenvolver principalmente o saber-analisar.

> "A reflexão é, na actualidade, o conceito mais utilizado por investigadores, formadores de professores e educadores diversos, para se referirem às novas tendências da formação de professores. A sua popularidade é tão grande que se torna difícil encontrar referências escritas sobre propostas de formação de professores que, de algum modo, não incluam este conceito como elemento estruturador" (Garcia, *in* Nóvoa 1992:59)

O termo reflexão aponta para um pensamento atento e distante da acção, que nos remete para alguém que pretende rever, equacionar e melhorar a sua acção. Esta perspectiva é defendida a partir de fins do século XIX por Dewey, ligando-a à educação, que segundo Garcia (*in* Nóvoa, 1992:60), "no ensino reflexivo se levava a cabo o exame activo, persistente e cuidadoso de todas as crenças ou supostas formas de conhecimento, à luz dos fundamentos que as sustentam e das conclusões para que tendem". Ou seja, a reflexão permite admitir a existência de crenças erradas para a alteração de atitudes e estratégias futuras.

Donald Schön situou a reflexão a partir da análise e interpretação da própria prática do professor, propondo e distinguindo os conceitos de "reflexão na acção", "reflexão sobre a acção" e "reflexão sobre a reflexão na acção", defendendo que a reflexão acontece num processo dialogante entre as convicções e as acções. A "reflexão-na-acção" ocorre durante a prática manifestando-se no *saber fazer*, enquanto que a "reflexão sobre a acção" ocorre num momento posterior à prática onde se consciencializa o conhecimento que já se trazia, se procuram as falsas convicções e se reformula o pensamento. Sugere ainda a "reflexão sobre a reflexão na acção", que refere como um olhar retrospectivo da acção, reflectindo sobre a reflexão feita no momento da acção, considerando já os contextos em que ocorreram.

Garcia (*in* Nóvoa, 1992) afirma também a importância da contribuição de Schon, por ter sido o primeiro a destacar o conhecimento específico que o professor constrói através da sua própria prática. Referindo-se às competências profissionais circunscritas a um cenário específico, incerto e de conflito, conduzido e formalizado pela própria prática sendo sempre pessoal e implícito. Resulta de "uma elaboração pessoal do professor ao confrontar-se com o processo de transformar em ensino o conteúdo aprendido durante o seu percurso formativo" (Garcia, *in* Nóvoa 1992:57).

Compreendemos assim que a reflexão levada a cabo pelo professor durante e após as suas práticas, conduzem-no à produção de um conhecimento específico que não poderá ser aprendido através dos livros. Segundo Nóvoa (2001) esse conhecimento próprio e específico da profissão, agrega os conhecimentos disciplinares ou científicos que os professores devem ter, aos conhecimentos pedagógicos que estão na posse dos pedagogos e que os professores também devem ter, juntando a estes o conhecimento profissional que é feito na prática, na experiência e na reflexão sobre elas.

Esta reflexão sobre a prática permite "vislumbrar uma perspectiva dos professores como profissionais produtores de saber e de *saber-fazer*" (Nóvoa *in* Nóvoa, 1992:16), pelo que se constitui como um elemento fundamental para a autonomia do professor e para o seu desenvolvimento profissional e que faz deslocar a formação de professores de uma perspectiva excessivamente centrada nas dimensões académicas para uma perspectiva centrada no terreno profissional.

O professor reflexivo é aquele que pensa as suas práticas e que adopta mecanismos que estimulem essa reflexão. Perrenoud (2002) propõe a análise das práticas como um dispositivo que estimule a prática reflexiva no professor defendendo que ao analisar as práticas o professor enfrenta o desafio para a interpretação das mesmas, implicando uma explicação e um envolvimento num sentido de racionalização. E recorre a René Barbier para definir as práticas como saberes de acção, ou seja, as práticas não são simples adaptações dos conhecimentos às realidades e aos contextos, mas antes um meio de reaprender de outra forma e de assimilar os conhecimentos anteriores através da sua mobilização na acção.

Acima de tudo, o profissional reflexivo deve ser capaz de controlar a sua evolução, construindo competências e saberes novos ou mais profundos a partir das suas aquisições e da sua experiência. Mas só o facto de ter passado por êxitos e fracassos não chega. Na verdade, o quotidiano de qualquer pessoa é preenchido por pensamentos e reflexões constantes e a realidade do professor não é excepção. Poder-se-ia então dizer que o professor, como qualquer outro ser humano, é naturalmente reflexivo, não necessitando desta prática ser impulsionada pela formação de professores. Porém autores como Garcia (1992), Nóvoa (1992), Perrenoud (2002), Schon (2000) ou Zeichner (1993) alertam para a diferença entre uma reflexão normal, que qualquer um de nós faz como seres racionais e ponderados, da dimensão reflexiva que se pretende para o professor, argumentando que este só se torna reflexivo se adoptar uma atitude diferente e consciente.

Uma verdadeira dimensão reflexiva implica uma prática reflexiva que só acontece quando o professor adopta uma postura reflexiva permanente, sempre inscrita numa relação analítica de conversação com a acção. Uma prática que envolve um questionamento constante, persistente e atento, ponderando as consequências das práticas adoptadas. De acordo com Perrenoud (2002:47) o professor deve adoptar sempre "uma postura e uma prática reflexivas que sejam a base de uma análise metódica, regular, instrumentalizada, serena e causadora de efeitos" o que exige uma postura e uma identidade muito concreta.

A adopção de uma postura reflexiva leva por isso o professor a uma "(re)construção permanente de uma identidade pessoal" (Nóvoa,1992:25) constituindo-se como "um meio para uma mudança pessoal" (Perrenoud, 2002:121).

Não existe porém um método que nos permita sistematizar essa prática reflexiva, aquilo que Perrenoud (2002) apelida de "ilusão metodológica", ou seja, a ideia falsa de que poderá existir um conjunto de procedimentos determinados e regras de método, as quais permitiriam uma elaboração controlada desta prática. Embora se procure resolver problemas através de uma análise holística da situação, requer-se também uma parte intuitiva e emocional por parte do professor. O ensino não é uma prática exclusivamente de pesquisa, na medida em que é exercida em condições de tomadas de

decisão em curtos espaços de tempo e "o valor do saber é medido mais pela sua eficácia pragmática do que pela coerência teórica" (Perrenoud, 2002:101). Assim "a principal regulação da prática docente provém da reflexão do próprio profissional, desde que ele seja capaz de propor questões, de aprender a partir da experiência, de inovar, observar, ajustar progressivamente sua acção às reacções previsíveis dos outros" (*Ibidem*).

O profissional reflexivo é alguém que analisa regularmente as suas acções, sendo a reflexão uma expressão da sua consciência profissional. Ele reflecte sobre a sua relação com o saber e o saber-fazer próprios da sua profissão; sobre os intervenientes no processo de aprendizagem; sobre as relações de poder que se estabelecem na sua profissão; sobre a escola e as instituições com quem lida; sobre o tempo e o espaço em que estas relações estão a acontecer; e sobre a sua forma de superar limites ou de se tornar mais eficaz.

Um outro aspecto importante é que o professor ao reflectir as suas práticas aceita fazer parte do problema. Porque uma análise das práticas não anda à procura de culpas e desculpas para os fracassos ou insucessos. O que importa é uma problematização da situação, que o leve a novos entendimentos sobre o problema, possibilitando novas estratégias de acção.

Um professor que não abraça esta vertente reflexiva sobre o ensino, corre o risco de actuar de acordo com uma rotina, aceitando uma realidade instituída com soluções definidas por outros. Pelo contrário o professor reflexivo é capaz de procurar soluções próprias, de acordo com as suas convicções, experiência, imagens e valores. A reflexão é o primeiro passo para quebrar e se libertar dos comportamentos de rotina, como nos diz Zabalza (2004:23), "a introdução de preposições reflexivas na acção de ensinar faz com que saiamos de um terreno de certezas, rotinas, etc. para um terreno de tomada de decisões, de debate, de insegurança, de criação…" Por isso consegue imaginar e criar as suas próprias práticas num processo de investigação-acção para o qual parte das convicções que tem, sobre as teorias educacionais, das quais mantém uma perspectiva independente e crítica, tendo em conta o seu contexto escolar único. A estratégia que a seguir implementa é envolvida num permanente processo reflexivo de vaivém entre o acontecer e o compreender que por sua vez origina investigações e transformações futuras porque é isso que caracteriza o professor como um profissional racional:

> "(…) suas acções em um contexto indeterminado cujas vinculações com as normas gerais e cujo sentido singular deve ser capaz de discriminar para adaptar suas decisões a essa conjunção dialéctica. Nesse sentido, se fala do professor como um prático, é isso que põe seu conhecimento em acção nas situações específicas, e do ensino como actividade exploratória em que se vai conjugando o desejável com o possível e o conveniente em cada situação". (Zabalza 2004:22).

Na prática os professores deparam-se com situações problemáticas que obrigam a decisões num curto período de tempo e num espaço de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito, que exigem respostas únicas. Por isso o professor deve ter também a capacidade de se envolver e compreender o contexto em que se insere, afirmando-se a necessidade de se "desenvolver a capacidade de reflectir sobre o sistema e sobre as estruturas da acção individual ou colectiva" Perrenoud (2002:23).

Deste modo, autores como Garcia (1992), Schon (1992, 2000), Zeichner (1993), Perrenoud (2002) defendem também uma reflexão feita em conjunto, dos professores com os seus pares ou seus formadores, de forma a facilitar a criação de modelos e estratégias reflexivas. Para Nóvoa (1992:16) "o diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional", porque foi a "ausência de um projecto colectivo, que dificultou a afirmação social dos professores, dando azo a uma atitude defensiva mais próxima de funcionários do que de profissionais autónomos" (Nóvoa,1992:23). Por isso Perrenoud (2002) afirma que o desenvolvimento profissional só acontece verdadeiramente quando os professores trabalham em equipa.

Nesse sentido "a existência de uma escola que tenha um projecto articulado, que funcione de modo eficaz, passa necessariamente pela construção e articulação de uma prática colectiva, por um sentimento de solidariedade entre professores e entre professores e alunos" (Correia e Matos; 2001), porque "o diálogo entre colegas da mesma profissão contribui para romper o isolamento do professor" (Garcia *in* Nóvoa, 1992:70).

A reflexão tem vindo, como vimos, a ser defendida como uma forma do professor desenvolver a sua autonomia, dentro de uma consciência e de um

conhecimento profissional, que lhe permite tomadas de decisão, assumindo a sua total profissionalidade. Paralelamente, esta dimensão reflexiva só faz sentido se ela incidir sobre uma análise das práticas por parte do próprio professor, num processo de conversação permanente, emancipando-se profissionalmente, que o faça sair das rotinas, dentro de um processo de investigação-acção. Porque o professor reflexivo preocupa-se não só com a matéria que tem de ensinar aos alunos, mas também na forma como os alunos aprendem. E é esta preocupação que se configura como a percursora necessária da curiosidade do professor sobre a sua prática, que o conduz à reflexão, distinta da prática de rotina. Nesta perspectiva, o professor abriga-se a criar condições para que aconteçam aprendizagens. Ao reflectirem sobre as práticas, os professores desencadeiam novas formas de pensar, de compreender e de agir, conquistando maior lucidez sobre elas. Uma reflexão sobre a prática é sempre superior à simples ocorrência, porque proporciona aos professores oportunidades para o seu desenvolvimento até uma consciencialização sobre o que é ser professor.

1.3 – O Diário de Aula como Instrumento de Reflexão

Da necessidade dos programas de formação de professores adoptarem uma concepção de formação baseada numa dimensão reflexiva indissociável da acção dos professores, sugere-se o diário de aula como instrumento que promova uma capacidade destes reflectirem sobre a sua prática.

> "Certamente sua capacidade de penetração nos campos subjectivos e individuais, a função de *empowerment* metodológico que exerce sobre os professores (…), sua elasticidade e sua fácil complementação com outras técnicas o transformam em um instrumento útil e eficaz no processo de formação dos professores". (Zabalza 2004:14).

Os diários de aula são definidos por Zabalza (2004:13) (ver também Holly, 1992) como documentos em que professores e professoras anotam as suas impressões sobre o que vai acontecendo nas suas aulas, defendendo que não tendo que ser uma escrita diária, deve pelo menos manter uma linha de continuidade na sua redacção. Além de que as informações recolhidas não se devem cingir ao espaço físico da sala de aula, alargando-se a outros âmbitos da actividade docente e a outros espaços de aprendizagem.

Ainda segundo Zabalza (2004) e do ponto de vista metodológico, estas narrativas são consideradas como "documentos pessoais" ou "narrações auto-biográficas", pelo que se inserem numa corrente de pesquisa educativa de orientação qualitativa.

Escrever um diário é como travar um diálogo consigo mesmo, um meio de expressão de vivências e emoções, uma forma de descarregar tensões internas acumuladas. Com ele racionaliza-se a vivência ao escrevê-la, associando à escrita a actividade reflectiva, e o que tinha uma natureza emocional passa a ter, a partir desse ponto, uma natureza cognitiva.

Permite também visualizar situações que frequentemente se encontram ocultas à percepção quando se está envolvido nas acções quotidianas e preserva a memória dos factos de uma distorção que o tempo inevitavelmente introduz. Com o diário consegue-se facilmente perceber aquilo que os professores pensam durante o processo de planificação e operacionalização do seu trabalho.

Desta forma, e perante as informações recolhidas no diário, podemos racionalizar sobre tudo o que é descrito, reconstituindo mentalmente a actividade, conferindo-lhe em seguida um sentido. Assim, constituiu-se facilmente como um recurso de reflexão e lucidez profissional, pois reconstrói a experiência, dando a possibilidade de distanciamento e análise, podendo posteriormente partilhá-la e analisá-la juntamente com os seus pares. Um recurso para chegar aos dilemas práticos da profissão, para avaliar e reajustar processos didácticos e por isso contribuir para um desenvolvimento profissional permanente, através de um comportamento auto-analítico.

A leitura do conteúdo do diário facilita a construção de uma percepção mais fiel e completa da sua acção. Porém essa escrita deve ultrapassar o simples relato do acontecimento, completando-a com uma análise das causas que o motivaram, bem como das suas consequências.

Deste modo, uma escrita sobre as suas acções é um recurso que permite aos professores transformarem-se em investigadores de si próprios, exercendo uma verdadeira prática reflectiva, pois ao escrever ganha consciência sobre elas, analisa-as aprofundando a compreensão do significado delas. Este processo contribui para aquilo que Zabalza (2004) denomina de uma espécie de "círculo de melhoria" que possibilita a revisão e melhoria da nossa actividade como professores. Que consciencializa os professores através de uma análise da informação até à "previsão da necessidade de mudanças, a experimentação de mudanças e a consolidação de um novo estilo pessoal de actuação" (Zabalza 2004:11). Iniciando-se a partir deste ponto, um novo ciclo.

CAPITULO II

A arte (do professor) é ter como referência a experiência para depois sair desse âmbito, afastar-se progressivamente do "muro das lamentações" ou da simpatia recíproca, construindo conceitos e saberes partindo das situações e das práticas relatadas.

Perrenoud, 2002:180

2.1 – Ponto de Partida: O Contacto com o Estágio

O estágio na Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, integrada numa área suburbana da freguesia de Valadares, Conselho de V. N. de Gaia[4], foi uma oportunidade de realizar uma experiência, pondo em prática os conhecimentos e competências adquiridos na parte curricular da formação. Esta foi uma experiência circunscrita a um enquadramento espaço-temporal fulcral para o entendimento das possibilidades de percursos que gerou e a tomada de rumo que se assumiu.

> "Terça – Feira, oito e meia da manhã. Chego à escola de Valadares como combinado com a professora Ana Luísa para assistir à primeira aula de Desenho A do 10º E. Uma turma de 27 alunos, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos[5]." (ANEXO I b – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 09 de Outubro de 2009).

Desde o inicio deste estágio que me situei numa determinada posição que em variados momentos me pareceu estranha, referindo-a por diversas vezes no Diário de Estágio:

> "Ser estagiário, é um lugar estranho. Na minha experiência em particular, tenho sentido essa estranheza…" (ANEXO I m – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 08 de Janeiro de 2010).

[4] Ver o Projecto Educativo da Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves (Anexo V).
[5] Ver Caracterização da Turma, no seu Projecto Curricular de Turma (Anexo VI b)

Uma estranheza que se relaciona sobretudo com a minha condição de professor profissionalizado que já realizou um estágio pedagógico integrado na licenciatura, de onde acontece uma natural e inevitável comparação entre os dois.
Naturalmente com os anos acumulados da profissão, torna-se também estranho estar numa sala de aula sem começar a dar indicações e auxilio ao trabalho dos alunos. Sobretudo quando a professora cooperante me possibilitou total espaço de manobra e movimento dentro da sala de aula.

Mas se estranhei algumas situações, outras houve em não posso dizer o mesmo. Um aspecto importante era a possibilidade que tinha de acompanhar os estágios dos meus colegas em outras escolas através da leitura dos seus diários *on-line*. De facto uma das preocupações manifestadas por eles era a dificuldade na compreensão e adaptação a hábitos, nomenclaturas e abreviaturas instituídas na escola. A experiência que transporto coloca-me numa posição de familiaridade com estes aspectos, aos quais não tive qualquer dificuldade em me adaptar e em compreender, como referi no Diário de Estágio:

> "Devo confessar, que não tenho nenhum estranhamento nesse sentido. Não dou por mim a pensar no que é ou o que se faz numa reunião de avaliação, no que se escreve no sumário, o que é o PCT, o PAA ou ainda o PEE. São coisas normais e já inseridas no meu quotidiano. (…) Perceber a organização de uma escola, entrar na rotina é algo que se adquire, assimila e depois nem se dá por ela". (ANEXO I d – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 18 de Outubro de 2009).

Desta forma fiquei livre para outras percepções, deixando-me espaços para me manobrar de forma diferente e para novos entendimentos. Uma posição que considerei como um "papel privilegiado de observador das aulas da professora cooperante", e que se opõe claramente à posição de estranheza que mencionei atrás.

> "Considero-me mais um observador, que trago para o meu retiro informações que me fazem reflectir". (ANEXO I m – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 08 de Janeiro de 2010).

De facto, principalmente nas primeiras aulas, cingi-me às observações na sala de aula. Uma "posição privilegiada" que me concedeu algum distanciamento, permitindo observações e análises diferentes daquelas a que tinha acesso no meu quotidiano como professor. Situação que no início e em determinados momentos me puseram um pouco desconfortável, na medida em hesitava em intervir quando via algum comportamento menos correcto por parte dos alunos. Mas que rapidamente percebi a oportunidade singular que me proporcionava, permitindo-me ser uma espécie de *outsider*, com livre acesso às movimentações dos alunos, normalmente ocultas ao professor. Aproveitando esta circunstância para proceder a análises diferentes das que faria se estivesse eu a dar a aula.

Outra situação que considerei de privilégio foi o espaço de partilha e cooperação que existiu com a professora cooperante.

> "Terminada a aula reuni com a professora Ana Luísa o resto da manhã para estabelecermos algumas estratégias de trabalho para este estágio". (ANEXO I b – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 09 de Outubro de 2009).

Dentro do regime de estágio, estava combinado haver reuniões semanais entre o estagiário e a professora cooperante. Estes encontros, que ocorriam semanalmente nas instalações da escola, foram um eixo fundamental na contextualização e na dinamização de todo o estágio. As acções propostas, assim como as avaliações posteriores das mesmas, tiveram sempre o seu ponto de partida nestes encontros. Era esse espaço de partilha, onde colocava as minhas convicções mas também as minhas dúvidas, que regulava toda a actividade de estágio.

Era também um espaço de análise:

> "(…) analisámos o programa de Desenho A do 10 ano, e (…) a forma como a professora cooperante estrutura e concebe as suas aulas de acordo com o programa

> da disciplina". (ANEXO I b – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 09 de Outubro de 2009).

Analisávamos igualmente as práticas que foram sendo implementadas e os comportamentos dos alunos.

Era por isso um espaço em que deambulávamos por temáticas transversais a muitas áreas da pedagogia e que muitas vezes se confundia com um confessionário de desabafos das nossas hesitações e desânimos.

De facto, o sucesso desta experiência de estágio em muito se deve a esta partilha com a professora cooperante, que se constituiu até como uma referência enquanto professora da disciplina de Desenho A. Um contributo que começou na total disponibilidade para o trabalho que desenvolvi, estendendo-se ao contributo com sugestões e conselhos.

> "Devo referir que as aulas dadas pela professora Ana Luísa têm sido para mim uma referência. Na verdade tudo o que ela diz me parece claro, e que não podia ser dito de outra forma". (ANEXO I c – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 16 de Outubro de 2009).

2.2 – Desenhar um Caminho na Disciplina de Desenho A

A carga horária semanal atribuída à disciplina de Desenho A, 10º Ano, é de 315 minutos dividida em três blocos (dois de 90 minutos e outro de 135 minutos). Desses três assisti regularmente a dois blocos, não assistindo a um bloco de 90 minutos. Além disso a turma divide-se em dois turnos no bloco de 135 minutos, tendo eu participado no turno da tarde.

Este contacto com a disciplina de Desenho A, 10º ano, permitiu-me uma reflexão sobre a minha relação com os conteúdos que nela se abordam e o facto de não ter uma formação superior em Artes. Procurei perceber melhor o seu domínio, nomeadamente o programa e a forma como se enquadra no currículo do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais. Este foi aliás um tema presente em grande parte das conversas entre mim e a professora cooperante.
Neste sentido e procurando num domínio mais ao nível da prática, debruçamo-nos sobre a planificação anual realizada, concedendo-me percepções de formas de implementação, iniciando-se paralelamente o processo que me permitisse a colaboração nas práticas da sala de aula.

Respeitando o programa da disciplina, as aulas iniciaram-se com um módulo de avaliação diagnostica para verificar os conceitos e competências essenciais supostamente adquiridas no Ensino Básico, com o objectivo de detecção de lacunas e reposição de conhecimentos. Constituiu-se também num momento de confronto, no qual o estudante tomou um primeiro contacto com a Área das Artes Visuais.
Na planificação previam-se exercícios que detectassem as capacidades dos alunos na observação e registo com poder de análise, dando especial atenção à morfologia geral, à proporção entre as partes e à relação forma - fundo.

> "A proposta tinha como enunciado a representação de uma figura que estava impressa numa fotocópia entregue aos alunos. A imagem era a de uma maçã (a preto e branco de fotocópia) iluminada por trás e por cima, estando a parte da frente com sombra própria e uma projecção da sombra da maçã para a frente. Os alunos deveriam, segundo o enunciado, preocupar-se com a ocupação de mais de 2/3 do espaço.

> Teriam também que fazer um registo de valores de claro-escuro, sombra própria e projectada, utilizando ou o ponto ou a linha. Como meio riscador utilizavam a caneta". (ANEXO I b – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 09 de Outubro de 2009).

Propunha-se também perceber, nestes exercícios o domínio do aluno dos meios actuantes, materiais e instrumentos riscadores, na modelação da forma, e limitando a execução aos elementos estruturais da linguagem plástica, neste caso o ponto e a linha, dando ainda a conhecer ao professor o entendimento do aluno quanto à capacidade de ocupação da folha (espaço disponível para o desenho), através de processos automáticos de transferência.

De acordo com a análise efectuada, os alunos demonstraram inúmeras dificuldades, escritas numa grelha (anexo IV) apresentada no Conselho de Turma intercalar do primeiro período, onde se referiram as competências não desenvolvidas e as correspondentes necessidades dos alunos.

Também nesta fase se começaram a perceber as dificuldades de concentração na realização dos trabalhos, que se vieram a constituir como as principais preocupações não só desta disciplina mas de todo o Conselho de Turma, realizando-se mais tarde uma reunião extraordinária com os Encarregados de Educação por causa do aproveitamento e comportamento da turma.

Naturalmente estas condições pautaram a actuação e as estratégias dos professores nas actividades seguintes.

Terminado o módulo de avaliação diagnostica, surgiu uma oportunidade para uma Unidade de Trabalho articulada entre as disciplinas de Filosofia e Desenho A. Inicialmente, de acordo com a planificação anual, previa-se realizar em seguida a ilustração de um pequeno texto. E esta alternativa de ilustração de frases construídas na aula de filosofia configurou-se como uma possibilidade de articulação interdisciplinar que se adaptava à planificação prevista.

> "A ideia dos marcadores de livros foi então adoptada pela professora cooperante, para desenvolver uma actividade que inserisse os conteúdos da disciplina e desenvolvesse competências específicas de Desenho A". (ANEXO I c – "MEMÓRIAS DE

VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 16 de Outubro de 2009).

A articulação entre disciplinas traz para o currículo do aluno um enriquecimento através da possibilidade de integração recíproca de vários campos de conhecimento concedido pelas diferentes disciplinas, alcançando um saber unitário e trabalhado em parceria.

Em termos organizacionais estas propostas de articulação têm o seu espaço de construção nas reuniões de Conselho de Turma, sendo aí incluídas nos Projectos Curriculares de Turma. Porém, é por vezes nos corredores ou espaços de convívio da escola que elas são idealizadas e conversadas. Nestes casos a sua inclusão no Projecto Curricular de Turma, é muitas vezes feito já com o trabalho a decorrer, ou até mesmo concluído. Percebe-se assim que muitos dos textos que preenchem estes Projectos, que abundam na escola e que foram implementados a partir da Reforma Curricular de 2001, apesar de bem intencionados, são muitas vezes construídos artificialmente pelos professores, com a finalidade de se defenderem perante a obrigatoriedade destes documentos.

Para a organização desta Unidade de Trabalho teve-se em conta o diagnóstico realizado anteriormente onde se constatou que os alunos se confrontaram com as suas dificuldades várias, que se incidiam especificamente nos domínios do saber e saber-fazer. Ponderamos, por isso, não entrar de imediato em exercícios que implicassem a representação do real, adiando-os dessa confrontação com as suas dificuldades, receando que esse confronto pudesse agir negativamente face a outros domínios que os alunos ainda tinham que adquirir. Nesse sentido, procuramos estratégias que possibilitassem o desenvolvimento da linguagem plástica, a exploração de materiais e instrumentos, sem as frustrações que pudessem advir das suas dificuldades.

Optou-se então por dirigir esta Unidade de Trabalho para o desenvolvimento da capacidade de criar novas mensagens visuais através da utilização de conceitos proposto pelos alunos.

> "Cada aluno tinha à sua escolha frases soltas, desenvolvidas por eles próprios e por colegas seus (em filosofia). Dessas frases os alunos escolhiam uma e identificavam as palavras-chave que por sua vez iriam originar novas palavras que fossem sinónimos ou que de alguma forma estivessem ligadas a essas palavras-chave. Em seguida iam pesquisar significantes para cada uma das palavras associadas à palavra-chave que representariam através do desenho". (ANEXO I c – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 16 de Outubro de 2009).

Como forma de desenvolver os conceitos e as competências previstas, a professora cooperante ia procurando sistematicamente estratégias, valendo-se de todos os meios disponíveis para a sua aplicação.

> "A aula (…) de hoje, iniciou-se com uma apresentação à turma de composições visuais (folhetos publicitários, cartazes) através da projecção de diapositivos, com intervenções dos alunos e debate sobre as imagens". (ANEXO I c – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 16 de Outubro de 2009).

Neste caso a estratégia, definida por Font (2007) como um conjunto de procedimentos levados a cabo pelo professor que conduzem o aluno a construir um conhecimento sobre determinado assunto, consistiu numa apresentação de imagens, seguida de comentários com debate de ideias sobre essas imagens, abrindo-se também espaço de expressão para os alunos intervirem com uma opinião fundamentada. Propôs-se em seguida a apresentação individual dos trabalhos que cada aluno estava a desenvolver, pedindo que todos fossem comentando os trabalhos uns dos outros, incluindo propostas de intervenção.

Todas estas actividades foram sendo executadas como um processo, onde os alunos a cada aula exploravam diferentes técnicas, acompanhados de exercícios que os ajudassem a obter um maior domínio dessa mesma técnica: A pintura a guache; exercícios de mono e policromia; exploração de diferentes meios riscadores e técnicas (lápis de grafite de diferentes durezas, caneta preta fina, aguada a pincel, lápis de cor de aguarelas, lápis de cera e colagem). Desta forma iam-se dissolvendo muitas das debilidades técnicas apresentadas

pelos alunos, em situações que teoricamente não esperaria encontrar a este nível de ensino.

> "Apesar de estar na presença de um 10º ano, não previa encontrar alunos com dificuldades neste tipo de exercício. Coisas tão simples como por exemplo diluir o pigmento na água". (ANEXO I c – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 16 de Outubro de 2009).

Além das dificuldades, ao desenvolvermos procedimentos de síntese através da ampliação como transformação gráfica, os alunos começaram a evidenciar algumas resistências. Nomeadamente nos enquadramentos gráficos que traziam formatados nas suas ideias. Estes exercícios começam por isso a provocar também reacções nas convicções dos alunos, com comentários desconfiados sobre a competência dos próprios professores.

> "Apercebi-me aqui de algumas resistências por parte dos alunos. Principalmente porque diziam que o desenho estava bonito assim e não o queriam alterar". (ANEXO I c – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 16 de Outubro de 2009).

Este contacto inicial com a disciplina de Desenho A permitiu-me recolher informações que me concederam um melhor conhecimento e adaptação às características da turma. E esse foi um factor importante, no momento em que decidi realizar uma Unidade de Trabalho em que pudesse por em prática uma experiência enquanto professor-investigador.

No ponto seguinte apresenta-se todo o conjunto de procedimentos e fundamentos para a concretização de uma Unidade de Trabalho, acompanhada de enquadramentos teóricas nos quais me baseei para a sua operacionalização, e da reflexão sobre as práticas propostas.

2.3 – "Desenhar Pousão": Trajecto de uma Unidade de Trabalho

2.3.1 – Da Hipótese ao Acontecer

A hipótese de desenvolvermos uma Unidade de Trabalho inserida no projecto "Desenhar Pousão" surgiu após a apresentação do mesmo num seminário que decorreu no Museu Nacional Soares dos Reis (Anexo II a). Um projecto realizado pela Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual em parceria com o Museu Nacional Soares dos Reis, integrando-se no seguimento das comemorações de Henrique Pousão e no programa Artes Educação e Comunidade a desenvolver pela Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, um programa de promoção de parcerias entre organismos ligados à educação artística e instituições culturais. Nele sugeria-se um contacto directo dos alunos com o Museu, especificamente com as obras de Henrique Pousão, como ponto de partida para associação de imagens, ideias, conceitos e conhecimentos através de técnicas de questionamento e uma nova maneira de olhar. Possibilitando aos professores a criação de Unidades de Trabalho interdisciplinares utilizando conceitos e metodologias da educação artística.

Esta possibilidade configurou-se assim, enquanto professor-investigador, como uma opção para nela incluir algumas das convicções pedagógicas construídas durante a minha formação e experiência docente.

Sendo a arte veiculada como uma base da educação (Read, 2007), consagrada nos currículos escolares e referida no programa de Desenho A do 10º ano, surgem cada vez mais iniciativas onde a escola e os museus trabalham em conjunto estabelecendo pontes entre os programas curriculares e os objectivos dos Serviços de Educação dos Museus.

De acordo com o que se vem defendendo nos últimos anos para a Educação Artística e Estética em Portugal, esta deverá corresponder a um exemplo "inserida num contexto cultural, dinâmico, facilitador de vivências pessoais e significativas, sem preconceitos quanto ao carácter elitista dos lugares de acesso à fruição" (Pais *in* Frois 2000:14), como é o caso dos museus.

E o projecto Desenhar Pousão configura-se como um óptimo impulsionador para a sensibilização e motivação dos alunos para o contacto com o Museu e o seu espólio, reforçando-se paralelamente a sua articulação com a Escola.
Os museus são actualmente referidos como "espaços de comunicação e de aprendizagem que assumem um papel significativo na sociedade" (LEITE e VICTORINO, 2008:11), devendo por isso intervir no campo educativo em conjunto e parceria com a escola, procurando outras vias de comunicação através de interacções cada vez mais próximas e dinâmicas. Com processos de trabalho abertos e flexíveis que valorizem "o conhecimento, a sensibilidade e a criatividade, desenvolvendo também a percepção estética e o pensamento critico ao mesmo tempo que reafirmam o importante papel das artes da formação integral do ser humano" (LEITE e VICTORINO, 2008:12). Torna-se assim importante criar estratégias que estimulem o prazer de ver, reflectir e fruir, construindo os seus próprios significados à medida que aprende, através a integração, convivência e envolvimento pessoal.

A adopção ou não destas possibilidades de interacção com instituições exteriores às escolas depende muito do momento e da dinâmica que construímos com a turma. Para Perrenoud (2002), esta é uma decisão quase que instantânea, "surgindo assim muitas das actividades que se fazem na sala de aula", cabendo ao professor "ir gerindo e analisando".
Durante o ano lectivo são inúmeros os projectos semelhantes que chegam às escolas. Desta forma, os professores podem escolher de acordo com a oportunidade em que elas surgem, ou seja, um mesmo projecto pode não ser oportuno agora e já o ser mais tarde. Assim o professor aproveita, adapta e gere o que existe, utilizando a sua autonomia profissional para ajustamentos nas planificações, caso considere que a oportunidade é uma mais valia naquilo que são os seus objectivos.
Além disso, aproveita estas iniciativas de acordo com os recursos que prevê encontrar, nomeadamente recursos materiais e humanos. Para o projecto Desenhar Pousão, previa-se a realização no espaço do Museu Nacional Soares dos Reis, de uma exposição com todos os trabalhos resultantes, constituindo-se por isso como uma oportunidade de os alunos se motivarem com a ideia de um trabalho seu ser exposto no museu. Também a criação de

um espaço virtual em forma de "Comunidade", na plataforma *http://projectosapecv.ning.com/*, possibilitou a partilha das experiências entre os intervenientes: professores e alunos de outras escolas.

A hipótese de avançar com este Projecto acabou mesmo por acontecer, com a professora cooperante a conceder-me total disponibilidade e incentivo para a levar a cabo. Um apoio decisivo no rumo e nas opções que se tomaram.
A adopção deste caminho iria naturalmente criar alterações à planificação inicialmente prevista, mas que não se configurou como um problema. Aliás a imprevisibilidade e a inovação torna-se até um estimulante no trabalho que queremos, na medida em que quebra as próprias rotinas instituídas, abalando-as, de acordo com o que tenho vindo a defender. Porém as competências a atingir definidas na planificação inicial mantêm-se, alterando-se as estratégias a adoptar.

Iniciaram-se então todos os procedimentos necessários para a preparação e a organização da Unidade de Trabalho que denominamos "Cenários de Pousão", propondo articulações com outras disciplinas, não esquecendo que esta incluía uma saída da escola, pelo que havia a necessidade de autorizações tanto da parte dos Órgão Directivos da Escola como dos Encarregados de Educação.
Era também necessário integrar a turma no projecto, por isso entrei em contacto via e-mail com Doutora Teresa d'Eça na qualidade de membro da organização do projecto Desenhar Pousão e dinamizadora do fórum Artes, Educação e Comunidade I: Desenhar Pousão, assegurando também a participação dos trabalhos dos alunos na exposição final.
Desloquei-me depois ao Museu Nacional Soares dos Reis, com vista à marcação da visita de estudo à exposição: Diário de um estudante de Belas Artes – Henrique Pousão, contactando com a Dr.ª Paula Azeredo, do Serviço de Educação e co-organizadora do projecto.
Nesse contacto percebi imediatamente das inúmeras solicitações que o museu estava a ser alvo por causa deste projecto e da dificuldade em se encontrar uma data disponível para a marcação da visita de estudo. Situação que também condicionou a calendarização da própria actividade.

Relativamente aos procedimentos dentro da escola, e tendo em conta que cada escola tem a sua política em relação às visitas de estudo e à forma como estas se organização e procedem, dê-mos o primeiro passo junto da Direcção[6]. Ao contrário do que inicialmente previámos, não havia a necessidade de pedir autorização ao Conselho Pedagógico[7] para a realização da visita de estudo, bastando apenas a comunicação em Conselho de Turma[8]. Assim utilizamos a reunião intercalar de Conselho de Turma do primeiro período[9], para comunicar a realização da visita de estudo.

Uma das vantagens da visita de estudo é o facto de elas serem um recurso estratégico com um acentuado carácter transdisciplinar, porque podem atravessar programas curriculares de diversas disciplinas, podendo desta forma ser organizadas e planificadas em colaboração pelos diferentes professores das diferentes áreas implicadas. Retirando daí a vantagem pedagógica de uma mesma realidade ser abordada em diferentes perspectivas, tornando-se mais fácil para os alunos compreender concretamente que os conhecimentos não são compartimentados.

Também a relações entre professores pode sair favorecida, tanto na visita que se prepara, mas também todo o processo que se estabelece a partir daquele ponto. A realização consertada de uma articulação disciplinar promove o trabalho em equipa dos professores, onde o ganho está todo na forma como as informações que querem transmitir chegam aos seus alunos.

Quando se efectua uma visita de estudo, ela é inscrita num projecto transdisciplinar de turma ou até da escola. Os projectos educativos que regem o funcionamento da escola promovem a articulação entre os seus diversos

[6] O pedido de autorização à direcção da escola pode ser consultada em Anexos IX

[7] O Conselho Pedagógico de acordo com o Decreto-lei 115-A/98, artº 24º "é o órgão de coordenação e orientação educativa da escola, nomeadamente nos domínios pedagógico-didáctico".

[8] O Conselho de Turma, constituído por todos os professores da turma é uma estrutura educativa responsável pela organização, acompanhamento e avaliação das diferentes actividades a desenvolver pela turma.

[9] Os conselhos de turma reúnem-se regularmente duas a três vezes por período. No primeiro período é normal haver três reuniões; uma antes do início das aulas para preparar o ano lectivo, a segunda a meio do período e a terceira no final tratando-se do conselho de turma de avaliação sumativa. No segundo período e no terceiro período realizam-se normalmente duas reuniões: uma intercalar e outra de avaliação no final do período. Em muitas escolas o último período apenas conta com a reunião de avaliação de final do ano.

sectores. Neste sentido a visita de estudo deve integrar esses projectos, nomeadamente o Projecto Curricular de Turma.

Deste modo a reunião intercalar de Conselho de Turma serviu também para se estruturar uma possível articulação desta actividade com outras disciplinas e a respectiva inclusão no Projecto Curricular de Turma.

Numa primeira abordagem os professores do Conselho de Turma mostraram alguma resistência[10]. Inicialmente estavam hesitantes e preocupados com o dia em que a visita de estudo iria decorrer, com medo desta coincidir com as suas aulas e perturbar as suas planificações. Mas quando perceberam que o dia para o qual a visita de estudo foi marcada apenas interferia com a aula de Desenho A e com a aula de Geometria Descritiva, assumiram um discurso de concordância com a iniciativa, disponibilizando-se para as articulações possíveis com os conteúdos das suas disciplinas.

> "…porém (os professores do conselho de turma) não se puseram de parte. Segundo a professora cooperante, vão dizendo que *até gostam de participar nessas coisas, mas o tempo para cumprir os programas é muito apertado"*. (ANEXO I e – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 24 de Outubro de 2009).

Desta forma a iniciativa passou a constar oficialmente do Projecto Curricular de Turma[11], através de uma conjunto de articulações teóricas registadas em acta, numa transdiciplinaridade que se pretende nestes documentos. Passa assim, a partir deste momento, a estar inscrito no Projecto Curricular de Turma a articulação desta actividade com as disciplinas de Filosofia, Língua Portuguesa e História e Cultura das Artes e Geometria Descritiva.

[10] Esta informação foi dada pela professora cooperante após a reunião intercalar do Conselho de Turma do primeiro período.

[11] Enquadrado no Decreto-Lei n.6 de 2001, cabe ao Conselho de Turma a responsabilidade da concepção do Projecto Curricular de Turma tendo em conta a turma em questão e o Projecto Curricular de Escola. Ambos ganham sentido num cenário pedagógico recente a partir de uma lógica de "gestão flexível de currículo", associando-se assim a uma ideia de projecto aberto e dinâmico, construído de forma a permitir adequações e apropriações da realidade onde está ser implementado, proporcionando o desenvolvimento de aprendizagens significativas através da re-construção do currículo nacional para o seu contexto especifico.

Nas aulas que antecederam a visita de estudo, envolvemos e implicamos também os alunos nas tarefas, tais como a verificação dos horários dos comboios e os custos da deslocação. Desta forma promovemos a sua participação activa, advindo daí uma co-responsabilização de todos no sucesso da visita de estudo. Procuramos com isso uma tomada de consciência para o trabalho que é realizado e o esforço que ele requer, valorizando-o. E isso torna o processo realmente mais interessante, pois obriga a que o aluno faça efectivamente parte dele, não o deixando apenas num papel passivo.

Naturalmente as teorias que colocam o aluno no centro da aprendizagem concordarão com esta ideia. Apesar de com estas tarefas não nos estarmos a referir concretamente a aprendizagens especificas da disciplina de Desenho A, elas possibilitam outras competências, mais transversais de autonomia num processo de formação integral que definem as intenções educativas actuais, além de uma motivação pelo próprio trabalho, como refere Meirieu (2006)

> "Todo o nosso esforço consiste em despertar a motivação no próprio movimento do trabalho: por isso propomos tarefas ao aluno" (Meirieu, 2006:51).

2.3.2 - Seguindo o Itinerário: a Planificação e a Operacionalização

As reuniões entre mim e a professora cooperante foram sempre, como referi, o espaço privilegiado para a preparação das actividades lectivas. Era aí que surgiam as ideias para o trabalho que iríamos realizar e a forma como o iríamos abordar. Por exemplo, foi nesse espaço que determinamos que esta Unidade de Trabalho não seria dada apenas por mim, como em determinado momento se equacionou, mas por ambos. Trabalharíamos em par pedagógico, dada a impossibilidade de estar presente em todas as aulas da semana de Desenho A.

Na sua planificação (Anexo X) decidimos dividir a Unidade de trabalho em duas partes que por sua vez se decompuseram em três fases cada. À primeira parte nomeamos "Encontrar Pousão" e à segunda parte "Projectar Pousão".

Na primeira parte conduzimos os alunos numa viagem pela obra de Henrique Pousão, possibilitando-lhes um conhecimento sobre ela. Procuramos sobretudo

que esta fosse vista através das diferentes maneiras de olhar de cada aluno, não os condicionando com uma única forma de olhar. Quisemos dar-lhes a liberdade de poderem fazer as associações e conexões à subjectividade do seu contexto sócio-afectivo, levando-os a questionar o que estavam a ver. Promover a procura de sensações no que viam e verbaliza-las no fim. Queríamos mais que uma observação estética desinteressada, por isso pedimos uma interpretação cognitiva da obra obrigando-os a pensar e a sentir.

Partindo do facto de iniciarmos este trabalho ainda no primeiro período, numa turma do 10º ano do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, o que constitui o inicio de um novo ciclo nesta área para a maioria dos alunos, e após realizada a diagnose da turma, que evidenciou muitas dificuldades nos três domínios constituintes da avaliação da disciplina: saber, saber-fazer e saber ser-estar; planificamos um conjunto de actividades que abrangeram os elementos básicos da linguagem visual, com o objectivo de os habilitar de competências tidas como essenciais.

Procuramos quebrar a utilização sistemática e generalizada de estereótipos interiorizados através de uma consciencialização do valor da expressão individual. Situação que se tinha verificado anteriormente, da qual recupero o exemplo do aluno que resistia à alteração do seu desenho por achar que estaria mais bonito como fez. Ou então os alunos que não entendiam a valorização dada pelos professores aos seus trabalhos, por considerarem à partida que desenhavam mal, ao contrário de outros alunos, reconhecidos na turma como os bons desenhadores, que desvalorizavam estes exercícios, perguntando quando é que se iam fazer “desenhos a sério”, ou interrogando se “aula de desenho era isto?”. Criava-se por isso um contraste entre os alunos que apresentam dificuldades no domínio das competências básicas para esta disciplina e os alunos que consideravam não precisar de realizar estes exercícios por serem primários, desnecessários e que nada lhes ia ensinar.

Ponderamos então, nesta primeira parte uma estratégia que possibilitasse exercícios que, por um lado capacitasse aos alunos com dificuldades, adquirir as competências básicas, e por outro desconstruíssem ideias pré-definidas e erradas do desenho.

Através da projecção de imagens de algumas obras de Henrique Pousão, pedimos aos alunos para criar analogias e atribuir outros significados às

imagens projectadas, trabalhando-se, de acordo com o programa da disciplina, o Sentido como conteúdo. Pretendíamos a procura de referências através de outros sentidos que não os visuais, desterritorializando a visão como principal via para o desenho, obrigando os alunos a libertarem-se da representação mimética de uma realidade.

> "(…) projectamos imagens das obras e de fotografias ligadas ao artista. Através da observação dessas imagens, os alunos atribuíam títulos a cada uma delas e escreviam um máximo de quatro palavras associadas à imagem (sensações de sons e cheiros, e sentimentos, que a imagem lhes suscitasse). Já na sala de aula, numa folha A5, os alunos desenhavam as imagens que haviam visto, recorrendo à memória visual de cada obra e às palavras associadas". (ANEXO I h – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 15 de Novembro de 2009).

A medida que o trabalho se desenvolvia continuávamos a ouvir comentários alegando que não conseguiam desenhar o que estava a ser pedido. Circunstância que se prende com o facto de estarem ainda presos a um entendimento do desenho restrito a uma representação do real, em que o "jeito" é socialmente valorizado. Por isso procuramos que os alunos explorassem novas referências para as imagens que estavam a visualizar através de outros sentidos que não a visão, desterritorializando-a ou desviando-a como principal via para o desenho. Desta forma e partindo das referências da obra de Pousão suscitaram-se outras, que foram por sua vez traduzidas graficamente. O objectivo era essencialmente o de se libertarem de uma representação figurativa.

Na segunda fase da Unidade de Trabalho os alunos elegeram alguns conceitos atribuídos à obra de Pousão num momento a que chamamos de "nuvem de conceitos" e que consistia na atribuição de palavras-chave, atribuída pelos próprios alunos, ao conjunto de imagens e pesquisas que tinham feito sobre o artista.

Continuávamos assim o processo iniciado na fase anterior, mas desta vez utilizamos uma estratégia diferente, que promovia uma participação de todos de uma forma colaborativa. Com o retroprojector como recurso, os alunos

registavam num acetato as "palavras-chave", que iam sendo projectadas numa tela de forma a ser visível para todos os alunos. No final, essa folha de acetato foi fotocopiada e entregue aos alunos.
A novidade da proposta resultou.

> "Senti alguma expectativa dos alunos, uma expressão de dúvida nos seus rostos. Iniciei a actividade, lançando uma primeira palavra: *luz*. A Catarina, que estava a mesmo à minha frente, disponibilizou-se para escrever no acetato a palavra, e a professora Ana Luísa lançou a segunda: *real*. Os alunos a medo lá iam lançando conceito a conceito. Eu sentia que aos poucos o receio ia desaparecendo e as palavras surgiam: *cor*; *mar*; *corpo humano*; *quente*; e assim continuamente até preenchermos a folha de acetato". (ANEXO I h – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 15 de Novembro de 2009).

A partir da "nuvem de conceitos" os alunos sugeriram imagens mentais que através do desenho se tornavam visíveis, criando-se novos significantes e afastando-se progressivamente de representações miméticas e convencionais da realidade. Porém, constatei as imensas dificuldades e hesitações nos alunos ao não conseguirem afastar-se de representações do concreto que a palavras lhes suscitava.

> "(…) uma aluna chamou-me e mostrou-me o seu trabalho. Queria representar a luz e desenhou uma lâmpada. (…) Porém não pude deixar de me colocar no lugar da aluna por uns instantes: *Como é que eu desenhava a luz?*. Mas sobretudo impôs-se a pergunta de como é que eu lhe explicaria o meu desenho da luz sem a condicionar?" (ANEXO I h – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 15 de Novembro de 2009).

Pretendíamos que os alunos, através das suas pesquisas, observações e conexões, encontrassem o seu caminho para Desenhar Pousão. Incentivávamos desenvolvimentos com base nos temas, objectos e personagens de Pousão, propondo formas de representação próprias, desencadeadas pela observação das obras do artista. Orientávamos a nossa postura numa mediação entre o que estávamos a pedir e as visões individuais despoletadas pelos interesses de cada aluno. Uma atitude provocatória que

estimulasse e despoletasse em cada um dos alunos, uma irreverência de desafio nas propostas.

Intencionalmente, nesta primeira parte da Unidade de Trabalho, pretendemos "procurar" e enquadrar Henrique Pousão. Para isso promovemos uma forte componente de pesquisa, contextualizando o autor no tempo e no espaço, bem como conhecer parte da sua obra e seus contemporâneos. Através da pesquisa os alunos entrariam num processo sistemático de construção de novos conhecimentos. Promovendo esta atitude, que se quer regular, procuramos desenvolver neles uma postura de inquietação na procura de novos conhecimentos ou na confirmação e consolidação de conhecimentos pré-existentes.
Nesse sentido, fomos insistindo em que os alunos fizessem pesquisas sobre o artista, o local ou locais onde esteve, o tempo em que viveu e pessoas com quem conviveu. Pedimos um enquadramento de Henrique Pousão no tempo e no espaço. Porém foram poucos os alunos que efectuaram essa pesquisa. Muitos apenas pesquisaram superficialmente nas primeiras entradas que surgiam ao digitar o nome Henrique Pousão num qualquer motor de busca da Internet. Limitaram-se a imprimir o texto que aparecia. Outros, apenas copiaram algumas frases daqueles que imprimiram o texto, antes de terem entrado para a sala ou até durante a aula sem a percepção dos professores.
Naturalmente a sua participação quando questionados sobre essa pesquisa foi bastante pobre e muito aquém das expectativas que tinha relativamente a uma turma de artes do 10º ano.

A visita de estudo ao Museu Nacional Soares dos Reis, concretamente à exposição "Diário de um estudante de Belas Artes - Henrique Pousão", surgia então numa terceira fase da Unidade de Trabalho, no culminar do processo de "procurar Pousão" e como impulso para a segunda parte do trabalho. Sendo este um momento central de toda esta actividade, abordarmo-lo com mais pormenor à frente neste relatório.

A segunda parte da Unidade de Trabalho designada de "Projectar Pousão", onde se pediu aos alunos como produto final a concepção de um cenário

tridimensional. Um cenário que foi apresentado na exposição de trabalhos dos alunos no Museu Nacional Soares dos Reis.
Assim, a seguir à visita de estudo, iniciou-se o processo de análise de uma obra de Henrique Pousão eleita por cada aluno, quanto à estrutura, temática, técnica(s) e elementos utilizados, onde se pretendia, de acordo com o programa da disciplina, envolver este conceito "aplicado à prática do desenho", pondo-o perante "referentes" e com "apontamentos das suas características". Desta forma estávamos também a analisar algumas das estratégias de composição do próprio Henrique Pousão, possibilitando aos alunos uma compreensão sobre as linhas dominantes de cada uma das obras em que estavam a trabalhar.

> "(…) recorrendo ao papel vegetal fizeram o decalque da imagem e dos seus diferentes planos (…). Em seguida deram tratamentos diferentes aos sucessivos planos através da linha ou das texturas com cor mono e policromáticas, que haviam explorado e representado na etapa anterior (…). Desta forma passaram para um processo de análise da obra escolhida. Ao mesmo tempo, e continuadamente os alunos exploram modos de registo e neste caso, um modo de transferência". (ANEXO I I – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 11 de Dezembro de 2009).

Partiu-se depois para um processo de síntese definido no programa da disciplina como "qualquer outra prática de desenho que envolva uma aplicação de prévios ganhos e de princípios conceptuais, implicando também os conceitos de conhecimento, capacidade, aplicação e avaliação". Em boa verdade, este processo já se tinha iniciado durante a fase anterior na medida em que ao reduzir-se a composição às suas linhas essenciais/estruturantes, estamos a sintetiza-la. Além disso, durante este processo de análise e de síntese os alunos fazem também a exploração das capacidades expressivas de diversos meios actuantes, riscadores e aquosos, contemplados no programa da disciplina como as técnicas e os procedimentos.

Após uma avaliação e eleição das diferentes propostas de organização dos elementos constitutivos do "cenário", os alunos transferiram a sua gramática, para uma nova composição da obra seleccionada, construída após os

processos de análise e de síntese. Sucessivamente organizaram de uma forma bidimensional os seus elementos constitutivos essenciais e em seguida projectaram na aula de Geometria Descritiva a composição através de diferentes vistas: cima e laterais. Numa articulação realizada com a disciplina de Geometria Descritiva, para a representação rigorosa das diferentes vistas do conjunto dos elementos constituintes do cenário que iriam realizar numa escala real.

Na terceira e última fase, que perspectivava já mais concretamente a construção do cenário tridimensional de uma das obras de Pousão, os alunos transportaram o desenho que estavam a explorar para um espaço em três dimensões. Que foram os trabalhos que posteriormente estiveram patentes na exposição final no Museu Nacional Soares dos Reis.

> "A partir daqui os alunos exploram os elementos básicos das formas lineares com que estavam a trabalhar na folha de papel, através de arame. Desta forma utilizaram a profundidade através da construção de sucessivos planos. Uma espécie de desenho no espaço". (ANEXO I m – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 18 de Dezembro de 2009).

2.3.3 – A Saída da Sala de Aula: Visita de Estudo à Exposição Diário de um Estudante de Belas Artes – Henrique Pousão

(3ª Fase da Unidade de Trabalho "Cenários de Pousão")

As Visitas de Estudo configuram-se como possibilidades estratégicas favoráveis para a realização de aprendizagens significantes e significativas em cada um dos nossos alunos. O processo de aprendizagem não pode ser limitado às paredes da sala de aula, nem aos muros da escola, já que é na realidade exterior que reside o suporte das aprendizagens marcantes e duradouras (Monteiro, 2002). Quem não se lembra de uma visita de estudo que tenha realizado enquanto aluno? Foi sobretudo nesse intuito que consideramos importante a realização desta visita de estudo ao Museu Nacional Soares dos Reis, à exposição "Henrique Pousão: Diário de um estudante de Belas Artes", enquadrada numa Unidade de Trabalho.

A visita de estudo permite aos alunos uma saída do habitual espaço de aprendizagem para outro local. Na realidade, a sala de aula é um espaço de aprendizagem reconhecido socialmente. Várias pessoas adoptam a expressão "sala de aula" quando se querem referir ao habitual espaço de aprendizagem. Neste sentido a sala de aula transporta em si uma carga implícita que regula todas as interacções que acontecem lá dentro. Estando fortemente ligada a uma teia de relações de poder, onde uma inevitável hierarquização acontece entre os seus intervenientes, que implicitamente interfere nas relações pedagógicas que aí se estabelecem. Normas que estão de tal modo interiorizadas que se transformam em representações sociais difíceis de alterar, condicionando até o próprio acto de aprendizagem.
Porém o espaço de aprendizagem é apenas o lugar onde as aprendizagens acontecem e nesse sentido pode ser qualquer um. Por isso uma estratégia do professor para conseguir melhorar o processo de aprendizagem nos alunos, pode ser o de descarregar essa carga simbólica de poder, contrariando-a. Ao mudar o espaço de aprendizagem, da sala de aula para outros espaços que retirem a tal carga simbólica que a sala de aula carrega, o professor terá melhores condições para transmitir o programa da sua disciplina. Podendo

depois construir um alargamento a partir dessa deslocalização, trazendo para a sala de aula os benefícios de uma aula diferente e promovendo não só as aulas seguintes como inclusivamente as anteriores.

Mais do que dono de um determinado saber, o professor deve determinar a sua acção fundada na premissa de que o aluno é o próprio construtor do conhecimento. Desta forma o professor nega a transmissão de informações alicerçadas em noções abstractas ou idealizadas da realidade, pouco significantes na realidade do aluno. Em contrapartida deve criar condições para que se estabeleçam pontes entre a realidade "visível", as experiências acumuladas e os conhecimentos sistematizados que pretende para o seu aluno. E o professor de artes visuais tem uma vantagem nesse aspecto porque a sua área traz para a aula questões do dia-a-dia, fomentando a conexão dos conhecimentos teóricos (teoria) que a escola pretende conferir, à realidade (prática).

E é a componente prática que estimula e interessa ao aluno. Como verificamos, além dos alunos da turma houve dois alunos da turma do 11º ano, também do curso Cinetífico-Humanístico de Artes Visuais, que se mostraram interessados e nos acompanharam.

A visita de estudo permite a saída da rotina, trazendo a novidade para o local de aprendizagem. O aluno fica mais atento ao que se está a passar, promovendo a concentração necessária que o acto de aprendizagem exige.

Motiva também o próprio professor pelas mesmas razões. Uma correcta preparação da visita, com contactos prévios no museu e na exposição, acompanhada de uma pesquisa sobre aquilo que se vai ver, leva a uma implicação do professor na mesma, criando expectativas. São essas expectativas que vão abanar também a rotina dele próprio, motivando-o e contagiando os seus alunos.

A visita de estudo também permite que se estabeleçam relações diferentes daquelas que se vivem diariamente na sala de aula entre professores e alunos (Almeida 1998). Porque propicia outro contexto de trabalho, relações de reciprocidade, descobertas e influências mútuas de interpessoalidade, que provocam alterações não só entre os alunos, mas também entre alunos e os professores, melhorando-as sob o ponto de vista comunicacional, como se confirmou nos testemunhos que ia ouvindo pelas conversas informais que se

travam nos corredores da escola e no bar dos professores a propósito desta visita de estudo.
Relações que se mantêm a partir do momento em que se firmam. Nesta experiência senti que a partir da visita de estudo os alunos deixaram de me ver como um elemento estranho à sala de aula e de fazer qualquer distinção entre mim e a professora cooperante na hora de pedir uma opinião aos seus trabalhos. Assim na aula seguinte as atitudes deles para comigo alteraram-se significativamente.

> "Como nunca tinham feito, cumprimentaram-me em voz alta, fizeram-se notar. E quase que imediatamente me pediram para os ajudar no trabalho. Rapidamente naquela aula passei de observador a professor". (ANEXO I i – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 20 de Novembro de 2009).

Alterações que começaram a ser sentidas já no decorrer da visita de estudo.

> "As suas abordagens eram mais constantes, as suas curiosidades existiam de facto e não se privavam de fazer perguntas. (ANEXO I i – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 20 de Novembro de 2009).

A Visita de estudo pode promover também uma relação da escola com o exterior, podendo neste aspecto haver um aproveitamento e valorização do meio exterior no ensino escolar, a chamada abertura ao meio.
A já referida articulação disciplinar permite também que se transponha o currículo de cada uma das disciplinas e as áreas concretas de um determinado saber académico para uma interacção mais abrangente e por sua vez para a realidade.

O contacto que tive com os alunos até àquele momento, tinha-me permitido verificar que a maioria não frequentava qualquer tipo de espaços de arte de forma espontânea e por iniciativa própria. A escola ia sendo o único meio que promovia essa ligação através das visitas de estudo que se organizavam. Além disso nenhum aluno conhecia previamente o artista Henrique Pousão, a sua

obra ou parte dela. Apenas um aluno tinha já frequentado o Museu Nacional Soares dos Reis.

Desta forma a visita de estudo que organizamos possibilitou aos alunos o conhecimento e o contacto directo com parte das obras de Henrique Pousão. Estabelecendo-se uma ligação entre o objecto de arte ou o espaço do museu, e os alunos que não frequentam regularmente estes locais. Sendo este contacto fundamental, particularmente em alunos que frequentam o nível secundário de escolaridade especificamente na área das Artes Visuais, no qual o contacto directo com a obra de arte é um o ponto fulcral no estudo das artes. Como dizia a Doutora Teresa d'Eça na plataforma *http://projectosapecv.ning.com/* "a experiência com as obras é única, é sensorial, não se pode substituir por uma reprodução" ou uma projecção multimédia. Também num seminário que tive a oportunidade de assistir em Novembro de 2009, na Faculdade de Belas artes da Universidade do Porto, o Professor e Artista Silvestre Pestana defendia a importância do recurso aos museus de arte, pelos professores das áreas artísticas. Lembrando ainda a importância de uma boa preparação, acompanhamento e de um trabalho posterior e continuado, que enquadre a actividade nos objectivos e finalidades curriculares a que o professor se propõe. Só uma correcta organização e dinamização transforma as visitas de estudo em estratégias efectivamente potenciadoras do processo de aprendizagem, que não sejam confundidas com um simples passeio.

E a visita de estudo não se limita apenas ao tempo e espaço em que os alunos se encontram perante as obras de arte, no interior do Museu. Ela envolve todos os acontecimentos anteriores e posteriores a esse momento, tais como as aulas que a antecederam onde a preparamos e organizamos em conjunto com os alunos; ou o percurso escola-museu e museu-escola.

Na verdade a preparação da Visita de Estudo assume-se como uma etapa importante. Já referi aqui a implicação dos alunos na logística, levando-os a uma motivação pelo trabalho, mas torna-se também necessário construir uma correspondência entre os alunos e as obras. De facto, o trabalho de preparação realizado nas aulas anteriores possibilita uma contextualização daquilo que vão ver, permitindo aquisições de conceitos importantes para a

compreensão e também reconhecimento no momento em que estiverem em contacto com as obras de Henrique Pousão. É o reconhecimento que possibilita a criação de uma relação de afectividade entre os dois. E essa afectividade pode ser o primeiro passo na construção de uma sensibilidade nos alunos para o objecto artístico.

> "Os alunos rapidamente procuraram e dirigiram-se para as obras com as quais estavam a trabalhar na aula". (ANEXO I i – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 20 de Novembro de 2009).

Mas a preparação da visita de estudo requer também um trabalho do professor, invisível ao aluno.

> "Na verdade, para mim (…) a visita começou no domingo anterior, quando me desloquei ao museu para a fazer sozinho". (ANEXO I i – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 20 de Novembro de 2009).

O professor deve-se preparar para a visita de estudo. E este é um aspecto importante que o professor deve adoptar nas suas práticas pedagógicas, colocando-o também numa contínua investigação dentro da sua área disciplinar.

A Visita de Estudo estende-se também ao trajecto e às narrativas que se fazem entre a escola e o museu. Ao sair da escola, a turma inicia um novo campo relacional e de interacção. Esta partilha promove uma relação na qual os sujeitos aprendem juntos.

> "Fui percebendo nas suas reacções o agrado da iniciativa. Para eles aquele era um acontecimento bastante significativo; apontavam sistematicamente os locais que conheciam e por onde costumavam passar. Senti naquele percurso até ao museu um quebrar do gelo que ainda persistia nas aulas, no que respeita à relação deles comigo". (ANEXO I i – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 20 de Novembro de 2009).

Fomenta-se assim uma nova forma de pensar a partir da vida quotidiana que busca sentido nos instantes e aos pequenos actos, evitando a burocratização

do pensar e do comportamento. Isto permite-nos olhar a partir de um currículo que parte das diferentes competências de cada um dos sujeitos, que valoriza a dimensão relacional que inclui o emocional e o afectivo, como ponto de partida para o cognitivo. Desta forma o ensino deixa de ser uma parte pertença da escola e funde-se com o quotidiano do aluno, exterior à escola.

Após a visita de estudo realizei um pequeno inquérito (anexo III) onde pretendíamos perceber a opinião deles quanto à importância da visita de estudo que realizaram no contexto do ensino em artes visuais e também a influência que teve no desenvolvimento da Unidade de Trabalho.
Nas suas respostas a maioria referiu, sem desenvolver muito a sua resposta, a extrema importância que a visita de estudo teve no desenvolvimento do seu trabalho, havendo apenas um caso em que considerou que a visita de estudo em nada interferiu no trabalho que estava a desenvolver na aula.
Porém a visita de estudo foi um momento marcante nos alunos. Durante todo o ano lectivo ouvi referências a histórias que nela se passaram, muitas delas repetidas várias vezes. Foi uma experiência que se distanciou das rotinas escolares que se dissipam na memória. Por esse motivo os alunos poderão lembrar-se mais facilmente dela, associando-a também a um artista e a um museu de arte. Nestes alunos, Henrique Pousão estará ligado a uma visita de estudo que realizaram no 10º ano.

> "Achei muita graça ao trabalho da Ana Cláudia que apresentou um comboio visto de frente em cima da linha. Para ela, Pousão era a viagem". (ANEXO I m – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 18 de Dezembro de 2009).

2.3.4 – Ponto de Encontro: o Fim da Unidade de Trabalho

Estando a Unidade de Trabalho associada a uma acção mais ampla, que segundo a sua organização "reuniu 41 professores de artes visuais, 26 escolas e cerca de 600 alunos"[12], entendi acompanhar alguns acontecimentos que apareciam no âmbito do projecto "Desenhar Pousão". Assistir a esses eventos possibilitou-me a auscultação de outros pontos de vista que em alguns momentos alargaram o meu campo de percepção e noutros cruzaram-se, abrindo-se e completando-se pensamentos, reflexões e inflexões.

Foi com esse intuito que marquei presença, num encontro/seminário[13] que aconteceu no auditório do Museu Nacional Soares dos Reis, onde desde logo confirmei a forte adesão que teve nas escolas, professores e alunos, mostrando o reconhecimento que estas colaborações entre escolas e museus podem ter.

Muitas das preocupações levantadas nessa sessão foram ao encontro das minhas próprias inquietações. Por exemplo quando Dr.ª Paula Azeredo, Directora do Serviço Educativo do Museu Nacional Soares dos Reis, pedia aos professores para questionarem os alunos sobre o que era um museu, ou o que era uma exposição de arte num museu. Incentivando os professores a levarem estas interrogações para junto dos alunos no seio da sala de aula, promovendo uma reflexão sobre elas. Aprofundando mais o processo de aproximação dos estudantes aos museus, imiscuindo-os através de uma metodologia de questionamento e problematização, com debates e discussões na sala de aula.

A visita de estudo é uma estratégia que inicia essa aproximação, que por vezes não existe. Refiro-me aqui a uma sensibilização e educação. A deslocação ao museu/espaço de arte, de alunos que não o frequentam regularmente, possibilita também um outro olhar, que se afasta da conotação de lugar lúgubre. Criar hábitos de frequência ao museu/espaço de arte e sobretudo educar o contacto das pessoas com as obras de arte, faz parte da educação do sensível, que as teorias da educação pela arte tanto almejam. O prazer de contactar com a obra de arte requer um processo de formação e a visita de estudo contribui para esse processo.

[12] http://www.apecv.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=185&Itemid=1, consultado em 05 de Junho de 2010.

[13] Deste encontro/seminário, que se realizou a 19 de Dezembro de 2009, foi produzido um relatório que segue em anexo (anexo II g).

Saliento como exemplo, uma observação feita por uma professora presente na plateia do seminário, que citou uma aluna sua que disse: *"agora já não tenho medo de ir ao museu"*. Esta situação vai totalmente de encontro às preocupações que demonstrei e reflectem a necessidade da escola funcionar também como elo com o exterior, promovendo neste caso específico uma educação do sensível que passa também pelo hábito de frequentar outros espaços culturais. Naturalmente que a escola indo ao encontro do museu, intervém na aproximação e sobretudo na desmistificação do espaço do museu, como um espaço destinado a uma elite.

Ainda no seminário, questionou-se em determinado momento, qual seria orientação que uma visita de estudo deveria ter? Tal como aconteceu na nossa visita de estudo, normalmente são orientadas por guias, a pedido dos professores. Porém, pensar numa visita de estudo orientada pelos próprios professores da turma podem ser benéficas e até facilitadoras das informações que os docentes pretendem abordar, por serem eles os conhecedores das características e necessidades especificas de cada um dos seus alunos. Ao serem eles próprios os orientadores e guias, podem centrar a atenção dos alunos nos conteúdos que pretendem abordar e transportar para as suas aulas, dispensando-se a mediação de um agente externo.

Por sua vez a Exposição dos Trabalhos no Museu Nacional Soares dos Reis, foi como já referimos uma oportunidade para os alunos se motivarem com a oportunidade de terem algo seu no espaço consagrado às obras de arte. Para nós professores, foi essencialmente uma estratégia de aproximar os alunos ao museu de arte, através de um percurso que permitiu também repensar o museu como território de conhecimento e aprendizagem.

Porém a pouca mobilização que os alunos demonstraram, nomeadamente na ida ao museu de forma autónoma e por iniciativa própria para ver a exposição e os seus trabalhos no museu, deixou-nos algumas dúvidas perante a eficácia da estratégia na intenções inicialmente demonstradas, motivo que nos levaram a repensar em novas formas de intervenção para as actividades seguintes.

2.4 – Outros Percursos

O professor estagiário envolve-se em inúmeras e diversificadas situações durante o estágio. Na impossibilidade de referir todas elas no relatório, decidi mencionar duas experiências por estarem enquadradas no seu tema central que se situa na procura de estratégias para a promoção de aprendizagens significativas dos alunos em Artes Visuais, fora do domínio da sala de aula. Destaco assim duas actividades:

a) A visita de estudo ao Museu de Arte Contemporânea de Serralves e Oficina "Livro de Artista".

b) A criação da disciplina virtual de Desenho A.

2.4.1 - Visita de Estudo ao Museu de Arte Contemporânea de Serralves e Oficina "Livro de Artista"

Durante o ano lectivo organizamos, uma visita de estudo ao Museu de Arte Contemporânea de Serralves, à exposição "sem saída: ensaio sobre o optimismo" de Augusto Alves da Silva, seguida da participação dos alunos na oficina "livros de artista" do serviço educativo do museu.

Esta iniciativa divulgada junto dos professores e escolas, de acordo com o programa educativo do Museu de Arte Contemporânea de Serralves, tem como objectivo criar espaços "abertos à imaginação, reflexão e ao debate, estimulando a aproximação crítica e criativa à cultura contemporânea, na perspectiva de suscitar o interesse de diferentes públicos pelos conteúdos propostos, bem como estabelecer com as escolas uma relação cada vez mais cúmplice e dinâmica".[14]

Actualmente, o museu de arte já não é apenas entendido como um espaço de apresentação e conservação de obras de arte, é também um espaço de reflexão critica sobre ela com a participação de todos os que o visitam. O museu confronta-se assim com novos desafios. E a escola constitui-se como um aliado para encontrar meios que desenvolvam estes desafios, cruzando-se

[14] PROGRAMAS EDUCATIVOS, Actividades e projectos, Serralves, 2009-2010

e complementando-se as actividades dos museus com as actividades escolares.

Neste sentido estas iniciativas permitem aos professores diversificarem ou até inovarem as suas práticas educativas levando-os a dar as aulas de forma diferente, substituindo o tradicional espaço da sala de aula por outros espaços que possibilitem outras experiências conferindo outros significados às aprendizagens dos alunos. Tratou-se por isso de uma experiência singular, em que os alunos desenvolveram uma actividade a partir da visita a uma exposição. Uma actividade que permitiu mais uma oportunidade para que os alunos do 10ºE pudessem estabelecer um diálogo entre a exposição que visitaram, desenvolvendo projectos a partir dela e confrontando-os com outras práticas artísticas. Fomentando um pensamento critico, mas também uma percepção estética baseada no conhecimento, sensibilidade e criatividade.

A saída da sala de aula enriqueceu-se também por não estar apenas limitada a uma visita guiada à exposição, incluindo uma componente prática na oficina Livro de Artista. Um espaço oficinal motivador vocacionado para a actividade criadora onde através da experimentação e concretização de ideias, os alunos exploraram conceitos, técnicas e expressão, trabalhando em grupos. Neste sentido a partilha foi uma condição, em que os resultados mostraram alunos disponíveis para o debate e para a troca de ideias, na procura de consensos. Estabelecendo relações de diálogo e cumplicidade no desenvolvimento dos seus trabalhos e sempre de forma bastante participativa e empenhada.

> "Na visita à exposição dos livros de artista os alunos mostraram-se participativos, interagindo com a monitora, que se apresentou bastante comunicativa fomentando essa interacção". (ANEXO I r – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 13 de Fevereiro de 2010).

Uma postura difícil de encontrar quando comparada com a sala de aula. Constatei que durante os 45 minutos que durou a oficina os alunos estiveram concentrados na discussão e concretização da sua tarefa, contrastando com comportamentos observados nas aulas.

Poderemos nestas observações retirar algumas conclusões relativamente ao estímulo que a saída da sala de aula fomentam, acrescentando ainda o facto

de terem participado também nesta visita de estudo e oficina mais dois alunos exteriores à turma, que demonstraram interesse em nos acompanhar.
Porém outros registos, relativos à visita de estudo à exposição que se efectuou a seguir à oficina, impõem cautela nessas conclusões, orientando-nos para outras reflexões.

> "Poucos fizeram perguntas e os outros afastados e encostados vão incomodando com um barulho miudinho". (ANEXO I r – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 13 de Fevereiro de 2010).

2.4.2 - BLOGUE: Disciplina Virtual de Desenho A

A escola, em particular o espaço da sala e aula é designado como um espaço formal de aprendizagem, por ser reconhecido por leis como o lugar no qual se transmite o currículo oficial.
Porém existem outras aprendizagens que os alunos fazem fora desse espaço. As aprendizagens não formais e as informais. As aprendizagens não formais, embora estruturadas não são promovidas por entidades ligadas a um sistema oficial. Neste caso quando as crianças frequentam, por exemplo, uma actividade do Serviço Educativo de um Museu, fora do âmbito da escola e fora do currículo oficial, designamos de aprendizagens não formais. Por sua vez, as aprendizagens informais são aquelas que não são estruturadas e que ocorrem das experiências, troca de ideias e partilhas com outras pessoas. São aprendizagens que se constroem e que normalmente não são percebidas no momento, fazendo parte de um currículo oculto. E são muitas vezes estas aprendizagens não propagadas pelos programas oficiais, que despertam mais interesse nos alunos, exactamente por se afastarem da carga simbólica da institucionalização e da obrigatoriedade.
Foi nesse sentido que surgiu a ideia da criação de um espaço virtual para a disciplina de Desenho A, procurando um outro espaço, que não o formal, que permitisse outros relacionamentos com os alunos, saindo fora do espaço de relações de poder que a sala de aula estabelece, criando uma rede de relações diferentes às instituídas habitualmente.

> "Propus à professora Ana Luísa a criação de uma blogue da disciplina, que aceitou imediatamente. Nos próximos dias tentaremos falar com o professor de informática, procurando perceber a disponibilidade da criação de um espaço no *moodle* da escola". (ANEXO I p – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 29 de Janeiro de 2010).

Um dos motivos era a imensa dificuldade que tínhamos em comunicar com os alunos sobre aspectos relacionados com a disciplina, que fugissem aos aspectos técnicos. Para isso, contávamos também que o espaço virtual e as Novas Redes de Informação e Comunicação fossem um meio motivador para os alunos, por estarmos consensualmente perante uma linguagem familiar entre os jovens. Nesse sentido, o espaço virtual poderia funcionar como um instrumento que ajudasse a quebrar algumas barreiras.

> Na terça-feira criamos a disciplina Desenho A – 10º ano na plataforma *moodle* da escola, apenas destinada aos alunos do 10º E. Ficamos administradores, eu e a Professora Ana Luísa. (ANEXO I p – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 29 de Janeiro de 2010).

Este espaço era apenas destinado aos alunos do 10º E, e de acesso facultativo. Não pretendemos uma obrigatoriedade de acesso, exactamente para se afastar logo à partida do conceito da imposição que condicionasse a participação. Por isso optamos por uma abordagem mais convidativa. Um convite a se inscreverem e a se apresentarem no fórum de apresentação, introduzindo e partilhando interesses, abrindo outros espaços de diálogo que geralmente a sala de aula não possibilita. A mesma abertura de espaços que constatamos durante a visita de estudo e que provocou alterações na dimensão relacional dos intervenientes.

Deste modo, o espaço virtual servia também para descobrir e conhecer melhor os alunos fora do contexto da sala de aula, mas ao mesmo tempo era um espaço de aprendizagens, algumas não formais e outras informais. Uma sala de aula virtual paralela à sala de aula formal, deslocalizando o espaço habitual da disciplina de Desenho para outros lugares de discussão e reflexão.

Porém à medida que as aulas iam passando, começava-se a perceber a pouca participação no blogue. Num primeiro momento houve ainda alguma participação, criando-se aí relações de maior interacção, mas com o passar do tempo essa comunicação diminuiu até desaparecer.

2.5 – Percurso Paralelo: Área de Projecto - 12º D

O estágio possibilitou igualmente o acompanhamento da turma 12º D, do Curso Científico-Humanistico de Artes Visuais, na Área Curricular Não Disciplinar de Área de projecto[15]. Um acompanhamento diferente, comparado ao 10ºE, até porque a Área de Projecto não se enquadra especificamente nas Artes Visuais, tendo um carácter mais generalista e transversal ao currículo, igual em qualquer curso do 12º ano. Assim esta experiência configurou-se numa oportunidade de observar um outro contexto de aula, de turma, de alunos, experimentando outra realidade e criando outras relações interpessoais. E todas estas experiências fazem parte da formação do professor, pelo que nesse ponto de vista a referência a esta experiência contribuiu também para alargar e diversificar um pouco mais o meu conhecimento à realidade do Ensino Secundário.

Foi aliás no 12ºD que realizei o meu primeiro contacto com o Ensino Secundário na qualidade de professor estagiário.

> "A primeira aula de estágio a que assisti foi a Área de Projecto, de uma turma do 12º ano do curso de Artes Visuais. Esta foi também a primeira aula de Área de Projecto do ano lectivo". (ANEXO I a – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio; entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 04 de Outubro de 2009).

O facto de ter coincidido com a primeira aula do ano também para os alunos, revelou-se importante nas dinâmicas de relacionamento que se estabeleceram, diferentes das criadas com o 10ºE.

> "Ao contrário da turma do 10º ano, a dinâmicas construídas na turma do 12º, onde assisto às aulas de Área de Projecto, foram desde o início completamente diferentes. Os alunos dirigiram-se a mim logo na primeira aula como se eu fosse um "natural"

[15] A Área Curricular Não Disciplinar de Área de Projecto foi inserida no currículo pelo Decreto-lei n.º6-2001, no artigo 5º. A Área de Projecto tem como principal objectivo envolver os alunos na concepção, realização e avaliação de projectos, permitindo-lhes articular saberes de diversas áreas curriculares em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção.

> segundo professor". (ANEXO I b – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Dário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 09 de Outubro de 2009).

Também as características específicas dos alunos da turma influenciaram estas dinâmicas, por serem mais velhos e frequentarem um nível de escolaridade superior. Foi uma Turma bastante elogiada pelos seus professores ao longo do ano lectivo, como me apercebi nas conversas que escutava nos corredores da escola.
Estas situações possibilitaram uma maior interacção com eles, tendo começado a participar e a orientar plenamente os seus projectos logo desde o primeiro momento.

> "(…) a maioria já partilha comigo e interage como um elemento normal na sala de aula. Desta forma tive a oportunidade de discutir e ajudar a construir, em alguns grupos, estratégias para os seus projectos". (ANEXO I b – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Dário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 09 de Outubro de 2009).

Acompanhei semanalmente os 180 minutos semanais atribuídos à Área Curricular Não Disciplinar de Área de Projecto. A noção de projecto, central nestas aulas, envolveu os alunos em objectivos comuns, emergindo na formação de grupos que se constituíram como equipas de trabalho cada uma com o seu projecto. Parcerias que se justificaram em interesses comuns.
Os grupos desenvolveram projectos em diversas áreas. Num primeiro momento um deles quis retomar um evento desportivo antigo que se fazia na escola, outro propôs-se a organizar um evento de dança assinalando o dia Mundial da Dança, um terceiro pensou em organizar um Festival de Curtas-Metragens em Valadares e um último sugeriu a criação de um Movimento de Defesa dos Animais na escola. Curiosamente e apesar de ser uma turma do curso de Artes Visuais, os projectos estavam mais inclinados para mobilizações e organizações de acontecimentos, do que para o campo Artístico.
Feitas as propostas iniciou-se o trabalho, que por ser feito em equipa requereu ao mesmo tempo negociações, partilhas de responsabilidade e de decisões, tendo em conta os diferentes ritmos de trabalho de cada elemento. Quando estas condições não se reúnem podem aparecer conflitos no grupo, nos quais

o professor intervém, mediando e procurando consensos. Essa situação aconteceu em dois dos grupos de trabalho, sendo que num deles, que inicialmente tinha oito elementos, separou-se dando origem a um novo grupo de quatro elementos. Numa outra situação uma das alunas abandonou o grupo onde estava inicialmente, inserindo-se num outro mais de acordo com os seus interesses e simpatias.

Ao longo do processo realizaram-se inúmeros pontos de situação, com momentos de debate para uma avaliação regular e conjunta, verificando o progresso relativamente à aproximação das intenções inicialmente previstas e possíveis ajustes.

> "os grupos fizeram o ponto de situação dos seus projectos à turma, através de uma apresentação onde incluíram todos os passos já realizados, as ideias abandonadas e a planificação do que ainda irão fazer". (ANEXO I t – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 09 de Março de 2010).

A avaliação, como processo auto regulador tem uma presença constante no decorrer do projecto e nesse sentido significa aprendizagem (Leite, 2008). É avaliando que percebemos o progresso do trabalho que estamos a desenvolver e se as intenções iniciais estão a ser cumpridas. Neste caso, o grupo que perspectivava recuperar a organização de um evento desportivo que se fazia na escola, acabou por o abandonar já numa fase bastante avançada do projecto porque através de progressivas avaliações foi percebendo a indisponibilidade de algumas entidades cujo o apoio era fundamental para sua concretização. Nesse sentido serviu para que o grupo reiniciasse todo o processo com um novo projecto. Optaram então por entrar em colaboração com uma associação de crianças carenciadas, criando um atelier de expressão plástica para essas crianças, no qual utilizaram muita da experiência que adquiriram com o projecto anterior, que lhes possibilitou uma maior competência na passagem das etapas até à concretização sua concretização com êxito dentro dos prazos estabelecidos.

As quatro alunas que se separaram do grupo inicial, também souberam aproveitar as competências adquiridas na fase anterior, para rapidamente

avançarem com o seu projecto, que era agora o de construir um jogo didáctico ligado à disciplina de História e Cultura das Artes.

As apresentações finais mostraram os projectos que foram desenvolvidos ao longo de todo o ano lectivo: Um dia dedicado à Dança com algumas demonstrações de dança na escola; Iniciativas várias de sensibilização para os Direitos dos Animais; um dia de Atelier de Artes Plásticas na Aldeia SOS; a construção de um protótipo de um Jogo Didáctico; e um Festival de Curtas-Metragens no Auditório do Cine-Teatro Eduardo Brazão em Valadares. Projectos, que tal como alguém referiu na apresentação do Festival de Curtas-Metragens, "ultrapassaram largamente a sala de aula". E foi esse alargamento que promoveu nos alunos aprendizagens marcantes e verdadeiramente importantes numa escola que se quer critica e aberta para a sociedade.
Para desenvolveram os projectos, os alunos tiveram a necessidade de sair da sala de aula e até da escola, em outros horários que não aquele destinado à Área de Projecto. Também houve aulas que ocorreram com menos alunos por se encontrarem em reuniões com entidades exteriores à escola. Noutros casos os alunos saíam durante a aula para encontros e reuniões com professores de outras áreas ou com a Direcção da Escola. E foram essas deslocalizações dos espaços formais de aprendizagem que promoveram aprendizagens e competências aos alunos efectivamente significativas e significantes, possibilitando-lhes a concretização dos seus projectos. Aproveitando a criatividade que o trabalho de projecto possibilita, os alunos potenciam a vontade de saber, desenvolvem relações interpessoais, atitudes e valores para a criação de consensos, responsabilização e aceitação das diferenças entre as pessoas, promovendo ao mesmo tempo aprendizagens pluridisciplinares, com "características próprias que o distinguem dos habituais processos de ensino" (Leite, 2008:21) e baseadas num aprender através da experiência que as teorias pedagógicas apoiadas na acção que por exemplo Dewey ou Freinet defendem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo transformado a aula num "terreno-laboratório" de investigação-acção, o professor investigador, como se costuma dizer, tem a vantagem de fazer um trabalho escrito e de o apresentar à universidade para reconhecimento académico. Não há benefício a desprezar. Mas haverá quem pergunte: "e os interesses dos alunos?". Permitam-me que tranquilize os inquietos com uma impressão pessoal: é frequente que os práticos produtores de teses procurem o "bem dos alunos" mais apaixonadamente do que os outros.

Mas como poderemos nós verificar um tal propósito? E quem é que nos diz que os mais eficazes são os apaixonados?

Hameline, *in* Nòvoa, 1991:46

A profissão de professor é muitas vezes motivada pelo prazer, a chamada vocação que sentimos para ensinar. Um apelo interior justificado por um significado romântico de poder "transformar" alguém para sempre. A vontade de encontrar os nossos alunos anos mais tarde e sentir o reconhecimento da importância das nossas aulas na sua formação como pessoa. Mas esse desejo de ser professor, perpassado por uma postura "apaixonada" própria da vocação, traz consigo o compromisso de cumprir os programas disciplinares para o qual foi contratado e principalmente de os transmitir a todos os alunos e não apenas aqueles que demonstrem à partida a vontade de aprender. Um compromisso profissional, mas também político, pautado pela exigência para a formação integral do aluno, que requer imperativamente o envolvimento total, tanto no plano intelectual como afectivo, com a escola e com o meio, que dá sentido às nossas acções, enquanto professores.

Um compromisso que exige e responsabiliza o professor pela natureza e qualidade do quotidiano educativo, que se constrói sistematicamente quando respondemos a desafios e exigências desse quotidiano, nas relações que se estabelecem com os alunos e na capacidade de lidarmos com as diferenças e com o pluralismo. Que nos compromete efectivamente na construção de uma

sociedade e de uma escola democrática com actividades que contribuam para melhorar o processo de aprendizagem.

Durante a actividade de estágio foram muitas as situações em que se reflectiu sobre a forma do professor cumprir o seu compromisso perante as constantes referências ao pouco empenho de alguns alunos nas aulas, à indiferença que apresentavam aos conteúdos e trabalhos propostos, e por vezes ao não cumprimento das regras estabelecidas.

> "Começa agora a aparecer alguns comportamentos menos correctos na aula, que no início não existiam". (ANEXO I e – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 24 de Outubro de 2009).

> "Pedi-lhes que apresentassem a sua pesquisa (…). Foram poucos os alunos que a fizeram". (ANEXO I h – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 15 de Novembro de 2009).

> "Na turma existem pouquíssimos alunos cujo interesse nas propostas é real. (…) Olham para o lado, vêem o que o colega está a desenhar e vão passando o tempo, na maior parte dele a seleccionar as músicas que querem ouvir no mp3, em vez do necessário investimento no trabalho". (ANEXO I u – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 21 de Março de 2010).

> "Todos os professores se têm queixado do mesmo, apesar de já se ter realizado um Conselho de Turma Disciplinar, o comportamento dos alunos continua a piorar". (ANEXO I u – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 21 de Março de 2010).

No trabalho diário com os alunos, o professor vai descobrindo as continuidades e descontinuidades culturais entre a escola e o lar dos alunos (Vieira, 1992), que os levam a ter comportamentos diferentes daqueles que se esperam deles. As turmas são constituídas por alunos com experiências culturalmente diferentes provenientes do seu meio familiar e social. Essas histórias de vida reflectem-se nas suas atitudes dentro da escola e na sala de aula, por isso o professor tem que estar atento a essa diversidade. Pois se há alunos que em contexto familiar lhes é transmitido uma atitude positiva em relação à escola

colocando-os provavelmente numa posição de mais atenção e empenho, outros há que provêm de meios sociais em que essa valorização não existe. E perante a heterogeneidade não se pode optar por trabalhar mais com alguns alunos relegando os outros para o fundo da sala, numa espécie de *apartheid* entre os excluídos e os eleitos (entre os bons e os maus alunos).

Quando isto acontece, o professor não pode desanimar e ceder perante as frustrações, correndo o risco de entrar nas contradições que muitas vezes encontramos no sistema educativo que, segundo Perrenoud (2002:171), se situam entre "o desejável e o possível, entre as promessas e os actos, entre as belas ideias e as resistências à realidade, entre as aspirações democráticas e os mecanismos de exclusão", assumindo por isso a responsabilidade de não desistir nem excluir ninguém. Ser professor não é ensinar só quem está "predisposto a aprender", mas antes encontrar meios para fazer com que os alunos queiram aprender, despertar os seus interesses, motivações.

Não existe um gosto de aprender pelo simples e desinteressado prazer de aprender. Que não se espere que os alunos entrem nas salas de aula e esqueçam imediatamente aquilo que lhes esteve a prender a atenção durante o intervalo, sentando-se e preparando-se de cadernos e canetas, aguardando que o professor comece a saciar a sua sede de conhecimento sobre uma qualquer disciplina que lhe indicaram para aquele horário. É o professor que tem que lhe despertar esse interesse, modelando o seu compromisso na procura de estratégias que transmitam o programa da disciplina a cada um dos seus alunos de uma forma a que as aprendizagens efectivamente aconteçam. Uma procura regulada por uma postura reflexiva que agita o professor a tentar compreender e a superar o que impede o sucesso nos seus alunos. Através de uma noção de consciência profissional, que o leva a um esforço contínuo para ultrapassar obstáculos existentes e a procurar formas de agir.

> "O oficio do professor (…) associa, em um único gesto profissional, o *saber e o acompanhamento*. Um saber exigente, sem concessão quanto ao conteúdo. E um acompanhamento que permita a cada um introduzir-se nesse saber utilizando os recursos que são colocados à sua disposição" (Meirieu, 2006:20).

Para que as aprendizagens aconteçam é necessário prender a atenção, porque o acto de aprendizagem é um acto de concentração. Como referia Agostinho da Silva[16], o aluno tem que querer aprender, ser uma necessidade que deseja satisfazer. Por isso, as estratégias que o professor implementa devem fomentar essa necessidade, desenvolvendo a motivação para determinado saber, criando no aluno a concentração que os actos de aprendizagem requerem.
Para a criação de estratégias que promovam o processo de aprendizagem, o professor recorre à sua profissionalidade em "função dos alunos, da prática, do ambiente, das parcerias e cooperações possíveis, dos recursos e milites próprios de cada instituição, dos obstáculos encontrados ou previsíveis". (Perrenoud, 2002:198).

Ao longo do relatório fomos percebendo que a saída da sala de aula, por meio da visita de estudo, poderia ser uma estratégia para a promoção de aprendizagens significativas em Artes Visuais, por motivar os alunos e professores através da alteração das rotinas, favorecer outras relações interpessoais e proporcionar um contacto presencial do aluno com a obra de arte. A parceria estabelecida com o Museu Nacional Soares dos Reis e com a Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual através do programa Desenhar Pousão revelou-se importante na disponibilização de recursos e na possibilidade de partilha de experiências entre professores.
Foi na dimensão relacional que a Visita de Estudo à exposição "Diário de um estudante de Belas Artes de Henrique Pousão" teve mais impacto, por ser o ponto de partida para a construção de uma nova relação entre os professores e os alunos, sentindo-se também alterações nas próprias relações que os alunos tinham entre si. Alterações que provocam mudanças ao nível comunicacional na sala de aula.
Ao nível cognitivo a estratégia, ligada a teorias da arte em educação defendidas por exemplo por Ana Mãe Barbosa (2005), que defendem o contacto directo entre o aluno e a obra de arte, deixando-lhe espaço a uma interpretação, passou essencialmente por estabelecer a aproximação entre o aluno e a obra de arte, levando-o à presença da obra de arte e proporcionando-

[16] Agostinho da Silva no programa da RTP no início dos anos 90 intitulado "conversas vadias", em que era entrevistado semanalmente por diferentes entrevistadores.

lhe uma percepção directa e sensorial. E porque o momento se associa a um acontecimento fora da rotina torna-se mais marcante. Este contacto é particularmente importante em alunos que frequentam o Curso Científico-Humanistico em Artes Visuais e as artes são o seu cerne.
Neste sentido as aprendizagens que os alunos fizeram durante a visita de estudo, que inclui todo o processo de organização e concretização, foram certamente significativas, porém, no regresso à sala de aula a motivação desapareceu, bem como o empenhamento. O trabalho que estavam a realizar, passou segundo os alunos, a ser novamente uma tarefa monótona.

Não procurando conclusões objectivas e definitivas, considero que o professor ao implementar estratégias para a promoção do processo de aprendizagens, deve estar consciente dos indeterminismos que carregam e que nem sempre correspondem ao que se esperam delas. As estratégias podem funcionar em alguns alunos ou em algumas turmas e em outras não, causando desânimos e frustrações. Por mais que se cumpra o compromisso profissional, haverá sempre situações que o professor não controla. Nesse momento deverá aceitar a sua impossibilidade de alterar o rumo dos acontecimentos, assumindo o seu compromisso dentro destas incertezas e não se deixando perturbar. Antes deve pensar as suas práticas numa postura de reflexão permanente que o consciencialize e o permita avançar, sem cair no muro das lamentações, redesenhando novos caminhos e procurando outras estratégias.
Até porque o processo de aprendizagem não depende só da capacidade do professor criar estratégias que motivem o interesse. A postura do aluno é essencial nesse processo, porque o acto de aprendizagem "requer um compromisso por parte dele e implica um risco que ninguém poderá assumir em seu lugar" (Meirieu, 2006:20). A função social da escola é preparar o aluno para a sociedade, mas cabe ao aluno a responsabilidade e a consciência de que o trabalho proposto exige dedicação e empenho. Assim o professor procura estratégias de motivação para o aluno mas ao mesmo tempo exige uma responsabilização deste para o trabalho. Trata-se por isso de um processo só possível com o envolvimento mútuo, de professor e do aluno, assumindo ambos o seu compromisso, porque "não há nenhuma chance de ter êxito na dimensão propriamente politica de nosso projecto sem o reconhecimento da

importância de todos aqueles que contribuem para a tarefa comum". (Meirieu, 2006:77).

No fim não se encontram receitas para se ser um bom professor ou uma boa professora. O que há são muitas possibilidades de o ser. A arte do professor é a de assumir o seu compromisso num processo continuado de diálogo entre a teoria e a prática, mediada pela reflexão, para no fim se re-desenhar e reiniciar o processo num trabalho sobre si mesmo que se desenvolve através de solidariedades e partilhas conjuntas com os seus pares. Porque a docência é feita de dificuldades, resistências, frustações, incertezas, mas também de conquistas e sucessos.

BIBLIOGRAFIA

Obras Impressas

ALMEIDA, António (1998) *Visitas de Estudo, Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.

BEST, David (1996) *Racionalidade do sentimento – o papel das artes na educação*. Porto: Edições Asa.

CORREIA, José Alberto e MATOS, Manuel (2001) *Solidões e solidariedades nos quotidianos dos professores*. Porto: Edições Asa.

CORREIA, José Alberto (2001) "Texto de abertura" in *Os Desenhos do Desenho: Novas perspectivas para o ensino artístico*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, p. 14-15.

ECO, Humberto (2009); *Como se faz uma Tese em ciências Humanas*. Trad. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão, 15ª edição. 1º Edição (1980); Editorial presença, Lisboa.

FONT, Carles Monereo (org.) (2007); *Estratégias de Ensino e Aprendizagem*, trad. José Carlos Eufrázio, 1ª edição. Asa editores

FRÓIS, João Pedro (Coord.) (2000). *Educação estética e artística: abordagens transdisciplinares*. Edição Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

HAECHT, Anne Van (1994); *A escola à prova da sociologia*, trad. Ana Maria Rangel, Instituto Piaget. Lisboa.

JESUS, Joaquim (2009) "O professor em Ensino de Artes Visuais", *Educação, Sociedade & Culturas*, 29, Edições Afrontamento. Porto.

LEITE, Carlinda e TERRASÊCA, Manuela (2001). *Ser professor/a num contexto de reforma*. Edições Asa, Porto.

LEITE, Elvira, MALAPIQUE, Manuela (1986). *Espaços de criatividade: a criança que fomos/a criança que somos... através da expressão plástica*. Afrontamento, Porto

LEITE, Elvira e SANTOS, Milice Ribeiro (2004). *Nos trilhos da área de Projecto. Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular* – Ministério da Educação.

LEITE, Elvira e VICTORINO, Sofia (2008). *Serralves: Projectos com escolas 2002-2007*. Fundação de Serralves, Porto

NÓVOA, António (org.) (1991) *Profissão Professor*. Porto Editora.

NÓVOA, António (Org.) (1992) *Os professores e sua formação*. Dom Quixote, Lisboa.

NÓVOA, António (2005) *Evidentemente - Histórias da Educação*. Lisboa: Edições Asa.

MEIRIEU, Philippe (2006). *Carta a um jovem professor*. Trad. Fátima Murad. Artmed, Porto Alegre.

MUNARI, Bruno (1978); *A arte como ofício*; Editorial Presença, Lisboa

PAQUAY, L., ALTET, M., CHARLIER, E. et PERRENOUD, Ph. (dir.) (2001). *Formando professores profissionais. Quais estratégias ? Quais competências ?* Porto Alegre: Artmed Editora.

PERRENOUD, Philippe (2002); *A Prática Reflexiva no Ofício de Professor : Profissionalização e razão pedagógicas;* Trad. Cláudia Schiling. Artmed Editora. Porto Alegre.

RAMOS, Artur (coord.) (2001). *Programa de Desenho A, 10º ano*; Ministério da Educação.

READ, Herbert (2007). *Educação pela arte*. Edições 70, Lisboa.

RODRIGUES, António; *Henrique Pousão*; Edições Inapa, Lisboa

VIEIRA, Ricardo (1992). *Entre a Escola e o Lar*; Escher, Lisboa

VYGOTSKY, Lev (2009); *A imaginação e a Arte na Infância*; Tradução (a partir do castelhano): Miguel Serras Pereira; Relógio D'água Editores, Lisboa.

ZABALZA, Miguel A. (2004). *Diários de Aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissiona*l. Trad. Ernani Rosa. Artmed, Porto Alegre.

Capítulos de Livros

BARBOSA. Ana Mae (2005) Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas in Ana Mae Barboda (org.) *Arte/Educação Contemporânea, Consonâncias Internacionais*. Cortez Editora; São Paulo.

LEITE, Elvira e PACHECO, Natércia (1991) Inventar Espaços de Animação/Relação in Angelina CARVALHO (*et al) Manual do Formador – Teoria e Desenvolvimento do Curriculo*. Edição do GETAP – Gabinete de Educação Tecnológica e Profissional do Ministéria da Educação. Porto

HOLLY, Mary Louise (1992). "Investigando a vida profissional dos professores: Diários biográficos", in António Nóvoa (org) *Vidas de professores* Porto: Porto Editora.

MONTEIRO, Manuela (2002). "Intercâmbios e Visitas de Estudo"*,* in Adalberto Dias de Carvalho (org) *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora

NÓVOA, António (1992) "Os professores e as histórias da sua vida", in António Nóvoa (org) *Vidas de professores* Porto: Porto Editora.

Revistas

Entrevista com Elvira Leite in 2pontos:, número 10, Outono 2009, p.22 - 25

Entrevista com António Nóvoa *in* a página da educação, série II, n.º 187, Inverno de 2009, pp.14-19

On-Line

Nóvoa, A (2001). *Entrevista a António Nóvoa*, concedida em 13 de Setembro 2001 http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/antonio_novoa.htm (consultado a 05 de Março de 2010)

Artes, Educação e Comunidade I: Desenhar Pousão. http://projectosapecv.ning.com/, consultada entre Novembro de 2009 e Junho de 2010.

Associação de Professores Expressão e Comunicação Visual. http://www.apecv.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=185&Itemid=1 consultado a 5 de Junho de 2010.

Leis

A Lei de Bases do Sistema Educativo: lei n. 46/86 de 14 de Outubro, alterada pela lei 49/2005 de 30 de Agosto.

Decreto-lei n.344/89 de 11 de Outubro, que estabelece o ordenamento jurídico da formação de professores dos ensinos básico e secundário

INDÍCE DE ANEXOS

(em CD-ROM)

Anexo I ……... ”Memórias de Valadares”: Diário de estágio
Anexo II ……... Relatórios de Seminário
Anexo III ……. Inquéritos aos alunos sobre a Visita de Estudo
Anexo IV ……..… Diagnose 10ºE
Anexo V …….…… Projecto Educativo da Escola
Anexo VI a …….. Projecto Curricular de Turma 10º E 2009/2010
Anexo VI b ……..…….. PCT – Caracterização da Turma
Anexo VI c …….. PCT – Avaliação
Anexo VII …….. Estrutura da ESJFA
Anexo VIII ……..… Autorização do Director à Visita de Estudo
Anexo IX . Autorização aos Encarregados de Educação para a Visita de Estudo
Anexo X …...…….. Planificação da Unidade de Trabalho: “Cenários de Pousão”

Anexo I

"MEMÓRIAS DE VALADARES":

Diário de estágio na Escola Secundária de Valadares.

Paulo Miguel de Oliveira Fernandes

Mestrado em Ensino de Artes Visuais

ANEXO I a – "MEMÓRIAS DE VALADARES": Diário de Estágio; entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 04 de Outubro de 2009.

Escrever é uma das coisas mais difíceis, não só por ser uma tarefa solitária, mas sobretudo, por se tratar de algo que fica para "sempre", expondo a as ideias a todos, ás vezes frágeis e até onde a clareza e pertinência do que queremos dizer, não é evidente.

Queremos na nossa escrita, apresentar um texto "bem escrito", num discurso fluído, e até poético, mostrando aos outros (que o lêem) que além de sermos capazes de ter boas ideias e boas reflexões, também sabemos escrever.

No entanto, é meu objectivo neste diário, que agora inicio, relatar todos os meus passos (físicos e mentais) durante o estágio, possibilitando a futura reflexão dos mesmos por mim, no futuro. A escrita deste diário, é como eu acho que devem ser em todos os diários pessoais, uma escrita para mim, onde possa livremente divagar, errar ou até me perder.

1ª SEMANA

29 de Setembro de 2009

Combinei com o professor Paiva um primeiro encontro com a professora Ana Luísa, que me irá orientar no estágio na Escola Secundária de Valadares.

O encontro foi cordial e rapidamente passamos a uma breve apresentação da escola e dos seus órgãos de gestão. Primeiro o presidente, a vice-presidente, que entretanto cruzou connosco na secretaria, quando tratávamos do meu cartão da escola para poder facilmente me movimentar no seu interior.

Após algumas impressões, verificamos a disponibilidade de horários, e combinamos as disciplinas e turmas/aulas que eu iria acompanhar. De acordo com essa disponibilidade, acertamos que iria assistir a uma aula de Desenho A, 10ª ano, por semana, à terça-feira de manhã, reservando o resto da manhã para o trabalho conjunto que iremos desenvolver. À sexta-feira iria assistir a algumas aulas de Área de Projecto 12º ano, onde alargava um pouco mais o meu contacto com esta realidade do secundário e com turmas de níveis diferentes.

Em seguida, já na biblioteca da escola, podemos travar uma conversa um pouco mais concreta sobre o ser professor, em especial o ser professor de

artes visuais no ensino actual, o funcionamento da escola, e uma breve consulta às planificações e métodos utilizados pela professora Ana Luísa.
Este foi o primeiro contacto, que considero bastante alargado ao nível dos assuntos abordados, pelo que acordamos no futuro, após o contacto com as turmas, e após o meu contacto com a disciplina de Relatório, esclarecer alguns pontos, e ponderar percursos para o ano lectivo.

2 de Outubro de 2009
Como combinado apresentei-me na escola de Valadares às 12:45, para assistir/ participar na aula de Área de Projecto, da turma do 12º ano leccionada pela professora Ana Luísa.
Assim a primeira aula de estágio a que assisti foi a Área de Projecto, de uma turma do 12º ano do curso de Artes Visuais. Esta foi também a primeira aula de Área de projecto do ano lectivo também para os alunos, e por isso fez-se uma apresentação da turma e à turma do que iria ser o "espaço" de Área de Projecto. Os métodos de abordagem a professora cooperante e as estratégias adoptadas foram seguidas com a minha máxima atenção por se tratar de uma situação nova para mim.
Este foi, aliás, o meu primeiro contacto com o ensino secundário, enquanto professor (naturalmente já o havia tido enquanto aluno). Por isso e ao contrário dos meus colegas que já leccionam ao secundário, e por isso já conhecem essa realidade, esta foi para mim uma situação nova. Além disso, todos os outros que nunca leccionaram, também partem de um ponto de partida diferente do meu, pois como dou aulas no ensino básico, parto de uma realidade completamente diferente daquela que encontrei.
Essa era aliás uma situação que já previa, e por isso, já tinha decidido deixar de parte tudo aquilo que carrego da minha actividade docente. Pretendo que esta seja uma nova fase, de onde pretendo retirar o máximo proveito, resistindo e rejeitando "pré-conceitos" que transporto da minha experiência. Aliás de outra forma não fazia sentido.
Outro aspecto relevante foi que enquanto decorria a aula de Área de Projecto, dei por mim a pensar no privilégio que era poder assistir a aulas da minha área disciplinar, sem a responsabilidade que normalmente recai no professor titular da turma. Poder estar num determinado espaço da sala, a ver a aula a

decorrer, e observar por exemplo a reacção dos alunos a determinada situação da aula, ao que os faz distrair ou o que lhes capta a atenção, etc.

ANEXO I b – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Dário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 09 de Outubro de 2009.

2ª SEMANA

6 de Outubro de 2009

Terça – Feira, oito e meia da manhã. Chego à escola de Valadares como combinado com a professora Ana Luísa para assistir à primeira aula de Desenho A do 10ºE. Uma turma de 27 alunos, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos.

A professora cooperante não se alongou em apresentações à turma. Apenas referiu que eu era um professor que iria colaborar com ela naquelas aulas. Os alunos não colocaram qualquer tipo de questão. Na verdade, acho até que nem estranharam a presença de um segundo elemento presente na aula.

Os alunos estavam a continuar uma actividade já iniciada na aula anterior, e a professora Ana Luísa pediu a um, que me pusesse a par da proposta de trabalho. Tratava-se de um trabalho de registo de uma escala de valores a grafite do mais claro para o mais escuro. Primeiro com mancha, depois com linha e por fim com pontos.

Acompanhei em seguida o trabalho que os alunos estavam a realizar, situando-me próximo da professora cooperante, de forma a poder ouvir as suas indicações e melhor me inserir nas suas metodologias. No decorrer da aula, fui percorrendo a sala, aluno a aluno, trabalho a trabalho. Ao contrário do que esperava, ninguém me pediu auxilio, ou perguntou se o trabalho estava “bem”. A minha presença lá, apesar de próxima e “movimentada” pela sala, não suscitou qualquer tipo de reacção visível nos alunos.

Interroguei-me nessa altura sobre se deveria ou não intervir. Se deveria auxiliar ou dizer alguma coisa aos alunos em relação aos seus trabalhos. Incentivá-los quando visse que estavam a realizar bem o exercício ou chamar-lhes a atenção para os aspectos que não estavam bem. Optei por não dizer nada, pelo menos nesta aula. Esperarei mais tempo até que eles se habituem à minha presença. Talvez esperar que algum deles se dirija a mim.

Terminada a aula reuni com a professora Ana Luísa o resto da manhã para estabelecermos algumas estratégias de trabalho para este estágio. Estabelecemos logo aí um momento em que seria eu a dar a aula. A proposta

era a de ser eu a iniciar a aula sobre a cor, nomeadamente uma pequena revisão sobre a unidade da cor. Assenti de imediato e marcamos essa aula para a última semana de Novembro.
Em seguida analisamos o programa de Desenho A do 10 ano, e a analisar a forma como a professora cooperante estrutura e concebe as suas aulas de acordo com o programa da disciplina.
Por fim conversamos ainda sobre a minha ideia para a realização de um estudo na disciplina de seminário, que pudesse ser implementado nas aulas de estágio, um pouco à semelhança do que alguns alunos do ano passado fizeram nos seus relatórios. A minha ideia é a de entrar numa área que me dá particular gosto e interesse – o cinema de animação, e convergi-la para a disciplina de desenho. Mas *"vamos indo vamos vendo"* (citação popular).

Quinta Feira - 08 de Outubro de 2009
A carga horária atribuída à disciplina de Desenho A, 10º Ano está dividida em três blocos semanais (dois de 90' e outro de 90'+ 45'). Apesar de inicialmente estar combinado assistir apenas às aulas de terça-feira (por causa da compatibilidade do meu horário de trabalho), fiz um pequeno esforço (de praticamente não almoçar) e consegui ir assistir também à aula de quinta-feira.
Este bloco, que tem uma duração total de 135 minutos, está dividido em turnos na turma. Assim na parte da manhã vem uma metade da turma e na parte da tarde a outra. Eu fui assistir à parte da tarde.
Nesta aula a proposta de trabalho tinha como enunciado a representação de uma figura que estava impressa numa fotocópia entregue aos alunos. A imagem era a de uma maçã (a preto e branco de fotocópia) iluminada por trás e por cima, estando a parte da frente com sombra própria e uma projecção da sombra da maçã para a frente. Os alunos deveriam, segundo o enunciado, preocupar-se com a ocupação de mais de 2/3 do espaço. Registo de valores de claro-escuro, sombra própria e projectada, utilizando ou o ponto ou a linha. Como meio riscador utilizam a caneta.
Decidi então iniciar a minha "ronda", tal como havia feito na terça-feira, apenas observando os trabalhos e a execução por parte dos alunos. No entanto eu estava decidido a interagir com os alunos mais tarde, caso não me interpelassem durante a aula. A meio da aula, decorrido aquele período que eu

achei ser o necessário para a adaptação e habituação, decidi interagir com uma aluna, propondo uma abordagem diferente daquela que ela estava a fazer no trabalho. Sugeri que em vez de se preocupar com um pormenor do desenho, partisse primeiro para o todo, e começasse a visualizar primeiro o total antes do pormenor. Ela acedeu e agradeceu. Mais tarde quando passava por outra mesa uma aluna pediu a ajuda à professora. Talvez não se apercebesse que eu estava mesmo ali ao pé, mas contudo perguntei: "posso ser eu, ou preferes a professora Ana Luísa". À qual respondeu: - "Para mim é igual". A aluna queria saber se o trabalho estava bem, não era nenhuma dúvida em concreto. Aproveitei então para rever em conjunto alguns aspectos do seu desenho: Verificar alguns pontos de referência na imagem, e a aplicação da escala de valores que o exercício pedia.

Este contacto com a disciplina de Desenho levou-me a questionar a minha relação com o desenho, e o facto de não ter uma formação superior nesta área, nomeadamente em belas artes. Não creio que esse factor me tenha inibido na aula. De qualquer forma partilho aqui essa preocupação, e sobretudo a necessidade que tive em recuperar os trabalhos que guardo em casa do meu tempo do 10º Ano (sim porque eu sou um nostalgista compulsivo), para comparar com aqueles que tenho observado nestas aulas de Desenho.

No final da aula, a professora Ana Luísa perguntou-me sobre se tinha falado com alguém do mestrado em relação ao tema que queria explorar nas aulas de estágio. Referi então que tinha tido no dia anterior (quarta feira) aula de seminário com a professora Paula Soares, mas que não tínhamos decidido nada em concreto. Aliás a ideia de nos reunirmos dois a dois, com um tema em comum, proposto nessa aula na faculdade de belas artes, foi uma surpresa, pois eu achei que cada aluno escolheria um tema individual para estudo. Enfim terei que deixar avançar um pouco mais, e averiguar a dinâmica que se vai construindo, de forma a poder decidir melhor.

09 de Outubro de 2009

Ao contrário da turma do 10º ano, a turma do 12º, onde assisto às aulas de Área de projecto, dirige-se a mim com se eu fosse um "natural" segundo professor. Na verdade para eles a Área de Projecto já teve dois professores quando frequentavam o 2º ciclo.

Logo no início da aula, ainda alguns alunos não se tinham sentado, uma aluna dirigiu-se a mim com um assunto da aula. A princípio ainda pensei que vinha comentar o filme que lhes tinha enviado por e-mail, de um projecto que desenvolvi com os meus alunos em Área de Projecto, sobre um dos temas que eles próprios estavam interessados tratar nestas aulas. Porém, o assunto era mesmo de uma ideia que ela tinha tido e que queria ali a minha opinião, como professor da turma.

De facto, apesar de nem todos os alunos me pedirem auxilio, a maioria já partilha comigo e interage como um elemento normal na sala de aula. Desta forma tive a oportunidade de discutir e ajudar a construir, em alguns grupos, estratégias para os seus projectos. Na verdade acho que lancei mais a confusão do que afunilei caminho, abri-lhes outras direcções e levantei mais questões. Enfim compliquei-lhes a vida, mas esse é o resultado de assistir a um ano curricular do mestrado em ensino de artes visuais. A questão agora é saber se eles para a semana me voltam a chamar…

ANEXO I c – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 16 de Outubro de 2009.

3ª SEMANA

Terça-feira, 13 de Outubro de 2009

A aula de terça-feira a que assisto é a segunda aula de Desenho A, que a turma do 10 º ano tem na semana. Ou seja, entre a aula de quinta-feira, que é frequentada por turnos (que eu assisto ao turno da tarde) e a de terça-feira, existe outra na segunda-feira à tarde, que eu não posso estar presente por incompatibilidade de horário.

Essa “falta”, está a fazer com que eu não assista ao “lançamento” das propostas de trabalho aos alunos. Assim, na terça-feira, os alunos já iam a meio de uma nova proposta de actividade. Por isso, antes do início da aula, a professora Ana Luísa, pôs-me a par da proposta de trabalho, que seria a da realização de marcadores de livros. Proposta essa que estava inserida numa articulação com a disciplina de Filosofia (ou seja, tinha sido um pedido da professora de Filosofia).

A ideia dos marcadores de livros foi então adoptada pela professora cooperante, para desenvolver uma actividade que inserisse os conteúdos da disciplina e desenvolvesse competências específicas de Desenho A.

Cada aluno tinha à sua escolha frases soltas, desenvolvidas por eles próprios e por colegas seus. Dessas frases os alunos escolhiam uma e identificavam as palavras-chave que por sua vez iriam originar novas palavras que fossem, ou sinónimos ou que de alguma forma estivessem ligadas a essas palavras-chave. Em seguida iam pesquisar significantes para cada uma das palavras associadas à palavra-chave que representariam através do desenho.

Percebendo a actividade, inicio a aula da forma habitual percorrendo as carteiras dos alunos, observando o seu trabalho. Continuo ainda intervir muito pouco, pois os alunos não pedem muito a minha intervenção. De facto às vezes dou por mim a ser mais aluno que professor, ouvindo as indicações que a professora Ana Luísa dá à turma. Vou acompanhando o seu percurso pela sala e estando atento às orientações que vai dando. Talvez apercebendo-se desse facto, a professora cooperante passou a “discutir” as formas de intervenção e orientação desses trabalhos pedindo também a minha opinião.

Devo referir que as aulas dadas pela professora Ana Luísa têm sido para mim uma referência. Na verdade tudo o que ela diz me parece claro, e que não podia ser dito de outra forma. Não será para isso alheio o facto da professora estar a concluir nesta altura um mestrado em Desenho, e que muitas das referências que faz sejam as mesmas que eu vou ouvindo no meu mestrado. No entanto esse concordar constante cria-me um desconforto, pois em determinadas alturas eu gostaria de discordar, dá-me a sensação que ao concordar sempre não estou a reflectir o suficiente, ou a ver as coisas com a distância necessária. Tenho medo de me estar a acomodar a uma forma de abordagem, sem equacionar outros pontos de vista.

Porém gostava de referir que a relação que estou a estabelecer com a professora é bastante boa. E a forma como me dá total liberdade e disponibilidade para o meu trabalho entusiasma-me no trabalho que tenho pela frente. Assim quando esta semana fui assistir a uma seminário no Museu Soares dos Reis, fiquei a equacionar esse projecto como uma forma de intervenção na turma, e um possível estudo para o meu mestrado. Quando lhe falei nesta ideia, ela contagiou-me no seu entusiasmo. Deixou-me liberdade total para escolher aquilo onde eu me sentiria mais confortável.

De facto esta semana foi uma semana de muita ponderação. E de questionamento em relação ao que iria desenvolver nas aulas de estágio e que se prolongaria num estudo para incluir no meu relatório. Já aqui tinha falado da hipótese do cinema de animação, porém o projecto “Desenhar Pousão”, que foi apresentado no seminário do dia 10 de Outubro no Museu Soares dos Reis (segue em anexo o relatório que fiz a esse seminário), configura-se como uma oportunidade de realizar um trabalho, tendo acesso a recursos matérias e humanos de forma privilegiada. No entanto o facto de ainda não ter balizado bem o meu campo de intervenção, nem ter nada em concreto está a criar-me algum desconforto. Mas como diz o Nuno, por vezes é preciso perdermo-nos ou estar num pequeno caos para percebermos melhor as hipóteses que dispomos. Por isso vou assumir este desconforto, vou-me perder… e no fim logo se verá.

Quinta-feira, 15 de Outubro de 2009

A aula de Desenho A, 10º ano, de hoje, iniciou-se com uma apresentação à turma de composições visuais (folhetos publicitários, cartazes) através da projecção de diapositivos, com intervenções dos alunos e debate sobre as imagens.
Em seguida os alunos continuaram a sua actividade dos marcadores de livros. Estava combinado trazerem de casa uma ampliação de uma imagem escolhida por eles, daquelas que tinham criado na aula anterior. Daí eles iam escolher uma parte dessas imagens, que desse a entender o que estava representado mas sem enquadrar o desenho todo. Apercebi-me aqui de algumas resistências por parte dos alunos. Principalmente porque diziam que o desenho estava bonito assim, e não o queriam alterar. Era como se estivesse ali a sua pequena obra de arte. Como refere a professora Ana Luísa, "nesta altura é preciso partir muita pedra".

Relativamente à minha proposta e tendo o aval da professora cooperante, iniciei os meus contactos tanto com a Professora Paula Soares e o professor José Paiva com o intuito de irem percebendo o que me ia na cabeça, e tentar perceber o feedback das minhas ideias. Inclui-me também no fórum de discussão aberto na internet, do projecto "Desenhar Pousão", no qual me apresentei a esse grupo e li algumas das propostas de actividades que outros professores inscritos já tinham feito.
A próxima semana será a de estruturar melhor a estratégias, e realizar os contactos necessários com as pessoas associadas ao projecto "Desenhar Pousão", dando-lhes a conhecer as minhas intenções, e perceber também dai o feedback.

ANEXO I d – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 18 de Outubro de 2009.

Sobre a organização da escola e o (não) estranhamento.

Tenho seguido atentamente os diários dos meus colegas, e percebo em alguns deles, a novidade que têm neste contacto com o “ser professor”, o contacto com a escola e a sua organização. Devo confessar, que não tenho nenhum estranhamento nesse sentido. Não dou por mim a pensar no que é ou o que se faz uma reunião de avaliação, no que se escreve no sumário, o que é o PCT, o PAA ou ainda o PEE. São coisas normais e já inseridas no meu quotidiano. O que penso quando leio os diários dos meus colegas é no estranhamento que senti (e que às vezes esqueço) quando cheguei a uma escola pela primeira vez. Perceber a organização de uma escola, entrar na rotina é algo que se adquire, assimila e depois nem se dá por ela. E é aí que reside o erro. É aí que me delicio a ler os diários deles, e pensar; como é que eu já não ponho em causa estas questões… Como é que eu aceito como normal o funcionamento burocratizado e mecânico das coisas.

É nesse sentido que esta reflexão me está a obrigar a distanciar da organização estipulada e aceite, para poder reflectir sobre ela. Como a Lurdes dizia na aula de relatório de 17 de Outubro: “é durante o estágio que eu me apercebo de questões, que durante o quotidiano das minhas aulas não me apercebia”.

ANEXO I e – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 24 de Outubro de 2009.

4ª SEMANA

Terça-feira, 20 de Outubro de 2009

Na aula de Desenho A 10º ano, continuamos com a proposta dos marcadores de livros. Nesta aula a professora Ana Luísa pediu aos alunos que fizessem um exercício de pintura a guache, bastante aguada (tipo aguarela), e experimentassem esta técnica através de pinturas de grelhas com as três cores primárias. Seguidamente, pintavam por cima com outra cor primária obtendo uma secundária, repetindo o processo até obterem as 3 cores primárias e as 3 cores secundárias.

Apesar de estar na presença de um 10º ano, não previa encontrar alunos com dificuldades neste tipo de exercício. Coisas tão simples, como por exemplo, diluir o pigmento na água. Estas experimentações de técnicas e materiais, paralelas a actividade que se está a desenvolver possibilitam aos alunos a aquisição de domínios para a sua realização (neste caso o marcador de livros).

Após a aula, e de um pequeno intervalo, eu a professora cooperante reunimos como habitual na biblioteca da escola. Tive aí a oportunidade de lhe apresentar as minhas ideias para a unidade de trabalho a partir do projecto “Desenhar Pousão”. Após um pequeno “brainstorming” decidimos dividir numa primeira fase três momentos, da seguinte forma:

1º Momento: “Procurar Pousão” - Os professores pedem aos alunos como trabalho de casa uma pesquisa sobre o pintor Henrique Pousão, que seria apresentado na aula, de forma oral ou em texto que não excederia as 20 linhas.

2º Momento: “Nuvem de conceitos” - Os professores iniciam a aula dando a conhecer a proposta aos alunos. Inicia-se então a apresentação das pesquisas, da qual se retirariam “palavras-chave” registando-as num acetato projectado na tela, criando uma espécie de “nuvem de conceitos” sobre o artista Henrique Pousão, atribuídos pelos alunos (no final a folha de acetato é fotocopiada e entregue aos alunos). Terminada a “nuvem de conceitos”, os alunos são convidados a representar Pousão (ou “Desenhar Pousão”), através de uma

atribuição visual dos conceitos seleccionados. Como seria? Como se vestiria? Onde estava/andava?
3º Momento: "Visita de Estudo" - Os professores organizam uma visita de estudo ao museu Soares dos Reis.
Apesar de não termos precisado nada, na segunda fase, que viria após a visita de estudo, poderíamos trabalhar enumeras possibilidades de exploração de técnicas, materiais. Como "produtos finais", que figurariam na exposição de trabalhos dos alunos no museu, a professora Ana Luísa sugeriu a ideia dos "Cenários de Pousão". Onde representávamos os espaços por onde andou Pousão, deixando na imagem a silhueta em branco do próprio Pousão.
Uma situação referida pela professora cooperante foi a de que esta proposta vai alterar completamente a planificação inicial. Algo que não se configura um problema, mas um aliciante pela imprevisibilidade inerente. A necessidade de inovação e de novas propostas faz parte do conceito de educação que pretendemos levar a cabo com este trabalho.
Combinamos então para esta semana a preparação e organização da parte logística e também burocrática, tanto na articulação desta actividade com outras disciplinas, bem como a organização da visita de estudo, não esquecendo os órgãos directivos da escola e as respectivas autorizações.

Fui nessa mesma tarde ao Museu Nacional Soares dos Reis, sendo recebido pelo serviço educativo do museu. Deixei a disponibilidade e o contacto, ficando à espera da marcação por parte do museu. Toda esta actividade depende da data da visita, ou seja, para poder planear a dia para o início da unidade de trabalho na escola, tenho que ter uma data definitiva para a visita.
Enviei também um e-mail, aos organizadores do projecto "Desenhar Pousão", em particular à Drª Tereça Eça, que dinamiza o fórum "Artes, Educação e Comunidade I : Desenhar Pousão", dando a conhecer as minhas intenções, e pedindo autorização para que os trabalhos dos alunos fossem incluídos na exposição que irá acontecer no Museu Soares dos Reis.

Entretanto a professora Ana Luísa tratou da organização dentro da escola. Ao contrário do que inicialmente pensávamos, não há necessidade de pedir autorização ao Conselho Pedagógico para a realização da visita de estudo,

bastando apenas a comunicação ao conselho de turma, pelo que facilita em muito a preparação desta.
Quanto à articulação desta actividade com outras disciplinas, e a sua inserção no Projecto Curricular de Turma, os professores mostraram alguma resistência. Porém não se puseram de parte. Segundo a professora cooperante, vão dizendo que "até gostam de participar nessas coisas, mas o tempo para cumprir os programas é muito apertado". Esperemos até a próxima semana, pois vai haver um Conselho de turma, e teremos aí a oportunidade de apresentar melhor a proposta.

Quinta-Feira, 22 de Outubro de 2009
Aula de Desenho 10º Ano. Dada a proximidade da unidade de trabalho que estou a planear (pretendo iniciar já em Novembro) decidi interagir mais com os alunos desde o início da aula, pedindo que me comentem o "evoluir" (processo) do seu trabalho, questionando as opções e intenções. Porém constato a necessidade que "muitos" têm de justificar o seu trabalho com o: "foi a professora que disse para pôr assim". Esta situação, não está alheia de outras situações que me vou apercebendo nas aulas, nomeadamente em relação ao comportamento dos alunos.
Começa agora a aparecer alguns comportamentos menos correctos na aula, que no início não existiam. Apercebo-me de alguma falta de empenho por parte deles, coisa que estranho por estar na aula de Desenho, que à partida seria uma especificidade no curso de artes. Se a disciplina de Desenho não os cativa, interrogo-me com o que é que os cativa?
O comportamento apresentado, aliado a comentários de indiferença em relação ao trabalho, como aquele que referi acima, ou outros como o encolher os ombros, ou até: "eu não sei pintar", deixa-me um pouco confuso em relação às expectativas destes alunos, e ao seu objectivo, em particular no que pretendem quando frequentam o curso de artes…

Entretanto chegou à escola o meu manual de Desenho A, 10º ano. Oferecido gentilmente pela editora, após o meu pedido.

Recebi também a resposta da Dª Tereça Eça, do projecto “Desenhar Pousão”, via e-mail, mostrando-se disponível para ajudar, e abrindo a porta do museu para a exposição dos trabalhos dos alunos.

Sexta-feira, 23 de Outubro de 2009

Aula de Área de Projecto, 12º Ano. Após a semana passada não ter assistido à aula, retomo agora o contacto com os projectos dos alunos. E qual não foi o meu espanto quando, imediatamente a seguir à minha entrada na sala sou interpelado por alguns grupos, pedindo a minha colaboração. Participei plenamente na construção dos seus projectos, contribuindo com ideias, pensamentos, estratégias, etc.

De facto aqui nestas aulas de Área de Projecto do 12º ano, a dinâmica construída é muito diferente. Porquê? Talvez o facto de estar presente desde a primeira aula (aula de apresentação), talvez o facto de eu ter intervido algumas vezes logo nessa primeira aula, o facto de serem mais velhos, o facto de ser uma aula de área de projecto e de se proporcionar uma espaço mais alargado de debate e ideias.

A verdade é que estas aulas estão a dar-me outra perspectiva, uma espécie de complemento.

ANEXO I f – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 31 de Outubro de 2009.

5ª SEMANA

Considerações sobre a Unidade de Trabalho: “Cenários de Pousão”

Com esta unidade de trabalho pretendo que os alunos, através das suas pesquisas e observações, da associação de ideias (“nuvem de conceitos”), encontrem o seu caminho para "Desenhar Pousão". E refiro-me mesmo a “Desenhar” no sentido literal, já que estamos na disciplina de Desenho A.

Desta forma, apresento um enunciado que possibilite uma abertura aos modos individualizados de olhar a obra de Pousão e de a questionar.

Imagino desenvolvimentos com base em temas de Pousão, em objectos e personagens de Pousão, em enquadramentos, pormenores plásticos e formas de representação próprios do autor ou desencadeados pela observação das suas produções.

Sei que é um caminho arriscado e exigente em termos de orientação, que passará mais por uma mediação de inclinações de cada aluno e de visões individuais despoletadas pelos interesses de cada um. Terei de ser provocador e de saber estimular cada um deles.

O desenvolvimento dos conteúdos do programa da disciplina também é tido em conta, ainda que haja variações decorrentes do tipo de abordagem de cada aluno. Na planificação contemplo:

- Materiais: Meios actuantes (grafite, guaches, tinta da china)
- Procedimentos: Técnicas, modos de registo (traço, mancha, misto), ensaios
- Sintaxe: Forma, Espaço, Cor
- Sentido: Visão sincrónica do desenho
- Análise/Síntese

Assim, a seguir à visita de estudo (que falarei mais à frente), inicia-se um processo de análise de uma obra de Pousão (cada aluno escolheria uma) nomeadamente quanto à composição, elementos usados, técnicas e cores.

Em seguida os alunos fariam uma recriação (reinterpretação) da obra utilizando outras técnicas/materiais e cores.

Pretende-se como produto final desta unidade de trabalho a concepção de um cenário, tridimensional, tendo como ponto de partida (referente) uma obra de Pousão. Através da apresentação de uma maqueta.
Para o desenvolvimento desta actividade, devo referir que em muito tem contribuído a professora Ana Luísa que me tem auxiliado e dado sugestões, de metodologias e formas de acção.
No entanto a implementação desta actividade tem-se demonstrado mais difícil do que imaginava, dado que a visita ao museu ainda não está marcada. Já entrei em contacto com o museu por diversas vezes, mas ainda não resolvi a situação. Na próxima semana pretendo falar com a Drª Paula Azeredo, coordenadora do Serviço Educativo, já que até à data ainda não consegui falar directamente com ela. Essa situação está a atrasar todo este processo, e a preocupar-me em termos de tempo, pois queria implementar esta actividade até o final do 1º Período.

A propósito do Serviço Educativo, na quarta-feira 28 de Outubro, estive presente no encontro para a apresentação do Serviço Educativo de Serralves no âmbito da aula de seminário do mestrado (o relatório segue em anexo).
Considero que o Serviço Educativo dos Museus e a sua relação com as escolas são por vezes difíceis de estabelecer. Refere-se normalmente a resistência dos professores a sair da sala de aula, ou as dificuldades de se obter autorização e recursos para as visitas de estudo. Mas neste caso, não. Neste caso concreto e ainda por cima tratando-se de uma projecto concebido em parceria com o serviço educativo, não se entende a dificuldade de se marcar uma data para a visita.
Também nesta semana fui ao Encontro MPIAEPA: Educação Pela Arte – do passado para o Futuro (30 e 31 de Outubro, em Almada), de onde pude retirar algumas informações bastante úteis para o meu estudo, e também dos serviços educativos e parcerias dos museus na educação. Mas deixarei isso para uma nova entrada, porque já é tarde.

ANEXO I g – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 06 de Novembro de 2009.

6º Semana

SOBRE O MEU ESTUDO

Se há alturas em que é mais fácil falar do que escrever, há outras em que sinto o contrário. Porque na escrita podemos articular melhor, acrescentar, voltar a trás e modificar, até conseguirmos um discurso mais fluído e encadeado, que possibilite a quem o lê, uma melhor percepção do que se pretende. E considerando que por vezes o que se pretende não é o melhor caminho, a clareza ajuda a uma melhor orientação por parte de quem orienta

Inicio assim o meu semanário, porque no sábado, fui apanhado de surpresa, ao ter de explicar ao grupo o que estava a pensar fazer como estudo, para incluir no relatório do mestrado. Fui apanhado de surpresa, porque ainda tenho as ideias muito dispersas, e de ser difícil orientar-me entre elas. De qualquer forma, essa aula obrigou-me a confrontar-me com muitas situações que andava a evitar.

Uma delas é a de me sentar em frente ao computador, e ir escrevendo, ir organizando e ir seleccionando, os apontamentos que vou registando no meu caderninho ao longo dos dias. Algumas dessas reflexões já foram feitas neste semanário, mas há outras que tenho adiado, com o medo, talvez, de me confrontar com o inevitável… as dúvidas e incertezas.

Em primeiro lugar devo dizer que pretendo realizar um estudo sobre educação, e não sobre arte, embora esteja implementado no terreno do ensino das artes visuais, concretamente na disciplina (programa) de Desenho A, 10º ano, curso de artes, no ensino português, do nosso tempo.

Neste sentido o relatório será também uma reflexão, tendo como ponto de partida o estágio que estou a realizar na Escola Secundária em Valadares, tendo a professora Ana Luísa como cooperante, e a turma do 10º E, como alvo.

Tenho nesta altura ainda algumas dúvidas, no que concerne ao relatório, como por exemplo se terei que fazer uma caracterização da escola e da turma?

Durante este primeiro contacto com o estágio, estabeleci com a turma e principalmente com a professora cooperante uma dinâmica que me permite

partilhar experiências e participar activamente nas planificações e desenvolvimentos das aulas.

Desta forma contributiva, e pensando já no estudo que terei que realizar para o relatório, combinei com a professora Ana Luísa criar uma actividade que servisse as minhas intenções académicas de mestrado.

O que eu queria já estava (mais ou menos) definido, faltava agora uma estratégia de implementação, e um objecto concreto que me fizesse essa ponte. A primeira hipótese, como referi aqui neste semanário a 6 de Outubro, foi o cinema de animação, mais concretamente a animação de imagens. Mais tarde, e após o seminário no Museu Nacional Soares dos Reis a 10 de Outubro, comecei a ponderar o "projecto Desenhar Pousão". Acabei por adoptar este projecto, quando em conversa com a professora Ana Luísa, ela me deu toda a liberdade, disponibilidade e também incentivo. A minha intenção é sem dúvida a de aproveitar esta iniciativa, dispondo teoricamente e previsivelmente de recursos materiais, humanos e logísticos privilegiados. Porém esta intencionalidade optativa será sempre avaliada e analisada no final do percurso.

Quero neste momento reforçar que o meu estudo não é sobre Pousão. O nome de Pousão, e o projecto "Desenhar Pousão", surge numa altura em que tive de decidir. De certo que se o seminário no MNSR não aparecesse nesta altura, eu podia estar a seguir outro caminho. Mas no que concerne a Pousão, tenho dificuldade em encontrar outro nome que me fizesse adoptar um projecto semelhante. A obra de Pousão, e a sua importância (importância essa que foi descoberta por mim à relativamente pouco tempo. (Lembro-me das aulas do professor Bernardo Pinto de Almeida na faculdade de Belas Artes, com referências constantes à obra de Pousão, que me suscitou tanto interesse que fui ao museu propositadamente para ver essas obras) provocaram logo uma escolha pessoal, sendo que representa também um período da história da arte, que tenho elegido como preferencial nos meus estudos. Considero que compreender a arte contemporânea passa por recuar e compreender os pilares do modernismo, onde Pousão naturalmente se estava a inserir.

Além disso, a possibilidade da visita de estudo, e de uma aula diferente, aliada à transdisciplinariedade do projecto, que convergem mais para as questões

didácticas e pedagógicas, configuraram-se exactamente naquilo que eu pretendia desenvolver no meu estudo.
Fiz este parêntesis porque considero importante esclarecer que o meu estudo não é sobre Pousão, e também porque através desta exclusão, tento definir melhor o meu estudo. No entanto, o estudo parte da obra de Pousão, e nessa altura terá que haver um estudo sobre a obra de Pousão, mas no sentido do professor investigador, na especificidade da sua "área", que procura saberes, para criar experiências que respondam ao programa da disciplina. Remeto aqui para a capacidade do professor de ser autor mas também mobilizador de recursos, que possibilitem experiências de aprendizagem aos alunos, fugindo às rotinas estabelecidas na sala de aula.

Desta forma planeei, em conjunto com a professora cooperante uma actividade (Unidade de Trabalho), que tenta relacionar a obra de "Pousão" com o programa da disciplina de Desenho A, 10º ano, enquadrada no curso de artes do ensino secundário, dentro do paradigma da educação contemporânea em Portugal.
Quero desta forma centrar o meu estudo numa reflexão, a partir da prática pedagógica e de referências bibliográficas de autores, tendo em conta:
- O programa da disciplina de Desenho (o que é que se pretende)
- O enquadramento do curso de artes no ensino secundário e sua organização.
- O paradigma da Educação em Portugal, no nosso tempo.

A partir deste enquadramento, pretendo reflectir sobre a construção de unidades de trabalho interdisciplinares, utilizando conceitos e metodologias da Educação Artística.

ANEXO I h – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 15 de Novembro de 2009.

7º SEMANA

Esta semana eu e a professora Ana Luísa iniciamos a Unidade de Trabalho “Cenários de Pousão”. Como planificado fizemos num primeiro momento uma viagem pela obra do artista, dando-o a conhecer aos alunos. Mas apresentando-o através das diferentes maneiras de olhar de cada aluno. Antes de os condicionar através de uma imposição na forma de olhar, quisemos dar-lhes a liberdade de poderem fazer as associações ao seu contexto. Queríamos levar os alunos a um questionamento do que estavam a ver. Obrigá-los a procurar sensações no que viam, e por fim a verbaliza-las. Queríamos mais que uma observação estética desinteressada (que provavelmente não o fariam, muitos ficariam apenas pela simples observação desinteressada, no mau sentido do termo), queríamos uma interpretação cognitiva da obra (obrigá-los a pensar e a sentir).

Para isso levamos os alunos à sala de informática, que dispõe de um projector ligado a um computador, a partir do qual projectamos imagens das obras e de fotografias ligadas ao artista. Através da observação dessas imagens, os alunos atribuíam títulos a cada uma delas e escreviam um máximo de quatro palavras associadas à imagem (sensações de sons e cheiros, e sentimentos, que a imagem lhes suscitasse). Já na sala de aula, numa folha A5, os alunos desenhavam as imagens que haviam visto, recorrendo à memória visual de cada obra e às palavras associadas.

Na aula seguinte a professora Ana Luísa incentivou-me a iniciar a aula. Neste segundo momento do processo que queremos construir, os alunos tinham que trazer de casa uma pesquisa sobre Henrique Pousão. Pedi-lhes que apresentassem a sua pesquisa à turma, individualmente. Foram poucos os alunos que a fizeram. Os que trouxeram limitaram-se a copiar o primeiro texto que aparecia na internet, percebi que alguns copiaram à pressa no intervalo, excertos dos textos daqueles que fizeram a pesquisa. O resultado foi uma contribuição muito pobre para a proposta que se seguia. Por isso tentei falar um pouco com eles sobre a falta de empenho que estavam a apresentar, e que

o processo de trabalho que estavam a iniciar dependia desse empenho, que educadamente ouviram, sem qualquer reacção.
Em seguida, com o recurso do retroprojector, iniciei o momento a que chamamos "nuvem de conceitos", que consistia na atribuição de um conceito "verbal" ao conjunto das imagens e pesquisas que tinham até ao momento, que seria inscrito na folha de acetato projectada na parede da sala. Senti alguma expectativa dos alunos, uma expressão de dúvida nos seus rostos. Iniciei a actividade, lançando uma primeira palavra: LUZ. A Catarina, que estava a mesmo à minha frente, disponibilizou-se para escrever no acetato a palavra, e a professora Ana Luísa lançou a segunda: REAL. Os alunos a medo lá iam lançando conceito a conceito. Eu sentia que aos poucos o receio ia desaparecendo e as palavras surgiam: COR; MAR; CORPO HUMANO; QUENTE; e assim continuamente até preenchermos a folha de acetato. Pedimos então que a partir daquela "nuvem de conceitos" estabelecessem imagens mentais e daí significantes (visuais) que tornassem visíveis as suas imagens, afastando-se das representações miméticas e convencionais da realidade. A maioria hesitou. Não percebiam muito bem o que era para fazer. A dada altura uma aluna chamou-me e mostrou-me o seu trabalho. Queria representar a luz e desenhou uma lâmpada. Como me dizia a Ana Luísa no final da aula, estes alunos estão ainda muito presos a imagens estabelecidas. Porém não pude deixar de me colocar no lugar da aluna por uns instantes: "Como é que eu desenhava a luz?" "E como é que eu lhe explicaria o meu desenho da luz sem a condicionar?"

Em relação ao estudo, tive um encontro com o Professor Paiva, que me alertou para algumas situações menos claras, para as quais me estava a deixar levar, podendo cair num beco sem saída, ou entrar num caminho que não me levasse a lugar algum. Em particular a necessidade que tenho, em separar aquilo que pode interessar ou não aos alunos quando falamos de Henrique Pousão, no contexto da disciplina de Desenho. Essa situação tem que estar bem clara, nas minhas intenções, se pretender, como é o caso, estabelecer uma relação entre o estágio e "Henrique Pousão". Porém, situo-me ainda num enorme impasse, que espero resolver brevemente.

Por fim, resta-me dizer que a visita de estudo foi finalmente marcada e confirmada pela direcção do museu. Da parte da escola já tudo estava tratado. O conselho de turma já tinha tomado conhecimento, aceite e inserido esta actividade no projecto curricular de turma. A transdiciplinaridade que eu pretendia no início desta Unidade de Trabalho está assim conseguida, em particular com os professores de Filosofia e Língua Portuguesa, havendo também a possibilidade de articulação com História da Arte.

ANEXO I i – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 20 de Novembro de 2009.

8º SEMANA

Fui esta semana (quinta feira, 19 de Novembro) com os alunos do 10º ano ao Museu Nacional Soares dos Reis ver a exposição “Henrique Pousão - diário de um estudante”.

Na verdade, para mim a visita começou no domingo anterior (15 de Novembro), quando me desloquei ao museu para a fazer sozinho. Por acaso encontrei um grupo que estava a fazer a visita guiada por um elemento do serviço educativo, e aproveitei a boleia deles. Fiz esta visita porque considero que o professor se deve preparar sempre para aquilo que vai apresentar aos seus alunos. Penso até que este é um aspecto importante que o professor deve adoptar nas suas práticas pedagógicas, sempre que for possível.

Na terça-feira, 17 de Novembro, ultima aula antes da visita de estudo, eu e a professora Ana Luísa fizemos a preparação da visita aos alunos, falando um pouco do contexto e do objecto da própria exposição. Era minha intenção que eles percebessem a intenção com a qual vamos ver a exposição.

Eis chegados ao dia da visita. Combinamos encontrarmo-nos na biblioteca da escola às 13 horas e 45 minutos. Como habitual, entre o meu horário de trabalho na escola básica e o horário da aula de estágio, quase não deu para almoçar. Quando cheguei já encontrei os alunos a dirigirem-se para a estação de caminhos-de-ferro de Valadares. Apanhamos o comboio das 14 horas e 04 minutos. No percurso fui registando fotograficamente os locais de passagem e os intervenientes: os alunos, a professora Ana Luísa, a professora Gabriela de Geometria que aceitou o convite para acompanhar-nos na visita e eu.

Saímos na estação de S. Bento, no Porto. Após uma contagem rápida dos alunos, iniciamos o percurso até ao museu. Apesar das idades dos alunos, senti algum receio de algum acontecimento menos agradável e por isso propus à professora Ana Luísa para ir à frente do “cortejo” e eu no fim. Mas não houve qualquer problema. Os alunos cumpriram totalmente as nossas indicações. Fui percebendo nas suas reacções o agrado da iniciativa. Para eles aquele era um acontecimento bastante significativo; apontavam sistematicamente os locais que conheciam e por onde costumavam passar. Senti naquele percurso até ao

museu um quebrar do gelo que ainda persistia nas aulas, no que respeita à relação deles comigo.

Chegamos ao museu. A Doutora Paula Azeredo, do serviço educativo já estava à nossa espera. Dirigimo-nos à sala do serviço educativo, onde os alunos puderam deixar os seus haveres, e onde a Doutora Paula Azeredo fez uma introdução à visita e também perguntas sobre o trabalho que os alunos estavam a desenvolver na aula sobre o projecto "Desenhar Pousão" (eu tinha marcado a visita no âmbito desse projecto).

A exposição está dividida em dois núcleos. O primeiro que percorre os anos de formação de Henrique Pousão na Academia Portuense, e o segundo que apresenta os seus trabalhos realizados já como bolseiro do estado em França e posteriormente em Itália.

A reacção mais visível do contacto dos alunos com os trabalhos de Pousão, aconteceu na segunda parte da exposição. Os alunos rapidamente procuraram e dirigiram-se para as obras com as quais estavam a trabalhar na aula. Essa relação de reconhecimento e também de afectividade fez com que trocassem até comentários entre eles sobre o que estavam a ver e as suas impressões das imagens que tinham visto.

Concluída a visita, regressamos à escola, realizando o percurso inverso, mas com outra experiência, outras imagens e certamente um enriquecimento.

ANEXO I j – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 27 de Novembro de 2009.

9ª SEMANA

Nesta semana a professora Ana Luísa valorizou o processo de trabalho. A visita de estudo ao museu Soares dos Reis possibilitou essa discussão, através do processo de aprendizagem de Henrique Pousão. Como normalmente acontece não acompanhei a primeira aula de Desenho A (segunda feira, 23 de Novembro) da semana por motivos de incompatibilidade de horário, não podendo por isso observar a primeira aula de Desenho A depois da visita. Na verdade, por motivos de interesse e bastante curiosidade, gostava até de os observar no dia seguinte à visita, em especial nas primeiras aulas, para ver se falavam dessa experiência.

Lembro-me que enquanto aluno, estas experiências eram muitas vezes comentadas durante os dias seguintes, as histórias ficavam, e ainda hoje os momentos mais significativos que guardo dos tempos de estudante são as saídas da sala de aula.

Porém não foi possível nem acompanhar a turma no dia seguinte, nem na aula seguinte. Só a terça-feira (24 de Novembro). Confesso que ia com curiosidade; Teriam eles perguntas? Qual seria a relação deles comigo naquela aula? Na verdade senti na visita uma grande aproximação deles com os professores. As suas abordagens eram mais constantes, as suas curiosidades existiam de facto e não se privavam de fazer perguntas. Não todos, mas alguns deles surpreenderam-me. Neste aspecto a minha experiência no ensino pouco significa, já que a diferença de idades dos alunos do básico com estes alunos é bastante notória.

Entrei na sala e a expectativa que levava concretizou-se. Como nunca tinham feito, cumprimentaram-me em voz alta, fizeram-se notar. E quase que imediatamente me pediram para os ajudar no trabalho. Rapidamente naquela aula passei de observador a professor. Porém, professor estagiário, como disse a Marina na quinta-feira (26 de Novembro) após me ter mostrado um desenho do irmão de 6 anos de idade: - “Vou já dizer à minha mãe que o meu professor estagiário disse que o meu irmão era um bom observador”. Não sei quem lhes disse que eu era estagiário. A Professora Ana Luísa e eu nunca lhes

dissemos qual era o meu papel ali, fui apresentado apenas como um colaborador.

Na aula de Terça-feira, a Professora Ana Luísa levou para a aula todos os trabalhos realizados pelos alunos durante o processo de construção dos marcadores de livros (trabalho que foi realizado antes do "projecto desenhar Pousão"). A intenção era pôr os alunos a perceberem e valorizarem o processo, como o método de trabalho, agora que os marcadores estavam concluídos e já tinham chegado da gráfica.

Para isso foram apresentados os processos de todos os alunos, desde os primeiros esboços, as experimentações, as opções, as conclusões e no fim o "marcador" concluído. Dotando o aluno de uma consciência de que quando estão a iniciar um trabalho, este vai ser objecto de inúmeras alterações e escolhas, com base na experimentação, desenvolvendo capacidades e aprendizagens com ele. Neste caso a exposição de Henrique Pousão, foi um bom exemplo, pois permitiu aos alunos perceberem o percurso do artista, enquanto aluno no seu processo de aprendizagem.

No caso dos alunos do 12º que acompanho à sexta-feira em área de Projecto, a questão do processo é bem evidente. Neste caso os alunos estão a desenvolver projectos em diversas áreas: Um dos grupos quer retomar uma iniciativa antiga da escola que visa uma actividade desportiva, outro quer criar um movimento de Dança na escola e pôr toda a gente a dançar, um terceiro quer organizar um festival de curtas metragens em Valadares e por último um grupo quer criar um movimento de defesa do animal na escola.

Curiosamente, e apesar de ser uma turma de artes visuais, os projectos estão mais inclinados para mobilizações e organizações de eventos, do que para o campo das artes. E como diz a Professora Ana Luísa: "falta ver o desenho nestes projectos". Por esse motivo talvez na última sexta, 27 de Novembro, pediu a um dos grupos que fizesse um organigrama da actividade que estavam organizar.

ANEXO I k – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 04 de Dezembro de 2009.

10º SEMANA

Esta semana foi marcada por uma forte constipação, dor de cabeça e febre, ou seja, uma gripe (felizmente não a A), que me impossibilitaram de acompanhar as aulas de estágio.

Estando em casa alguns dias, aproveitei para ler algumas coisas, e decidir alguns aspectos relacionados com o meu estudo.

ANEXO I l – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 11 de Dezembro de 2009.

11º SEMANA

Retomei esta semana as aulas de estágio. Estive afastado uma semana por causa de uma pequena gripe, mais os dois feriados que calharam às terças-feiras, dia privilegiado para o contacto com as aulas de desenho e das reuniões com a professora cooperante. Naturalmente na quinta-feira, 10 de Dezembro, encontrei os trabalhos dos alunos numa fase muito diferente. O rumo dos trabalhos já estava noutro seguimento daquele que levavam na última aula que presenciei. A professora Ana Luísa, nesta etapa, pediu aos alunos que tivessem em seu poder uma imagem em tamanho A4, de uma das obras de Pousão. A partir daqui, recorrendo ao papel de engenharia fizeram o decalque da imagem e dos seus diferentes planos, e passaram para outra folha. Em seguida deram tratamentos diferentes aos sucessivos planos através da linha ou das texturas com cor mono e policromáticas, que haviam explorado e representado na etapa anterior desta unidade de trabalho. Desta forma passaram para um processo de análise da obra escolhida. Ao mesmo tempo, e continuadamente os alunos exploram modos de registo e neste caso, um modo de transferência.

O caminho escolhido pela professora Ana Luísa, fruto da sua experiência e conhecimento profundo do programa e de estratégias de acção, é realizado quase espontaneamente. Por isso, tive a necessidade nesta aula de me

reposicionar em relação a esta nova etapa. Ou seja prevê-se na planificação determinado objectivo, mas a estratégia adoptada depende de um conjunto de circunstâncias, muitas vezes decididas num curto espaço de tempo. Optei por tentar entender o caminho que estamos a seguir, junto dos alunos, perguntando-lhes directamente. Desta forma poderia não só recolocar-me na actividade, mas também perceber o entendimento deles daquilo que estávamos a fazer. Mas rapidamente percebi que para alguns, o trabalho consiste apenas naquilo que a professora lhes manda. Um exemplo claro é a pergunta constante que fazem: "Ó professor é assim"?, procurando a validação ou o juízo positivo para poderem continuar. Sinto que não existe um espírito verdadeiramente crítico e reflexivo nos trabalhos que desenvolvem. Mas considero também, como aliás referi à professora Ana Luísa, que alguns têm muitas dúvidas sobre o que estamos a fazer. Sinto que não é claro para eles o objectivo destes exercícios, A dada altura uma aluna, a Mónica, perguntou-me sobre a importância do que estamos a fazer. "Quando é que aprendemos a desenhar coisas a sério". Outro caso é o do André, que eu considero, tal como a professora Ana Luísa, ter mais capacidades comparado com os seus colegas. É um aluno que está a fazer o 10º ano pela 3º vez. Penso que ele tem consciência do seu potencial, porém está muito desmotivado e este trabalho não esta de acordo com as suas expectativas. Mas quais são as expectativas que devemos criar nos alunos, se é que as devemos criar.

Na aula de seminário da última quarta feira, o professor Pinto Coelho dizia que cabe aos professores o papel de condução dos alunos. Falava de um encantamento que o professor deve produzir no aluno, através de estratégias de actuação para este, recorrendo à sua autonomia, alcançasse os seus objectivos, tendo o cuidado de não lhes criar falsas expectativas.

Neste sentido considero fulcral o professor tornar claro aquilo que estamos a fazer. Quais os objectivos do exercício. Para criar até um espírito critico nos alunos, em relação ao seu trabalho.

ANEXO I m – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 18 de Dezembro de 2009.

12º SEMANA

A professora Ana Luísa iniciou a aula colocando no chão todos os trabalhos dos alunos, em todo o seu processo.

A professora leva os trabalhos todos os dias embora e trá-los na aula seguinte. Gosta de fazer o acompanhamento dos trabalhos em casa, pois considera não haver tempo para olhar os trabalhos dos alunos na aula. Muitas vezes é em casa que olha com mais atenção a determinado pormenor que depois explora na aula com o aluno.

A ideia de colocar os trabalhos de todos os alunos no chão, demonstrando o seu processo, neste caso o percurso que os alunos estavam a tomar na resolução da proposta de trabalho, tinha como objectivo a visão de conjunto, não só dos processos individuais como também do processo colectivo. Cada um olhar o seu trabalho a par dos outros, comparando.

Novamente sinto ter perdido uma aula importante. As aulas de segunda-feira, por se tratar talvez da primeira aula semanal, são geralmente usadas para o avançar de etapas. E no dia anterior a Professora Ana Luísa pediu aos alunos para perspectivarem (no sentido literal do termo) o cenário de Pousão, no espaço tridimensional. A ideia é criarem dentro de uma caixa (os alunos trouxeram caixas onde vêem empacotadas as folhas A4, que são usadas para as fotocópias) um cenário da imagem que estavam a trabalhar a partir da obra de Pousão. Numa Folha A4, dividiam-na em duas partes e numa delas desenhavam o cenário de frente, e na outra parte faziam uma planta desse mesmo cenário, com os diferentes elementos dispostos no espaço.

Achei muita graça ao trabalho da Ana Cláudia que apresentou um comboio visto de frente em cima da linha. Para ela Pousão era a viagem. É curioso, pois esta associação é algo que eu venho fazendo… Para os alunos Pousão será sempre uma visita de estudo que fizeram no 10º Ano. Poderá ter havido da minha parte uma transmissão dessa opinião, não lembro, mas confesso que adorei. Porém o exercício que era pedido era outro. Pegar na imagem (obra de Pousão que estavam a analisar, através das configurações figura/fundo com a representação de texturas. Expliquei-lhe que a intenção do exercício era pegar

no trabalho que ela estava a desenvolver, mas também lhe disse que a ideia dela me agradava. E que havia possibilidade de conjugar as duas intenções. Mas não quis assumir a responsabilidade, e por isso propus-lhe que falasse com a professora, e lhe explicasse a sua ideia. Fiquei a aguardar vagueando pela sala, olhando outros trabalhos e conversando com outros alunos. Regressei mais tarde à beira dela para perceber o veredicto. Nem foi preciso perguntar. “A professora deixou, mas tenho que colocar uma referência a Pousão, através do trabalho que estava a fazer, porque o comboio não chega”. Terão sido estas as suas palavras.

A intenção deste trabalho é transportar o desenho que estavam a explorar para um espaço tridimensional. A proposta inclui, no caso das figuras humanas encostadas à parede, acrescentar uma paisagem imaginada que complete o cenário e dê outro sentido ao motivo do quadro.

A minha primeira ideia, quando planificava a aula com a professora Ana Luísa, era a de criar formas totalmente tridimensionais num espaço, revestidas com um material qualquer (barro, pasta de papel, massa de moldar, etc.). Porém percebi na aula de hoje que esse não era o entendimento da professora Ana Luísa. Para ela, os alunos iam explorar mais os elementos básicos das formas lineares com que estavam a trabalhar na folha de papel, através de arame. Desta forma utilizariam a profundidade através da construção de sucessivos planos. Contudo, depois de conversarmos, deixou em aberto essa possibilidade, dando a hipótese aos alunos de explorarem essa via.

ANEXO I m – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 08 de Janeiro de 2010.

13º SEMANA

Retomo esta semana este espaço de reflexão, após um merecido descanso durante a interrupção lectiva. Aproveitei este tempo mais disponível para reler aquilo que venho escrevendo neste diário. Previsivelmente muitas coisas mudaram, algumas delas interrogo-me: “porque escrevi isto?”. Mas gostava de referir que foram muitas vezes as dificuldades em escrever que me despertaram e me provocaram a acção e a procura. Nessa procura encontrei outras informações, algumas complementares, outras contraditórias. Do confronto saiu a dúvida e o questionamento, mas sobretudo um alerta de que aquilo que afirmei em determinada data pode não ser tão claro como parecia.

Ser estagiário, é um lugar estranho.

Na minha experiência em particular, tenho sentido essa estranheza (não me refiro a dificuldade) principalmente porque me divido entre dois lugares e dois papéis. De manhã sou o professor contratado, que tem à sua responsabilidade a planificação e a tutela da disciplina de EVT. À tarde sou estagiário, neste caso num papel privilegiado de observador a acompanhante das aulas da professora Ana Luísa. Na verdade regressar ao estágio (fiz estágio durante a licenciatura), numa altura em que ambiciono um enriquecimento académico através deste mestrado e em que a minha cabeça está a fervilhar de ideias e novidades, é algo que recebo com bastante satisfação. Porém é algo esquisito, e sinto até a dificuldade de me nomear estagiário… Considero-me mais um observador, que trago para o meu retiro informações que me fazem reflectir.

Estranho também as relações que estabeleci com os alunos. O de professor, como eles me chamam, não se encaixa bem no papel que eu estou a desempenhar. Quando os alunos me questionam sobre o trabalho tenho dificuldade em responder porque posso fazer escolhas que contradizem aquelas que a professora Ana Luísa pretende. Fico muito hesitante, e recorro muitas vezes à professora Ana Luísa, dando-lhe a conhecer primeiro as minhas opções e só depois contacto os alunos. Mesmo quando lhes aconselho ou

exploro com eles outras opções para os seus trabalhos, concluo sempre dizendo-lhes para falarem primeiro com a professora antes de executarem.
Sinto-me mais confortável quando observo.

No dia 5 de Janeiro reuni com a professora Ana Luísa e a propósito de uma situação que tinha acontecido durante a aula de Desenho desse mesmo dia, comentamos as relações que os professores estabelecem com os alunos. Naturalmente, a minha posição (confortável) de estagiário/observador nunca me "obrigou" a aproximar-me e confrontar-me mais com alguns alunos que pressinto não quererem ouvir-me. Deixo ser a professora a Ana Luísa assumir essa situação. Obviamente (confortavelmente) deixo-me ficar mais tempo naqueles alunos que interagem mais comigo.
Ainda no período passado, numa das aulas de Área de Projecto com a turma do 12º ano, uma aluna, a respeito do seu trabalho, acusou a professora Ana Luísa de estar mais tempo com os outros grupos do que no seu. Afirmação que ambos (eu e a professora Ana Luísa) consideramos correcta. Porém o número de vezes que ambos nos dirigimos aos grupos foi o mesmo. Ou seja, em alguns grupos a interacção permitiu mais tempo em troca de ideias e de partilhas, em outros grupos já estava tudo decidido, não havia questões e nem duvidas… basicamente "não precisamos de ajuda nenhuma". Quando emitimos um parecer, uma hipótese, uma ajuda na resolução do trabalho de grupo, parece que é mal vista e que atrapalha mais do que auxilia.
Logicamente o professor tem consciência da convicção da auto-suficiência ou do simples desinteresse e "fechamento" de alguns alunos, e utiliza estratégias para chegar a eles através do incentivo, da correcção da postura, ou de outra tentativa de aproximação. Porém e de uma forma quase inconsciente permanecemos e dialogámos mais com certos alunos, porque é sempre mais gratificante o aluno que interage connosco.
Apesar de ser numa menor dimensão (consequência da faixa etária), esta situação também acontece no meu papel de professor de EVT. Considero que é normal acontecerem estas situações em termos de relações professores-alunos, assim como é normal em todas as relações interpessoais. Quando falamos de relações entre pessoas, temos que olhar para as personalidades de

cada um, e entende-las. Porém o professor tem que ter consciência deste facto, e encontrar estratégias para lidar e intervir na situação.
Para isso o professor precisa de saber observar, analisar e compreender as situações, mas sobretudo ter um conjunto de referências práticas e teóricas que lhe permita bons diagnósticos e respostas adequadas a diferentes contextos. A qualidade das relações que se estabelecem dependem naturalmente do professor como pessoa e do aluno como pessoa, envolvendo por isso subjectividade, de acordo com interpretações em torno das situações e vivências da aula e da escola, os trajectos de vida e os projectos pessoais.
Face a esta combinação de subjectividades, exige-se ao professor uma ética que o mantenha alerta para a sua responsabilidade na construção do "itinerário" do aluno, enquanto autoridade nos planos cognitivo, moral e afectivo. Espera-se que o professor se torne uma referência para o aluno. Esta dimensão de professores que se tornam referências, bem como a dimensão relacional baseado no rigor e no afecto foram temas abordados no seminário do dia 6 de Janeiro com a Professora Magda Henriques e cujo relatório se encontra em anexo.

É certo que se criam afinidades e empatias com alguns alunos, e que é mais fácil chegar a uns do que a outros. Mas que tipo de intervenções devemos ter? Que estratégias para nos aproximar-mos dos alunos?, serão estratégias para os alunos se aproximarem de nós ou estratégias que façam com que os alunos nos deixem chegar até eles? E no caso concreto do tema que quero explorar no meu relatório: Poderão as saídas da sala de aula (considerados por mim como momentos excepcionais) promoverem espaços de novos relacionamentos que respondam a estas situações?

ANEXO I n – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 15 de Janeiro de 2010.

14º SEMANA

ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA

Na realização do meu relatório de estágio, tenho que incluir uma caracterização da estrutura organizacional da escola, por isso pedi à professora Ana Luísa o Regulamento Interno da escola, bem como o seu Projecto Educativo e o Projecto Curricular de Escola. Entretanto também lembrei-me de pesquisar na Internet a página *web* da escola (sim, porque ainda não sou da geração que quando quer pesquisar alguma coisa o primeiro lugar que se lembra é a *net*). Assim e já com o CDROM que a professora Ana Luísa me facultou e também acedendo à informação *on-line* decidi esta semana explorar um pouco da estrutura organizativa da escola e seus documentos legisladores e orientadores.

Relativamente ao CDROM (que é distribuído a todos os professores que leccionam na escola – uma espécie de presente de boas vindas), a vantagem está essencialmente na economia de espaço, juntando num único e pequeno suporte muita informação. Encontramos quase todas as informações que estão disponíveis na página da escola, com a vantagem de podermos ceder a elas mesmo quando não temos ligação à net (O que hoje em dia, dada a grande cobertura de rede, também não é uma grande vantagem…).

Através da página *web* da escola, num local bem visível, logo abaixo da fotografia do patrono da escola, encontramos a opção “ESTRUTURAS”, com o sub-titulo de *Órgãos de Administração e gestão*, que ao abrir aparece outra página com os *links* para vários órgãos presentes na escola e as respectivas estruturas organizativas:

- Assembleia de escola
- Conselho Executivo/Pedagógico
- Comunicação Departamentos/ Áreas Disciplinares
- Estrutura Departamentos/ Projectos
- Biblioteca
- Cursos Nocturnos

A página *web* da escola contém ainda informações gerais sobre a escola desde uma "Visita Guiada" à sua "História", passando por "Projectos", "Manuais Escolares", "Mancha Horária", *links* de acesso ao "*moodle*", ao "*blog* do CNO" e às denominadas "*newsletters*" do Conselho Pedagógico.

Através desta página os alunos ou os encarregados de educação podem aceder (controlar) informações diversas como:

- Frequência de alunos por ano de escolaridade;
- Directores de turma e hora de atendimento;
- Consulta de saldo (cartão da escola) e extracto descriminado por dias e sectores;
- Consulta de ementas (cantina);
- Consulta de faltas;
- Consulta de níveis/classificações (a disponibilizar no final de cada período lectivo);
- Informações diversas da escola e Contactos.

Apresentado em lugar destaque, encontramos o Projecto Curricular de Escola, o Plano Anual, Projecto Educativo da Escola e Regulamento Interno, os quais podemos transferir para o nosso computador.

Consultas:

http://www.esec-dr-j-g-ferreira-alves.rcts.pt/index.html

PROJECTO EDUCATIVO

O Projecto Educativo, é introduzido através do Decreto-Lei n.º 115-A/98, de 4 de Maio, no Artigo 3.º, n.º 2, alínea a) do seu regime anexo. Sendo revisto no Decreto-Lei n. 75/2008, de 22 de Abril. Segundo estes, o PE *é o documento que consagra a orientação educativa da escola, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais a escola se propõe cumprir a sua função educativa.* Desta forma o PE define a regras de autonomia da escola, que lhe concede a capacidade de gerir o seu espaço.

Contudo a autonomia, que o PE consagra, não parece nascer nas escolas de uma necessidade de construir um conjunto de estratégias totalmente direccionadas para um contexto específico ou de executar um projecto próprio

imaginado *à priori*. Antes, nasce de uma imposição, para a qual é designado um grupo de trabalho que em pouco tempo tem que descobrir as carências daquele espaço, produzindo um documento caracterizado por noções de educação genéricas bastante repetidas neste tipo de documentos e que pouco se traduz na prática.

Além disso acrescento que o projecto, com duração de três anos, está sempre condicionado pelas sucessivas alterações por parte das reformas educativas, operadas pelo Ministério da Educação, ao qual a escola (apesar da sua autonomia) se encontra ainda hierarquicamente dependente.

Ainda assim, o PE constitui-se como uma espaço de intervenção que permite à escola a oportunidade de reflectir e analisar-se a si mesma. Definindo de forma global, coerente e articulada, os todos os aspectos da vida da escola.

Fisicamente o PE da Escola Secundária de Valadares para além de uma introdução e de uma conclusão, onde se enaltece (nos tais traços gerais) os valores da educação e do ensino, divide-se em dois grandes capítulos, onde se caracteriza a escola nas suas diversas dimensões e onde se traçam estratégias para a execução do Projecto.

O primeiro capítulo, dirigido à "escola e o envolvente", caracteriza-se por uma imensidão de tabelas e divide-se entre: a história; o contexto (localização e caracterização); os dados estatísticos (número de professores, de alunos, de pessoal administrativo e auxiliares); os resultados das aprendizagens (taxas de abandonos, de sucesso e de conclusão etc.); e as actividades e projectos em vigor desta escola.

Num segundo capítulo destinado às "principais metas e finalidades" reafirma o que se constitui também como lema da escola que é o de "*tornar a escola capaz de construir a autonomia enquanto lugar de formação, de investigação, de orientação, de encontros e partilhas, acolhedor e de afectos, de redes educativas, numa plataforma para o mundo do trabalho".* Para isso estipula: os princípios orientadores; os projectos a desenvolver e propostas de implementação; e também a articulação do Projecto Educativo com estruturas e dinâmicas de formação.

O documento foi construído por um grupo de trabalho de seis pessoas entre as quais três docentes, um auxiliar de acção educativa, um discente e um representante da associação de pais.

Consultas:

Decreto Lei n.º 115-A/98, de 4 de Maio

Decreto lei n. 75/2008, de 22 de Abril (revisão)

Projecto Educativo da Escola Secundária de Valadares

ANEXO I o – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 22 de Janeiro de 2010.

15º SEMANA

Recuperando o tema que a Olívia apresentou na aula (de seminário) de 13 de Janeiro; um dos aspectos mais preocupantes a que assisto nas aulas de estágio é o aparente “desinteresse” que (na minha óptica) muitos alunos revelam em relação, não só à disciplina de Desenho que assisto enquanto estagiário, mas à própria escola. É preocupante a falta de objectivos e de um rumo para o seu futuro. Alguns são passivos, não se empenham, não se interessam… deixam andar e parece que nada os cativa. Quando pergunto quais são os seus interesses respondem-me que não têm. “*Quando estou em casa*, dizem-me, *vejo televisão”*. Sendo esse afinal um pequeno interesse, embora dito com um enorme desprendimento. São geralmente os alunos a quem os professores nas reuniões caracterizam como: *o aluno revela algumas capacidades, mas que não se empenha*. Outros são activos, provocadores e destabilizadores, a que vulgarmente chamamos de alunos indisciplinados. Nestes casos as consequências da desmotivação e do desinteresse poderão ser trágicas culminando em cenários de total insubordinação e violência para com professores e colegas. E mesmo aqueles alunos mais empenhados nas tarefas, deixam transparecer algum desânimo em relação ao futuro.

É possível que o cerne da questão esteja nessa visão de futuro incerto, levando (de acordo com a sua personalidade) a diferentes respostas (comportamentos) que se traduzem nas suas posturas.

Naturalmente não podemos esperar que os alunos tenham o gosto de aprender pelo simples prazer de aprender. Que entrem nas salas de aula e esqueçam imediatamente qualquer assunto que lhes esteja a prender a atenção (e nós sabemos que há assuntos que entrando na nossa cabeça só saem depois de solucionados), sentando-se e preparando-se de cadernos e canetas, esperando que o professor comece a saciar a sua sede de conhecimento sobre uma qualquer disciplina que lhe impuseram naquele horário.

Faz parte do compromisso do professor fazer chegar a todos os alunos a sua mensagem e não apenas àqueles que se mostram já partida cativados. Por isso há que encontrar as estratégias que possibilitem a aproximação dos

alunos menos interessados. Mas como chegar a todos os alunos perante esta desmotivação e o desinteresse generalizados? Como proporcionar aprendizagens a alunos cujos focos de atenção se situam a "milhas de distância" da sala de aula?

Todos concordamos que não há aprendizagem sem concentração, assim como não nos concentramos em nada que não nos desperte o interesse. Agostinho da Silva referia, numa das suas "Conversas Vadias" que a Olívia apresentou na aula de seminário, que o aluno tem de sentir a necessidade de aprender. Perante o seu compromisso, o professor deve-se então constituir como um autor de estratégias que criem no aluno essa necessidade de querer aprender.

Quando falamos em motivar os alunos, referimo-nos a incuti-los uma vontade de atingir determinado objectivo. E como motivá-los para actividades escolares, que envolvem trabalho e esforço, numa sociedade que sistematicamente promove o comodismo na criação de produtos (desnecessários) apenas para minimizar os esforços do comum cidadão. Ou de outros produtos que em vez de alimentar o progresso, transformaram-se em ícones de uma sociedade preguiçosa. Por exemplo, o *google*, que poderia aumentar as possibilidades de pesquisa, transformou-se rapidamente num instrumento que alimenta a preguiça dos nossos alunos. E como concorrer contra os conteúdos dos meios multimédia actuais, como a televisão a Internet ou os jogos de computador, muito mais apelativos repletos de informação e interactividade?

É certo que podemos usar estes meios na sala de aula, mas creio que não é o meio que desperta a atenção dos alunos, é o conteúdo que ele traz consigo. E neste sentido os programas escolares trazem sempre os mesmos conteúdos. Podemos passar a informação através da televisão, de jogos interactivos, ou até nos E-learnigs, que os conteúdos serão sempre os mesmos. E será sempre mais atractivo o jogo que simula um cenário de guerra, um jogo de futebol ou até uma "*second life*".

A função social da escola é preparar o aluno para a sociedade recorrendo ao processo de ensino-aprendizagem, cabendo aos professores a tarefa de ensinar e aos alunos a de aprender. E os alunos têm de ter a consciência que estudar exige dedicação e empenho. Preparar o aluno para a sociedade implica a sua responsabilização face às tarefas que lhe serão impostas. Claro que um aluno motivado e feliz na escola conseguirá mais facilmente alcançar

os seus objectivos mas estar motivado não impede que se seja exigente com ele.

No caso do aluno desmotivado a escola deve também comprometer-se na construção de um percurso que possibilite ao aluno ser competente na sociedade. Encontrar as suas motivações e delinear estratégias que o ajudem a traçar um caminho que vá ao encontro da sua individualidade, sem nunca colocar de parte a qualidade e a exigência da aprendizagem. Nestes casos motivar significa abalar as suas ideias e construir no aluno uma visão optimista no futuro.

ANEXO I p – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 29 de Janeiro de 2010.

16º SEMANA

A necessidade de escrever estes relatos semanais de estágio mais os relatórios da aula de seminário, obriga-me muitas vezes a estabelecer comparações entre ambos. Na angústia da “folha branca” (agora digital), tento relacionar os temas apresentados nas aulas de seminários com acontecimentos e preocupações do estágio, de forma a expor exemplos ou emitir opiniões porventura pouco aprofundadas e sempre baseadas na subjectividade das minhas experiências.

As apresentações dos temas nas aulas de seminário e as opiniões e comentários feitos nesse espaço podem não ser suficientes na consciencialização, naquele momento, do tema presente. Aparentemente o que pode ser uma apresentação distante dos meus focos de atenção actuais (o tema do meu relatório do estágio é tudo o que me preocupa neste momento), pode vir mais tarde a fazer sentido e tornar-se relevante. Recordo o que escreveu o Nuno numa das suas entradas no *moodle* de que todos os assuntos e preocupações levantados neste “mestrado” se encontram próximos e ligados uns aos outros, dado que todos se circunscrevem num espaço de preocupações comuns ao ensino das artes visuais e nas problemáticas pedagógicas e didácticas dos professores.

Desta forma, aquilo que à partida pode não nos suscitar qualquer atenção pode mais tarde cobrir-se de interesse. “O olhar imperfeito” (aula de seminário apresentada pela Carolina e pela Catarina) tem destas coisas. No preciso momento em que nos concentramos completamente na equipa de branco para contar-mos os passes que ela dá, eis que não vê-mos o *moonwalking* do indivíduo que passa no meio.

Foi nesse esforço que reparei em algo que me escapava e para o qual me lembrei agora. A situação é simples: os meus alunos de estágio começaram a desenhar esta semana a partir do real. As suas dificuldades e os seus erros são aqueles que todos vamos referindo nos nossos diários de estágio, e também aquelas questões que no ano passado tanto repetimos: Usam a borracha mais vezes do que o lápis; não conseguem resolver questões de

perspectiva; desenham o que sabem e não o que vêem; não respeitam (eu acho que não percebem) as proporções; e curiosamente apesar de ser uma turma de artes dizem que não conseguem e não sabem desenhar aquele objecto…

Como poderá e deverá o professor intervir? Como poderá o professor ensinar a desenhar?

Na minha opinião, ensinar a desenhar passa pelo ensinar a ver, a observar, a encontrar relações no objecto que se quer representar, relações que até então os alunos não tenham encontrado. Existirão técnicas que nos ajudem a desenhar? Eu penso que sim, mas se estivermos concentrados num "ponto" e não nos alertarem para todos os "pontos" possíveis, desenharemos sempre mal (acho que todos nós contamos correctamente os 13 passes da equipa branca, mas ninguém viu o *moonwalking*). Por isso considero que ensinar a desenhar é em primeiro lugar ensinar a ver, a relacionar e perceber para depois e (ai sim) com a ajuda da técnica, executar.

Entretanto, as aulas de quinta-feira têm sido um rodopio à procura de sala. Devido às obras na escola, com os sucessivos rebentamentos e escavações, a sala onde habitualmente temos aula começou a evidenciar algumas rachadelas. A professora Ana Luísa, perante tal cenário recusou-se a trabalhar com os alunos naquelas condições, que segundo ela a segurança não estava garantida. E nem a palavras de uma engenheira a convenceram, pelo que tínhamos de procurar outra sala.

Dada a dificuldade em encontrar outra sala disponível, andamos a dar aulas em outros espaços pouco propícios como a cantina da escola e pelos blocos "pré-fabricados". Mas, esta semana lá conseguimos encontrar uma sala, que afinal esteve sempre disponível!

Trata-se de uma sala, onde habitualmente se dão aulas teóricas, pelo que faltam os armários onde os alunos guardam o material e os estiradores. Também a disposição da sala está diferente. Está em U. Criando desta forma uma dinâmica diferente, principalmente porque consigo mais facilmente aceder visualmente a todos os trabalhos. Além disso agora que começaram a desenhar objectos reais, neste caso uma "cadeira", podemos colocá-la no centro da sala, onde o contacto visual está totalmente desempedido. Porém

também permite um maior contacto visual entre os alunos, que de certa forma os incita a constantes troca de olhares e provocações mexendo na concentração deles.

Na reunião semanal com a Ana Luísa ficaram estabelecidas algumas das acções para as próximas aulas. No dia 11 de Fevereiro iremos a Serralves realizar uma das oficinas disponibilizadas pelo serviço educativo (acção sugerida e organizada pela Professora Ana Luísa).
Propus à professora Ana Luísa a criação de uma blogue da disciplina, que aceitou imediatamente. Nos próximos dias tentaremos falar com o professor de informática, procurando perceber a disponibilidade da criação de um espaço no *moodle* da escola.
Decidimos também realizar um pequeno inquérito (escrito) aos alunos sobre a visita de estudo ao museu e a sua relevância no trabalho que realizaram. O objectivo é recolher informação que me auxilie numa reflexão, com os relatos dos alunos na primeira pessoa. Decidimos também que o inquérito será anónimo.

Fui também esta semana ao Museu Nacional Soares dos Reis levar os trabalhos dos alunos, que estarão na exposição "Desenhar Pousão". Infelizmente a equipa organizadora da exposição pediu um número limite de dez trabalhos por turma, pelo que houve a necessidade de uma selecção. Nesse sentido eu e a professora Ana Luísa pedimos à professora Gabriela de Geometria Descritiva o auxílio da selecção de quatro trabalhos, sendo que os outros seis seriam seleccionados pelos alunos. Antes da selecção senti a necessidade que explicar aos alunos o motivo da mesma. Recorri ao exemplo de que as obras que se encontram no museu são sempre fruto de uma selecção. Na verdade tive muita dificuldade e até alguma apreensividade, em realizar esta tarefa, porque apesar de nem todos os alunos terem terminado os seus trabalhos (inevitavelmente, esta era uma das condições) tínhamos à nossa disposição um leque de (sensivelmente) dúzia e meia de possibilidades, em que tínhamos de excluir um terço. De qualquer forma essa selecção foi feita, e os trabalhos encontram-se agora no Museu, prontos a serem expostos.

ANEXO I q – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 05 de Fevereiro de 2010.

17º SEMANA

O título “memórias de Valadares” que escolhi para este semanário, refere-se à ideia de registar todos os meus passos no decurso deste estágio na Escola secundária de Valadares, para mais tarde recordá-los, possibilitando-me a sua recuperação quando estiver a escrever o relatório de estágio. No entanto, quando menciono o estágio deve-se sempre ter em conta tudo o que o envolve directa ou indirectamente. Refiro-me mais uma vez á minha condição de estagiário na conclusão de um mestrado, para o qual tenho que realizar uma tese/relatório, mas também à minha condição de professor em exercício.

E isto vem a propósito porque, apesar das muitas actividades que tenho vindo a desenvolver no contexto de estágio, não me posso esquecer da construção dessa tese/relatório, nem descuidar no rigor, no empenho e sobretudo na burocracia que a minha actividade profissional o exige (mesmo quando a professora Regina Guimarães nos incentiva a não preencher burocracias). Por isso relatar as minhas memórias de Valadares é também referenciar esta falta de tempo para digerir tudo o que me rodeia e envolve. O tempo para poder analisar reflectir e desfrutar. Sinto que tenho tanto para fazer que não paro o suficiente para pensar o que faço. Sei que não posso só fazer, amealhar informação, experiências, porque isso não me vai valer de nada se não for paralelamente analisado; para poder ponderar as iniciativas, imaginar caminhos alternativos ou mudanças de direcção. Tenho que delinear as estratégias, mas também acompanhá-las criticamente. O tempo escasseia, num período de tempo já de si escasso para a realização do já citado Relatório de Estágio. Tenho de assistir às aulas de estágio (8 horas), escrever estes semanários, escrever os relatórios de aula da disciplina de Seminário que faltam, ler uma infinidade de autores “jeitosos” dentro do meu tema, que por arrasto me levam a outros autores, fazer as respectivas fichas de leitura para mais tarde recuperar a informação e “ainda” exercer a minha profissão. Sempre nesta qualidade de estagiário e professor implicado, reflexivo, critico, curioso, investigador e autor.

Porém não faço esta observação em jeito de lamentação. Entendo até que esta consciência é importante, e por isso partilho-a convosco neste espaço (se é que alguém tem tempo para o ler). Partilho-a porque esta reflexão também faz parte desse Relatório de Estágio. O relatório, sendo um momento supremo de aprofundamento de um conteúdo, na minha qualidade de professor (mais uma vez; curioso, investigador, reflexivo e critico), é sobretudo um momento subordinado a uma experiência, num contexto específico que engloba o indeterminado número de factores. Desta forma o relatório de Estágio são as minhas "memórias de Valadares", revisto à posteriori.

Assim e sem tempo para as necessárias análises de conteúdo, passarei a descrever a minha semana de estágio. Na semana passada referi-me às actividades que tenho vindo a engendrar e que pretendo desenvolver nesta segunda parte do estágio (estamos a meio dele). Farei em seguida o ponto de situação:

1 – Oficina "Livro de Artista" em Serralves.

A Visita está marcada para o dia 11 de Fevereiro (próxima semana), por isso esta foi uma semana cheia dos procedimentos regulares para a preparação desta saída da escola:

Na reunião intercalar do 2º período de conselho de turma, a Professora Ana Luísa deu a conhecer a visita de estudo e a sua planificação no contexto da disciplina de Desenho A. Programou-se uma articulação transdisciplinar (no papel) com as disciplinas de Geometria Descritiva, Português, Filosofia, História das artes. Estabeleceram-se objectivos conjuntos.

Na aula a professora entregou aos alunos as respectivas autorizações para os encarregados de educação.

2 – Criação da disciplina no *Moodle*.

Na terça-feira criamos a disciplina Desenho A – 10º ano na plataforma *moodle* da escola, apenas destinada aos alunos do 10º E. Ficamos administradores, eu e a Professora Ana Luísa.

Criei entretanto um fórum de apresentação para os participantes deste espaço. Para dar o exemplo, dentro deste fórum, introduzi a minha própria apresentação, de uma forma informal. Pretendo que este espaço seja o tal espaço de partilha paralelo à sala de aula. Planeio introduzir semanalmente

temas de discussão, uns paralelos, outros complementares ao que se passa na sala de aula. Espero com este espaço recolher informações que me auxiliem nas futuras analises que fizer às actividades de estágio.

No espaço dedicado às notícias dei também entrada com uma mensagem de boas vindas e mais tarde a informação da visita de estudo a Serralves para o dia 11 de Fevereiro.

Acrescentei também um espaço aberto a temas livres, para os alunos iniciarem eles próprios tópicos de discussão.

Ou seja, esta semana andei a fazer o papel do professor Paiva, passando a mensagem do *moodle* como espaço de interacção e partilha entre os alunos. Na aula de Desenho de quinta-feira escrevi o endereço no quadro, bem como a palavra passe de acesso. No entanto nas aulas de quinta só tenho acesso a metade (turno) da turma, por isso só na próxima semana conseguirei passar a mensagem a todos.

Finalmente quero referir que no momento em que escrevo estas linhas tenho já duas participantes, mas nenhuma entrada nos fóruns.

3 – Exposição "Desenhar Pousão"

Foi-me indicado esta semana através do Forúm "Artes, Educação e Comunidade I : Desenhar Pousão", na qual eu tenho vindo a participar, que a exposição dos trabalhos dos alunos no Museu Nacional Soares dos Reis será inaugurada no próximo dia 20 de Fevereiro.

4 – Inquérito aos alunos sobre a visita de estudo à exposição de Pousão.

Realizei na aula de Desenho de terça-feira o inquérito que referi na última semana. Antes de lhes dar o inquérito, no início da aula, expliquei-lhes o objectivo do mesmo, enquadrando-o no meu papel ali (a maioria já sabia) e pedindo-lhes a colaboração.

No cabeçalho do inquérito referi que era anónimo e contextualizava mais uma vez o objecto de análise (visita de estudo à exposição de "Pousão"). Estabeleci, com o apoio da professora Ana Luísa, apenas duas perguntas: A primeira refere-se à importância que cada um atribui à visita de estudo no contexto do ensino em artes visuais; a segunda questiona a influência da visita no trabalho que desenvolveu.

Nesta altura, apesar de ter dado uma pequena vista de olhos nos inquéritos, ainda não tive tempo para os analisar devidamente… Enfim termino como comecei e para as “memórias de Valadares” regista-se que ando sem tempo.

ANEXO I r – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 13 de Fevereiro de 2010.

18º SEMANA

Oficina “livro de artista” e visita à exposição de Augusto Alves da Silva patente no museu de Serralves:

A turma do 10ºE de Artes Visuais foi esta semana (quinta-feira) 11 de Fevereiro ao museu de Serralves.

Por motivos de incompatibilidade de horários, com a escola onde trabalho, não os acompanhei na viagem entre a escola e o museu, nem no almoço que realizaram nesse trajecto. Encontrei-me com eles já perto das 14 horas, hora combinada para o início da nossa actividade em Serralves.

O objectivo desta actividade era participar numa oficina temática para o ensino secundário: “Livro de artista”, promovido pelo serviço educativo do museu de Serralves. Após a apresentação de alguns exemplares que fazem parte da colecção do museu de arte contemporânea e a partir dos conceitos abordados e das pesquisas realizadas, os alunos constroem um livro/objecto. Seguidamente fazem uma visita guiada a uma das exposições patentes, no caso a exposição “sem saída: ensaio sobre o optimismo” de Augusto Alves da Silva.

Esta actividade foi organizada na escola de forma transdisciplinar tendo sido articulada em conselho de turma, contando com o acompanhamento à visita das professoras de Geometria Descritiva, História e Cultura das Artes e Filosofia.

Estavam presentes na visita 25 alunos; faltaram 3 alunos da turma e estiveram 2 não pertencentes à turma, que demonstraram interesse em ir (tratavam-se de alunos do 11º ano de artes, e já na visita anterior tinham ido outros alunos dessa turma).

Dividiram-se então os alunos em dois grupos, um de 13 alunos e outro de 12 alunos. Como professor acompanhante inseri-me no primeiro grupo juntamente com a professora Gabriela de Geometria Descritiva. Este grupo iria participar primeiro na oficina temática: Livro de Artista e em seguida iria à exposição. O segundo grupo, com 12 alunos, iriam acompanhados pelas restantes

professoras e fariam o percurso inverso, começando pela visita à exposição de Augusto Alves da Silva e só depois faziam a oficina.

Presumivelmente (de acordo com a informação disponível no site) a oficina temática teria a duração de 2 horas, no entanto penso que durou apenas 1h:30. A hora de início acabou por atrasar um pouco, tendo começado sensivelmente às 14h:15. A visita aos livros de artista da colecção expostos numa das salas do museu durou 20 minutos. O tempo da oficina foi aproximadamente de 1 hora, 45 minutos dos quais para a realização do trabalho. O tempo restante foi para a apresentação da proposta de trabalho e no final para a apresentação de cada projecto executado pelos alunos.

Na visita à exposição dos livros de artista os alunos mostraram-se participativos, interagindo com a monitora, que se apresentou bastante comunicativa fomentado essa interacção. A sua apresentação foi na minha opinião um factor motivacional para a participação dos alunos, que respondiam sem qualquer tipo de embaraço às suas perguntas, tecendo comentários ao que se estava a ver, sempre dentro dos limites da boa educação, embora por vezes tentando ser engraçados para o grupo. Havia no entanto um aluno que se destacava, aproveitando os momentos certos para responder às perguntas que iam sendo levantadas pela monitora. A este respeito, e uma vez que conheço a turma, complemento a informação dizendo que se trata de um aluno filho de um professor e coordenador do curso de Artes da Escola e director da turma do 12º ano de Artes.

No entanto havia também uma aluna que não se conseguia concentrar, rindo-se tanto e sem controle, ao ponto da monitora a pôr à vontade caso ela quisesse sair um pouco para regressar mais serena.

Na segunda parte fomos para uma salinha no andar de cima, com mesas concentradas ao centro, formando uma grande mesa central, com cadeiras à volta. Num dos cantos da sala havia material para os alunos realizarem o seu trabalho.

A monitora introduziu também mais uns exemplos de livros de artista, neste caso para crianças, lembrando que as características destes livros é serem tudo menos o convencional. Nestes exemplos podemos ver alguns *flipbooks* e livros com pop ups (penso que se chamam assim), entre outros.

Os alunos foram divididos em grupos de dois, sobrando um grupo com três e tiveram cerca de 5 minutos para a idealização do projecto para em seguida debater com a monitora, que por sua vez iria percorrer todos os grupos, ouvindo, sugerindo e orientando os seus projectos.

Os 45 minutos seguintes foram de laboração nos projectos. A maioria usou a mesa de trabalho, mas alguns preferiram afastar-se para um canto da sala e trabalhar no chão. Apenas precisavam de se levantar para ir buscar o material que estava disponível. O único limite era esse, o recurso material que existia.

Durante esses 45 minutos e empenho foi total. O habitual tempo de não se decidirem pareceu muito pequeno, pois rapidamente os vi concentrados na sua tarefa. Claro que não digo que estava um completo silêncio na sala. Mas apesar dos comentários, risotas, provocações, o trabalho estava a ser construído. A Monitora não parava um segundo. Uma ideia aqui, outra sugestão ali. E de vez em quando a informação do tempo.

Os 45 minutos passaram rapidamente e a monitora reuniu os seis trabalhos resultantes daquela oficina declarando que estava muito contente com os resultados. Pediu então que cada grupo falasse um pouco daquilo que fez. Os elementos justificaram as suas intenções para este trabalho, as dificuldades que tiveram, e as alternativas que encontraram.

Três dos grupos fizeram *flipbooks*, sendo que um deles sugeriu um *flipbook* com uma imagem que se mantinha durante o desfolhar do livro. A ideia era a de contrariar a imagem que se movimenta à qual está associado o *flipbook*.

Os outros três fizeram trabalhos mais diversificados. Um deles construiu três dados (cubos) que contavam a história das princesas do caramelo, biscoito e rebuçado (acho que é assim, pois não conheço a história), nas suas faces. Outro grupo contou a história do rato que roeu a rolha da garrafa de rum do rei da Rússia apenas em imagens. E o último construiu um pequeno caderno de folhas de cartolina amarrotadas, com uma linha que ia percorrendo essas folhas ficando a meio a meio do livro.

Esta actividade terminou pouco depois das 15h 40.

Seguia-se a visita à exposição de Augusto Alves da Silva, e ficamos à espera de uma nova monitora para iniciar a visita às 16 horas.

Fizemos assim um pequeno compasso de espera em que os alunos aproveitaram para ir até ao exterior do museu. Eu também aproveitei e fui à

biblioteca. Curiosamente, quando me viram na biblioteca vieram para a minha beira e estiveram a ver os livros que por lá havia.

16 Horas: Inicio da visita à exposição.

Iniciamos com a obra que se encontra no *hall* de entrada do museu. Tratava-se de uma projecção em vídeo de uma cena real filmada num determinado ponto de vista que conferia à cena um aspecto irreal. Um dos alunos disse-me baixinho: "é um homem a colar cartazes de rua". Disse-lhe para dizer isso em voz alta. Ele não disse, mas quando a monitora revelou o que se tratava, e que de facto era o que ele tinha previsto, ele olhou para mim e disse. "Eu não disse…".

Entramos na exposição. Trata-se de uma exposição de fotografia. Enquanto a monitora ia falando sobre as obras alguns alunos deixavam-se estar mais para trás iam-se afastando-se até se encostar à parede. Apenas metade deles estava próximo da monitora. Poucos fizeram perguntas e os outros afastados e encostados vão incomodando com um barulho miudinho. Chego-me a eles e peço-lhes para se afastarem da parede e se chegarem à frente. Coisa que eles fazem imediatamente.

O resto da visita aconteceu de forma semelhante. Os alunos iam ouvindo a monitora, poucos continuavam a fazer algumas perguntas e comentários ao que iam vendo, mas outros iam estando lá, trocando impressões entre eles, olhando de vez em quando para as obras quando a monitora apontava para alguma e comentando o seu conteúdo mais num tom brincalhão do que tentando perceber o que transmitia.

Infelizmente e novamente por incompatibilidade de horários, não pude acompanhar esta visita até ao fim, nem o trajecto que se seguiu até à escola.

No dia seguinte tive a oportunidade de conversar com a professora Ana Luísa sobre a deslocação e sobre o resto da actividade onde eu não estive presente. Confirmou-me a minha opinião de que tinha corrido muito bem, e que os trabalhos obtidos no outro turno (o que eu não assisti) tinham sido interessantes. Todavia informou-me que no percurso de regresso os alunos se tinham portado de uma forma indisciplinada, nomeadamente no comboio onde estavam constantemente a falar alto.

Sobre a oficina partilhei também a minha opinião de que os alunos estiveram mais empenhados do que nas aulas, no trabalho que desenvolveram. Senti que aquilo que eles fizeram na oficina em 45 minutos, não fazem nas aulas de Desenho A no mesmo período de tempo. No entanto a professora Ana Luísa não concordou comigo, contrapondo que lá os alunos estavam bastante cronometrados, e que se enunciássemos uma actividade e cronometrássemos o tempo da mesma maneira na aula, eles iriam corresponder da mesma forma. Ficou a sugestão para uma próxima actividade.

ANEXO I s – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 19 de Fevereiro de 2010.

19º SEMANA

Inauguração da exposição de trabalhos dos alunos “Desenhar Pousão” no Museu Nacional Soares dos Reis

Inicio o meu relato com uma expectativa frustrada. Apesar de ter anunciado a data da inauguração da exposição “Desenhar Pousão” no MNSR na aula de Desenho A - 10º ano (umas semanas antes) e de ter deixado uma entrada no *moodle* da disciplina de Desenho, não houve nenhum aluno que tivesse ido assistir à inauguração dos trabalhos que também eram deles.

Como referi aqui, umas semanas antes, combinei com a professora Ana Luísa não deixar passar para os alunos a minha expectativa em saber o interesse que esta actividade tinha ou não despertado nos alunos. Decidimos então informar os alunos da data da inauguração, sem fazer muita publicidade, nem indicar o nosso desejo em que eles fossem. Nesse sentido quando soube da data da inauguração disse-lhes, e depois voltei a lembrar somente na última aula antes da inauguração. Também escrevi no *moodle* (no local destinado às noticias), embora soubesse à partida que esse não era o meio mais divulgador porque até à data apenas tenho três “clientes”.

Fui o único representante da Escola Secundária de Valadares a aparecer à inauguração, o que me deu o direito de ir ao palco buscar os diplomas para entregar aos alunos, e ouvir uma salva de palmas…

Após uma breve apresentação no auditório passamos para a exposição propriamente dita. Estava com reservas em relação à forma como a exposição seria organizada (tinha-me inclusive disponibilizado para fazer parte do grupo de montagem da exposição que não cheguei a ser por incompatibilidade de horário). Receava que uma exposição com tantos trabalhos de alunos, num tema tão alargado e com possibilidades de propostas de trabalho pelos professores tão vastas e resoluções dessas mesmas propostas pelos alunos bastante diversificadas, que não se conseguisse fazer mais do que poluição visual.

Penso que não. Penso que dentro daquilo a que se propôs este projecto, se conseguiu organizar e apresentar os trabalhos com a dignidade merecida.

Outra apreensão referia-se ao tipo de ambiente que teríamos na inauguração. Naturalmente, tratando-se de um projecto para quase todos os níveis de ensino, eu estava à espera de encontrar lá, além dos professores envolvidos, muitas crianças, pais e restante família (Eu pelo menos quando no 11º ano realizei uma exposição conjunta com os meus colegas na Casa Museu Teixeira Lopes, levei a família toda…). Essa expectativa não ficou furada. Estava lá toda a gente: pais, avós e os irmãos mais novos. O museu de repente virou passeio de domingo (apesar de ser sábado), mais domingueiro que o museu de Serralves ao domingo de manhã.

A exposição realizou-se na sala do fundo mo museu, logo a seguir às esculturas de Teixeira Lopes. Pus-me a observar as pessoas. O aspecto fez-me lembrar as feiras de exposição (tipo a da *Exponor*). Visualmente os trabalhos estavam bem distribuídos, com uma organização perfeitamente perceptível. A primeira impressão foi realmente a de uma explosão de imagens como sugeriu o professor Vítor Silva, que faz sentido na proposta da APECV e do Serviço Educativo de Serralves.

A descontextualização e o estarem a par muitas propostas, também me deixou a apreensivo, porque o olhar do público não tinha em conta que as propostas para cada trabalho tinham sido diferentes, havendo o perigo de que se fizessem comparações (como ouvi) entre trabalhos

Houve, porém alguns acontecimentos naquela tarde de sábado que me puseram a pensar, alguns deles até me criaram um desconforto. Uma das coisas que me incomodou foi a total despreocupação com que qualquer pessoa mexia nos trabalhos dos alunos. Sobretudo a forma como mexiam nos trabalhos sem cuidado de os desmanchar ou danificar.

Porém houve um caso em que o incomodo facilmente se transformou em algo que mereceu a minha reflexão. Uma criança que mexia no trabalho, apontava com o dedo tocando-o, mas que mais tarde me apercebi que era ela a autora desse mesmo trabalho. O trabalho que ela construiu, e por isso é dela. Porque é que não havia de tocar?

Outro sentido de posse era visível nas constantes fotografias que se tiravam aos trabalhos não escapando qualquer ângulo. De certeza que já se tinha

tirado a fotografia na escola, mas o trabalho exposto também era digno de ser registado. Outra modalidade era a fotografia do aluno “artista” ao lado do seu trabalho “obra”. Não pude porém de deixar de perguntar onde andaria a senhora que na visita de estudo não deixava tirar as fotografias…

Por fim deixo uma frase que achei deliciosa que transcrevo de seguida:

“Olha pai, este fui eu que fiz… olha aqui a minha assinatura”. (Menina com sensivelmente 10 anos.

ANEXO I t – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 09 de Março de 2010.

20º SEMANA

AREA DE PROJECTO 12º D – CURSO CIENTÍFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS

Na semana passada, na aula de Área de projecto, com a turma do 12º D do Curso de Artes Visuais, os grupos fizeram o ponto de situação dos seus projectos à turma, através de uma apresentação onde incluíram todos os passos já realizados, as ideias abandonadas e a planificação do que ainda irão fazer.

Como todos os grupos iram recorrer à projecção multimédia, reservamos a salinha de projecções que existe na biblioteca da escola. Essa salinha, como já descrevi aqui numa outra entrada deste semanário, é um espaço muito pequeno, equipado com uma dezena de computadores, com as mesas todas agrupadas no centro refazendo uma mesa central com os computadores dispostos à sua volta. Os alunos sentam-se à volta desse rectângulo, num espaço bastante curto entre a mesa e a parede. O projector está virado para a parede ao fundo da sala, obrigando os alunos a virarem-se de lado para visualizar a projecção.

O primeiro grupo a apresentar foi o auto-denominado Grupo Defesa do Animal. Este grupo é constituído por quatro alunas, no entanto no início do ano e até às primeiras aulas do 2º Período era constituído por oito elementos. Porém, problemas de relacionamento e incapacidade de gerir o grupo, quatro desses elementos optaram por sair, criando um outro grupo de trabalho.

O projecto deste Grupo Defesa do Animal consiste num conjunto de acções, que promovem a Defesa dos Animais: Um placar de parede onde colocam informações sobre os animais e sobre as acções que estão a desenvolver; Criaram um blogue com as mesmas características; realizaram uma visita a uma associação de Defesa do Animal (estranhamente não foram muito bem recebidas). Neste momento encontram-se a preparar uma exposição de fotografia na escola sobre o seu tema, tendo já efectuado todos os contactos com a direcção da escola e obtido a respectiva aprovação.

Seguidamente apresentou o Grupo que pretende organizar uma actividade de Dança, na escola. Em relação ao último "ponto de situação" apresentado no final do mês de Dezembro, este grupo conta agora com mais um elemento, já que uma aluna de outro grupo decidiu mudar, por se identificar mais com este projecto. Assim neste momento o grupo conta com quatro elementos. O objectivo deste grupo é o de coreografar alunos da escola ao som de uma música de dança, semelhante a um vídeo que tem corrido no *youtube*.

Logo no início do ano percebi que este grupo era pouco dinâmico, pelo que lhe fui sugerindo algumas hipóteses que fomentasse na escola uma discussão sobre a dança. Senti na altura, em conversas com a professora Ana Luísa, que apesar de ser uma turma de artes, estavam a levar os seus projectos muito para o lado burocrático, de organização de eventos e pouco para o empreendimento de projectos ligados à arte. Mesmo este "grupo da dança", apesar de no inicio do ano contar com uma aluna ligada à dança, estavam a querer organizar mais um convívio onde a dança poderia estar mais ligada com a forma física, do que com a arte. Nesse sentido e após a criação do blogue, tentei provocar nesse espaço virtual algumas discussões e indiquei-lhes nessa altura o tal vídeo do *youtube* onde se faz uma coreografia de uma música de dança.

Sem resultados práticos. Nesta apresentação o grupo informou que o blogue estava suspenso por falta de participação, no entanto o *mail* de contacto continuava igual. Também informaram que o projecto inicial tinha sido alterado e que apenas iriam fazer a coreografia alguns alunos da escola que tivessem noções de dança, e iriam ser convidados outros elementos de grupos de dança para participarem neste actividade, estando já a participação destes elementos autorizados pela direcção da escola. Segundo eles, nos contactos que fizeram com os professores de educação física e com alunos da escola ligados à dança, coreografar muitas pessoas que não tenham noções de dança num período de tempo tão curto é impossível. E além disso o convívio sempre vai estar assegurado com uma mesinha de comes e bebes que eles já conseguiram assegurar através de patrocínios…

Outro dos grupos que enveredou para um evento mais burocrático foi o grupo do "festival de curtas-metragens". A ambição deles é a de realizar um festival de curtas metragens na escola. Nesse sentido, na sua apresentação, informaram-nos que conseguiram o envolvimento da junta de freguesia, após a rejeição da Câmara Municipal. Porém esse envolvimento tem condicionado algumas tomadas de decisões dos elementos dos grupos, por exemplo ao incluírem no regulamento de inscrição (para além das escolas do conselho de Gaia e de Espinho, como estava inicialmente previsto) as associações recreativas e desportivas de Valadares. Obrigaram também o festival a ter um tema, neste caso o tema é a freguesia de Valadares.

Porém, este apoio da junta trouxe também um prémio monetário para os vencedores (5000 euros), com o nome de um ilustre cidadão de Valadares ligado ao cinema. Esta parceria com a junta trouxe também o benefício de terem ao seu dispor, para a realização do festival uma sala de cinema: o cine-teatro Eduardo Brazão em Valadares.

O grupo tem feito muitos contactos com as escolas e instituições, divulgando e promovendo o festival, em horários muitas vezes pós-laboral. Ainda não têm nenhuma inscrição, no entanto já estipularam o prazo que se encontra na sua página de Internet, onde poderemos também aceder a todas as informações relativas ao festival. Falta também um nome definitivo e um logótipo para o festival, sendo que provisoriamente temos o nome de "festival de curtas-metragens de Valadares.

O quarto grupo a apresentar foi o grupo das quatro alunas que se separou do GDA. Este grupo decidiu realizar um projecto onde tentariam construir um jogo didáctico ligado à disciplina de "História e Cultura das Artes". Um jogo destinado principalmente aos alunos de artes, mas também a todos os interessados em cultura geral. Segundo o grupo é um jogo que pode ajudar os alunos de artes a estudar "História e Cultura das Artes" pois permite estudar ao mesmo tempo que se brinca.

Apesar de ser um grupo formado recentemente, o seu ponto de situação é já bastante avançado. Desta forma apresentaram-nos todo o processo de construção do jogo, desde as ideias iniciais, os primeiros desenhos, as maquetas e o logótipo.

Em seguida informaram-nos dos contactos que têm feito para a divulgação do jogo junto das empresas de construção de jogos deste género. Algumas não responderam, outras responderam dizendo que não estavam interessadas, e houve uma que acedeu e marcou uma reunião com o grupo.
A professora Ana Luísa acompanhou o grupo nessa deslocação que foi realizada na quarta-feira a seguir ao Carnaval. A empresa declarou haver interesse em todas as ideias interessantes e que este projecto ficaria à consideração das entidades superiores da empresa. De qualquer forma, foi logo comunicado que caso a empresa estivesse interessada no jogo, tinham como politica apenas a compra da ideia aos autores, ficando ela detentora de todos os direitos sobre o jogo.

O último grupo apresentou o seu projecto de trabalhar numa associação de crianças carenciadas, criando um atelier de expressão plástica.
Porém este projecto é bastante recente, pois o projecto que eles apresentaram e trabalharam até Dezembro, teve que ser abandonado por impossibilidade de ser concretizado. Tratava-se do projecto 24 horas, ao qual já me referi aqui no semanário.
Neste projecto, os quatro elementos do grupo, dois rapazes e duas raparigas, decidiram criar um atelier de expressão plástica, para trabalhar com uma associação de crianças carenciadas de Gaia, durante a interrupção lectiva do segundo período.
Assim nesta apresentação, o grupo indicou os contactos que fez com a associação, as visitas à associação e as respectivas autorizações da direcção desta escola, apesar desta actividade decorrer no espaço da associação.
O material que vai ser utilizado para trabalhar com as crianças vai ser comprado pelos elementos do grupo. Para isso estão a preparar um leilão na escola (com a respectiva autorização), de forma a angariar dinheiro.
Por fim, foi também a apresentada uma planificação provisória das actividades que este grupo vai desenvolver com as crianças.

Uma das constatações que faço, em relação à área de projecto é as muitas diligências que os grupos ou alguns dos elementos fazem, aproveitando o horário da aula de Área de Projecto. Desta forma, na maioria das vezes, as

aulas de sexta-feira decorrem com metade dos alunos, com os grupos desfalcados, ou com o entrar e sair permanente para irem a encontros e reuniões com professores de outras áreas, ou direcção da escola. Por exemplo o "grupo defesa do animal", não esteve numa aula porque foi visitar uma associação de defesa do animal a Espinho; o "grupo da dança" está constantemente a pedir autorização para se ausentar por causa dos encontros com os professores de educação física que os vão auxiliar na coreografia; o "grupo do jogo didáctico" aproveita também as aulas de A.P. para realizar os contactos telefónicos e via e-mail com empresas dos jogos; alguns elementos do grupo do "festival de curtas-metragens" utilizam as sextas-feiras de tarde para as reuniões com a Junta de Freguesia; e o "grupo do atelier de expressão plástica" também utiliza este tempo para realizar os seus contactos.

Faço esta constatação à luz do meu tema de relatório de estágio. Serão estas diligências e saídas, deslocações do espaço de aprendizagem? Numa primeira impressão penso que não, dado que os alunos não se deslocam daquele espaço para fazerem aquisições de conteúdos programáticos disciplinares. Além disso a Área de Projecto não é uma Área disciplinar, pelo que mesmo dentro da sala de aula, o funcionamento não é o convencional. Enfim, é uma questão que pretendo neste momento deixar em suspenso…

ANEXO I u – “MEMÓRIAS DE VALADARES”: Diário de Estágio, entrada na plataforma *www.moodle.up.pt* a 21 de Março de 2010.

21º SEMANA

Esta semana quero recuperar mais uma vez a questão do des(interesse) que os alunos apresentam. Tenho reparado que esta é também uma questão muitas vezes levantada por parte dos meus colegas nos seus semanários. Na verdade, esse tem sido um foco da minha atenção e também um obstáculo no que concerne às análises que pretendo fazer no âmbito do meu estudo para o relatório, ou seja, o interesse dos alunos, neste caso a falta de interesse, tem condicionado a recolha de muitas informações que pretendia fazer. E sinto-me até incapaz de mudar o rumo da situação, o que me provoca um sentimento de angústia, quando olho por exemplo para o curto espaço de tempo que me separa da entrega do relatório e da enorme quantidade de trabalho que tenho pela frente. Este foi, aliás, um tema das conversas semanais que mantenho com a professora Ana Luísa que com a sua serenidade e experiência me conduziu mais para uma posição de desfrute do momento, lembrando-me a posição privilegiada em que me situava. Posição essa, à qual, efectivamente já me referi aqui neste semanário por algumas vezes.

Mas voltando ao (des)interesse: Na turma existem pouquíssimos alunos cujo interesse nas propostas é real. A maioria limita-se a fazer corpo presente na aula. Só nessa pequena parte da turma é que os exercícios são verdadeiramente realizados com o espírito e a atitude para ultrapassar as dificuldades e de entender o objectivo das propostas. Os outros simplesmente desenham, sem saber o objectivo, mas também sem o querer saber. Olham para o lado, vêem o que o colega está a desenhar e vão passando o tempo, na maior parte dele a seleccionar as músicas que querem ouvir no mp3, em vez do necessário investimento no trabalho.

Nas minhas movimentações pela sala vou perguntando sistematicamente como está a correr o trabalho. Essa pequena parte, naturalmente já identificada por mim e pela professora Ana Luísa coloca-me questões sobre a execução do trabalho, enquanto que os outros quando sentem a minha presença (até) interagem comigo, porém para colocar outras questões paralelas, desinteressando-se completamente do desenho.

Mas coloco a questão do interesse dos alunos não só para a disciplina de Desenho A, que deveria ser central no curso de artes, mas para as outras disciplinas do currículo desta turma. Todos os professores se têm queixado do mesmo, apesar de já se ter realizado um Conselho de turma disciplinar, o comportamento dos alunos continua a piorar. Dois alunos desistiram da escola, outros dois ameaçam todos os dias que vão sair.

Naturalmente esta falta de interesse é visível também na indisciplina. Não digo que existam neste caso situações tão graves como as que por vezes assistimos na televisão. Porém a falta de respeito e de educação existe, como por exemplo quando resmungam com a professora, travando-se de razões, o não acatar as indicações, o ouvir a música alta mesmo com auscultadores enquanto vamos dando indicações.

Se recorrer, como tenho feito, às teorias da educação, percebo facilmente que o erro poderá estar no professor que não consegue captar ou despertar o interesse do aluno (refiro isso na entrada do semanário da 15º semana). Porém impõe-se nova questão: Como captar o interesse dos alunos se não conseguimos perceber os seus interesses?

Partindo do princípio que todos nós temos interesses, e de que é preciso descobri-los e pô-los a descoberto, decidi criar um espaço de conversação na plataforma moodle de forma a encontrar um espaço que se pudesse constituir como uma alternativa à sala de aula, contando com a facilidade e atractividade que os espaços virtuais configuram para os adolescentes de hoje.

Expectei que nesse espaço pudesse perceber melhor esses interesses. Abri para isso fóruns de discussão sobre os trabalhos que estávamos a desenvolver, partilhar informações e registos fotográficos das nossas experiências e visitas de estudo e até partilha de desenhos realizados por eles fora da aula, sempre de forma comentada, discutida e colaborativa.

Porém de todos os alunos da turma tenho nesta altura inscritos na plataforma apenas 8 alunos mais os 2 professores. A participar nos fóruns tenho três alunos que fizeram a sua apresentação, nenhum partilhou fotografias da visita da oficina do livro de artista em Serralves, um outro aluno apresentou um desenho realizado fora da aula, e a partilha das fotos da exposição “Desenhar Pousão” também não tem nenhum participante.

Ou seja, apesar de eu prever constrangimentos naturais na participação dos alunos de forma escrita nesta proposta, pensei sempre que a curiosidade os levaria lá, e a partir daí tentaria promover a participação. O que acontece é que poucos vão lá, e mesmo aqueles que foram e que dinamizaram um pouco comigo e com a professora Ana Luísa, começam a participar cada vez menos por perceberem a fraca afluência que aquilo tem.

Outro exemplo é a exposição "Desenhar Pousão" que encerrou este fim-de-semana, e que apenas um aluno foi ver. Curiosamente um aluno cujo trabalho não foi seleccionado. Ou seja, dos 9 trabalhos da turma expostos na exposição, nenhum dos seus autores foi ver, e apenas um dos participantes no projecto deslocou-se ao museu. E neste caso não posso deixar de me lembrar mais uma vez, daquela exposição (que já referi neste semanário) em que participei como aluno do 11º ano, na casa museu Teixeira Lopes em Gaia, e que para a inauguração levei (cheio de vaidade) a minha família inteira para ver o artista que eu era.

Nada disso aconteceu aqui. Tudo passou ao lado destes alunos. Claro que eu e a professora Ana Luísa poderíamos incitar mais os alunos a ir (percebi perfeitamente que muitos dos alunos de outras escolas que participaram, não só na exposição como nos fóruns abertos para o efeito, estavam completamente impulsionados pelo discursos dos seus professores). Porém não considero normal o total desapego pelo qual estes alunos olharam para esta proposta. Consideraria normal ir pelo menos os 9 alunos cujos trabalhos tinham sido seleccionados. Sinceramente pensei que fossem lá mais alunos, até porque alguns deles iam perguntando nas aulas até quando a exposição iria estar patente.

Uma das possíveis razões que referi no primeiro texto que escrevi sobre o desinteresse dos alunos neste semanário foi a falta de expectativas destes. Neste sentido gostaria de saber quais as expectativas futuras dos alunos, nomeadamente a nível profissional. Estive a pesquisar no Projecto Curricular de Turma, mas não faz referência a isso. A criação do moodle tinha também a intenção de se constituir como mais um elemento para fazer estas análises mas a já mencionada falta de participação impossibilita esse meio. Assim deverei na próxima semana realizar um novo inquérito, desta feita para perceber melhor as expectativas dos alunos face ao seu futuro, com vista a

entender também de onde poderá advir a falta de interesse, que neste momento me condiciona até na recolha de informações para o estudo que tinha planeado, estando neste momento a minha atenção virada para os supra-citados interesses.

ANEXO II

RELATÓRIOS PARA A DISCIPLINA DE SEMINÁRIO
DO MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS

Paulo Miguel de Oliveira Fernandes

ANEXO II a)

Relatório do seminário: “Desenhar Pousão”

No dia 10 de Outubro de 2009, realizou-se o seminário “Desenhar Pousão” no Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto. Uma actividade da Associação de Professores de Expressões e Comunicação Visual em parceria com o Museu Nacional Soares dos Reis, reunindo no auditório do museu um considerável número de professores das áreas da educação visual e educação artística.

O projecto apresentado vem no seguimento das comemorações de Henrique Pousão no MNSR, tratando-se de uma iniciativa de educação artística que visa o conhecimento da obra do pintor através do entendimento desta no seu contexto histórico - social e do papel deste artista na arte portuguesa, com o objectivo de sensibilizar para o desenho como ferramenta de jogo e aprendizagem através das obras do pintor.

O seminário está incluído num Projecto, que insere também um curso de formação B-learnig: “A Educação Artística baseada na cultura visual”; o desenvolvimento de uma unidade de trabalho a partir de Pousão nas escolas incluindo as visitas guiadas ao Museu Nacional Soares dos Reis; um seminário com Bick Har Lam da Hong Kong Institute of Education; e uma exposição dos trabalhos dos alunos no Museu Nacional Soares dos Reis.

A sessão de abertura contou com a Doutora Maria João Vasconcelos, directora do MNSR e doutora Teresa Eça, presidente da direcção da APECV.

Seguidamente deram-se início às apresentações deste seminário, com uma abordagem à obra de Henrique Pousão pela Drª Paula Azeredo do MNSR, partindo da premissa da educação através da arte.

Na segunda parte do seminário a Professora Teresa Eça da APECV apresentou possibilidades de construção de unidades didácticas transdisciplinares a partir do artista Henrique Pousão utilizando conceitos e metodologias da Educação Artística baseada na Cultura Visual, referindo o contributo da arte na “educação para a cidadania” que é o objectivo educacional actual.

Desta forma as comunicações realizadas neste seminário mostraram exemplos de práticas pedagógicas inseridas em novos quadros teóricos para a educação artística através do lançamento de desafios que considero inovadores.

Paulo Fernandes

ANEXO II b)

RELATÓRIO: Apresentação do Serviço Educativo Serralves

No dia 28 de Outubro de 2009, realizou-se no museu de arte contemporânea de Serralves, um encontro para apresentação do Serviço Educativo de Serralves, pela Dr.ª Sofia Victorino, ao grupo de alunos do mestrado em ensino de artes visuais da Faculdade de Belas artes da Universidade do Porto.

O encontro, inserido na aula de seminário do mestrado, tinha como objectivo dar a conhecer o Serviço Educativo de Serralves, nas suas iniciativas junto dos professores e escolas.

Essas iniciativas divulgadas pela Dr.ª Sofia Vitorino, tais como:

- Visitas às exposições, aos espaços arquitectónicos e ao parque;
- Oficinas para os alunos do ensino básico e secundário e também para grupos com necessidades especiais;
- Projectos com escolas;

têm como objectivo criar *um espaço aberto à imaginação, à reflexão e ao debate, estimulando a aproximação crítica e criativa à cultura contemporânea, na perspectiva de suscitar o interesse de diferentes públicos pelos conteúdos propostos, bem como estabelecer com as escolas uma relação cada vez mais cúmplice e dinâmica.*[1]

A apresentação dos projectos com escolas aconteceu através da divulgação do projecto "Jardins portáteis" realizado num dos anos anteriores, projectando imagens dessa actividade e descrevendo experiências com alunos, professores e também visitantes, tanto do processo como da exposição final que daí resultou.

Seguiu-se um espaço de intervenções e questões sobre o serviço educativo, onde se referiu a importância de fazer chegar ou, dar a conhecer estes projectos junto de toda a comunidade educativa, na medida em que se tratam de iniciativas que promovem uma inovação nas práticas educativas e levam os professores a dar as aulas de forma diferente, substituindo o sentido transmissivo, pela possibilidade de proporcionar experiências, que confiram significado às aprendizagens dos alunos.

Fez-se também referência ao facto dos objectivos dos projectos de Serralves estarem abertos a qualquer currículo escolar, cabendo ao professor estabelecer e criar os objectivos da actividade de acordo com a sua disciplina, turma e contexto escolar.

Paulo Fernandes

[1] PROGRAMAS EDUCATIVOS, Actividades e projectos, Serralves, 2009-2010

ANEXO II c)

RELATÓRIO: Seminário “Alô metaverso” - Silvestre Pestana

No dia 4 de Novembro de 2009, o Professor Doutor Silvestre Pestana, realizou na Faculdade de Belas Artes da universidade do Porto, uma aula de seminário aos alunos dos mestrados de “Pintura” e de “Ensino de Artes Visuais”, onde deu a conhecer um dos seus mais recentes projectos: “*alô metaverso*”, através da apresentação da *SL Fundação V/5 Portuguese Cultural Center*, no *Second Life*.

O professor Silvestre Pestana iniciou a aula, fazendo uma retrospectiva do seu percurso académico e artístico, referindo o contributo no pioneirismo da vídeo arte em Portugal, recentemente divulgado e redescoberto através da colecção Gulbenkian, e a sua passagem pelo campo da *Art e Design Education*. Contextualizando, desta forma, a sua aproximação às novas tecnologias, inseridas num contexto educacional.

Defendeu também a necessidade e a importância da utilização dos recursos dos museus locais, nas actividades lectivas, valorizando a cultura local, muitas vezes desvalorizados em detriorimento dos grandes museus, ou dos museus de referência. Não esquecendo que as visitas aos museus carecem de uma preparação antes; de uma acompanhamento durante; e de um trabalho posterior à visita de estudo, que enquadre a actividade nos objectivos e finalidades a que o professor se propõe, mas também no contexto cultural local.

Após um pequeno intervalo, o professor Silvestre Pestana apresentou a fundação que criou no espaço virtual, através da ligação *on-line* ao *Second Life*, ligada à bienal de Cerveira, onde vimos obras criadas propositadamente para este espaço, com as ferramentas disponíveis, por artistas convidados.

Seguiu-se um espaço de debate onde se percebeu na opinião dos intervenientes, uma resistência no que concerne à legitimação daquelas obras como sendo arte. A falta do “cheiro” e do “tacto”… foram algumas das razões enunciadas. No entanto o professor Pestana ressalva que este novo *mídiam*, não elimina os anteriores, obriga-os antes de mais a dar um salto. Lembrou por exemplo que obstáculos idênticos estiveram também no aparecimento do cinema, com receio do esmorecimento da fotografia, e depois do vídeo e agora com o digital.

Além disso, também mencionou que existem cada vez mais pessoas a frequentar estes espaços virtuais, considerando ser da nossa responsabilidade, levar a arte a este espaço.

Já na parte final, e em relação aos números de pessoas que visitam a fundação, o professor defendeu que o objectivos dos museus /fundações não devem ser o número de visitantes, mas antes responder a uma função social da arte, aos interesses dos artista e só depois a divulgação ao público.

Paulo Fernandes

ANEXO II d)

RELATÓRIO: Aula de Seminário apresentada pelo Nuno e pela Raquel[2]

No dia 18 de Novembro de 2009, a aula de seminário foi apresentada pelo Nuno e pela Raquel, alunos do 2º ano do Mestrado de Ensino de Artes Visuais, na sala 33 do pavilhão sul da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Esta aula insere-se na proposta introduzida no início do ano lectivo, pela Professora Paula Soares, titular da disciplina, de serem apresentados assuntos relacionados com os conteúdos da docência e das práticas lectivas em Artes Visuais que possam servir com ponto de partida à realização dos relatórios finais, fomentando a discussão e debate dos referidos conteúdos entre os estudantes.

Desta forma o Nuno, iniciou a apresentação do seu "assunto", prevendo no entanto que este pudesse ligar-se no decorrer da discussão com o "assunto" da Raquel, propondo ao grupo uma reflexão sobre a disciplina de Desenho A, no que respeita ao seu âmbito de intervenção e aos seus domínios, enquanto programa disciplinar.

A certa altura, creio que coloca a questão: "Para que serve o Desenho?". Pelo que eu entendi, referia-se não à subvalorização do desenho, mas à ideia contrária de que o desenho não pode ser tudo, nem embarcar tudo. Lança até uma percepção, pegando no exemplo do Manual de Desenho da Asa, que a disciplina de desenho é neste momento uma aglutinadora de várias disciplinas que andam desaparecidas, tais como a Oficina de Artes ou a Teoria do Design, que quer meter tudo lá dentro, sem especificar nada.

De acordo com as várias intervenções dos meus colegas, que contrapuseram em diversos momentos as ideias lançadas pelo Nuno, o Desenho é entendido actualmente, como uma forma de pensamento, que está em tudo, caracterizando-se também como uma forma de concepção e desenvolvimento mental.

É esse o entendimento que faço do Desenho, pois consigo vê-lo em tudo, tendo sempre em conta os vários pontos de vista, seja do arquitecto, do designer, do artista plástico, ou outro. Talvez seja aí mesmo que o Nuno queira tocar: "Como poderá uma disciplina curricular do secundário abordar algo tão extenso?". Neste ponto eu concordo que não se consegue abordar na sala de aula todas as formas de Desenho, mas também entendo que não podemos seleccionar a melhor ou a mais adequada para o aluno, essencialmente numa fase em que o aluno ainda procura a sua vocação.

Porém o problema coloca-se, e foi referido na aula, com o exame final. E esse é para mim o problema maior. Mais do que falar nos diferentes tipos de Desenho, e na validade de cada um deles, devemos antes reflectir sobre o exame que (esse sim) selecciona e condiciona artificialmente o Desenho que queremos para os nossos alunos, alinhando-os todos sobre a mesma bitola.

[2] Estudantes do 2º ano de Mestrado de Ensino em Artes Visuais

ANEXO II d)

RELATÓRIO: Seminário com Agostinho Ribeiro

A aula de seminário do dia 25 de Novembro de 2009, contou com a presença do *Professor Doutor Agostinho Ribeiro*, que nos trouxe o tema da criatividade.

Sem nenhuma projecção multimédia, nem apresentações aparatosas, como fez questão de salientar, fazendo-se apenas acompanhar de pequenos textos que o auxiliariam em alguns momentos, lançou para o debate seis tópicos: 1 – A emoção e a razão na criatividade; 2 – A imaginação e a inteligência na criatividade; 3 – O acaso e o engenho na criatividade; 4 – A criatividade como resolução de problemas; 5 – A criatividade como colocação de novos problemas; 6 – O juízo da obra criada e a legitimação exterior.

Sobre a criatividade realizei, no ano lectivo anterior do mestrado de Ensino de Artes Visuais, um estudo para a disciplina de "Actividades de Iniciação à Prática Docente", onde abordei alguns destes tópicos que *Agostinho Ribeiro* refere, parecendo-me neste momento mais útil estabelecer uma ligação entre o que foi dito neste seminário e esse trabalho que realizei.

Vygotsky, mencionado pelo Doutor Agostinho Ribeiro, define no seu livro "A Imaginação e a arte na Infância" actividade criadora como *toda a realização humana responsável pela criação de qualquer coisa de novo, quer corresponda aos reflexos deste ou daquele objecto do mundo exterior, quer a determinadas construções de cérebro ou do sentimento que vivem e se manifestam somente no próprio ser humano*[3].

Seguindo os tópicos lançados por *Agostinho Ribeiro*, verificamos que a origem da criatividade é ainda motivo de estudo. O próprio conceito é bastante amplo e muitas vezes até controverso, provavelmente porque ocupa um espaço de fronteiras incertas. Para uns é inata e intrínseca ao indivíduo, para outros é apenas uma capacidade que pode ser desenvolvida, como é sugerido no primeiro tópico. Porém, salienta que a Razão e a Emoção andam sempre juntas, em proporções diferentes, pois para tomar uma decisão é preciso ter emoção, recorrendo para este exemplo a António Damásio.

A dado momento, *Agostinho Ribeiro* insere no seu discurso o nome de *Guilford*, psicólogo americano, que associa a criatividade, ou acto criativo, ao estudo da inteligência (referindo-se também a *Gardner* e às "suas" múltiplas inteligências) a um pensamento divergente e imaginativo, opondo-se ao pensamento convergente que nos remete para a lógica das coisas. Assim, o pensamento divergente é caracterizado por uma exploração mental de soluções diferentes e originais para um mesmo problema.

Nos tópicos seguintes estabelece uma ligação da criatividade com a capacidade de resolução de problemas, neste caso de ultrapassar etapas, questionando-se o acaso ou

---

[3] VYGOTSKY, Lev; *A imaginação e a Arte na Infância*. Trad. de Miguel Serras Pereira; Relógio D'água Editores, 2009, p.9.

o engenho do investigador, inventor ou até artista, nessa superação até ao resultado final. E também a criatividade na capacidade de colocar novos problemas.

Por fim referiu-se à aceitação exterior daquilo que foi criado, salvaguardando o facto desse juízo não ser definitivo. Colocou até o exemplo do campo das artes de artistas que propuseram "realidades" demasiado diferentes às existentes na altura, que só foram entendidas e aceites muito mais tarde.

Sendo o tema da criatividade um assunto bastante presente na Educação/Ensino, sugeri eu próprio, antes do final do seminário, o tema da "Criatividade na Infância e adolescência no contexto educacional".

A opinião de *Agostinho Ribeiro* foi bastante clara. A escola (de uma forma geral) tira a criatividade aos alunos. Para ele a escola deve ser um lugar que proporcione experiências diversificadas, de forma a desenvolver mais capacidades nos alunos.

Todavia alertou que não podemos considerar uma criança como muito criativa, pois não dispõe da informação que os adultos têm. Quando elas fazem coisas novas, são apenas capacidades que adquirem e que lhes permitem executar novas tarefas, mas não podemos considerar isso criatividade. A escola deve é possibilitar o maior número de experiências e diversificá-las para as crianças se tornarem adultos criativos.

Desta forma concluo que a criatividade, no contexto educacional, deve ser entendida como um potencial existente em qualquer indivíduo, que para ser desenvolvida necessita de condições e ambientes adequados, sendo necessária uma intervenção responsável e consciente por parte do professor, mas também a criação de um meio não ameaçador, recorrendo a estratégias e processos adequados.

Da mesma maneira que a criatividade pode ser fomentada, através de uma sistema autónomo, mobilizador e responsável, também pode ser inibida, quando mal aplicada. Cabe ao professor promover e criar as condições necessárias ao desenvolvimento criativo dos alunos. Os professores "costumados" e conformistas acabam por "arrasar" todos os rebentos de imaginação e criatividade, conduzindo os alunos à repetição e ao conformismo, numa abordagem tradicionalista que se caracteriza pela memorização e acumulação de instruções em detrimento do questionamento para a compreensão, através de um método de resolução de problemas essencial à construção do pensamento e ao acto de criar.

A educação deve ser suficientemente aberta e promotora da auto-confiança, para gerar indivíduos auto-críticos; incrementando um ensino que combine o esforço de pensar com o de aprender, procurando tornar o indivíduo sensível aos estímulos ambientais; incentivando-o ao desenvolvimento de suas ideias e levando-o à descoberta de outras.

Paulo Fernandes

ANEXO II e)

RELATÓRIO: Seminário com Pinto Coelho

A aula de seminário, do mestrado em Ensino de Artes Visuais, do dia 09 de Dezembro de 2009, teve como convidado o Professor Pinto Coelho, também pintor e arquitecto. A sua "comunicação" (o termo que utilizo talvez seja demasiado solene para a colaboração e partilha que se pretendem para estas aulas) percorreu diversos caminhos e temas. No entanto neste relatório irei-me centrar em apenas dois que entram directamente no domínio deste mestrado que são: 1) A relação do professor com o aluno e 2) o paradigma da arte.

O primeiro tema, como salientou, surgiu do próprio convite para estar presente nesta aula, na presença de actuais e futuros professores. A propósito de um livro de Nuno Crato, que tinha visto recentemente (não se lembrava do nome), iniciou o debate afirmando que o professor deve conduzir o aluno, pois quer que ele chegue a determinado lugar. Cabe-lhe o papel de (de certa forma) convencer o aluno que consegue chegar lá, tendo o cuidado de não lhe criar falsas expectativas. O professor tem assim que criar as estratégias necessárias que produzam um encantamento no aluno, provocando-o e estimulando-o a avançar. Lembrou também que é necessário conceder ao aluno a autonomia indispensável para o desenvolvimento das suas capacidades. Desta forma deve-se fixar e clarificar os objectivos (de acordo com as reais capacidades do aluno), e deixar o aluno resolver sozinho o problema, sem estar constantemente dependente do professor.

Sobre o segundo tema, o professor Pinto Coelho aceitou o mote dos alunos para falarmos de arte, dando-nos o seu olhar muito crítico ao que entendemos hoje como arte. A questão do paradigma da arte foi abordada sob um ponto de vista de várias culturas e épocas, lembrando que aquilo a que hoje chamamos de arte, antigamente não o era.

Na minha perspectiva, a arte desempenha um papel importante na criação, interacção e mudança das sociedades, relembrando que a arte e a sociedade sempre estiveram associadas ao longo da história (em qualquer cultura). Através da arte conhecemos a realidade e o meio cultural. É este factor que nos possibilita acção nesta mesma sociedade, provocando as mudanças necessárias à sua continuidade. E aqui a educação deverá intervir, utilizando a arte como recurso, para a criação de indivíduos, conscientes, activos e criativos. Julgo ser este um dos pontos centrais das discussões que temos mantido nas aulas de seminário: o papel importante que a arte deve ter na educação.

Paulo Fernandes

ANEXO II f)

RELATÓRIO: Aula de seminário de 16 de Dezembro de 2009

VISITAS DE ESTUDO

Neste relatório, apresento o tema das visitas de estudo que apresentei no passado dia 16 de Dezembro, na aula de seminário do Mestrado em Ensino de Artes Visuais. Consciente que parto para este tema condicionado com uma ideia concreta sobre as vantagens das visitas de estudo no contexto do ensino, construída com base em alguma bibliografia que (re)visitei para a preparação do tema, mas também através da experiência profissional que tenho adquirido em 8 anos de docência no ensino básico, aliada à minha formação académica de base, e tendo o estágio pedagógico na escola secundária de Valadares contribuído para uma "experiência de campo", propus nesta aula uma reflexão sobre o mesmo, aproveitando assim para recolher outras perspectivas, que me auxiliassem na construção do relatório final de estágio.

Como professor sempre valorizei as visitas de estudo, considerando-as estratégias pedagógicas privilegiadas para o processo de ensino aprendizagem. Este processo não pode ser limitado às paredes da sala de aula, nem aos muros da escola, porque é na realidade exterior que reside o suporte das aprendizagens significativas.

A própria saída da sala de aula, e a deslocalização do espaço de aprendizagem, é um factor motivador para o aluno, estimulando-o para a visita. Mas pode ser um factor motivador para o próprio professor pelas mesmas razões. Uma correcta preparação da visita com contactos prévios com o museu e com a exposição, e com uma investigação do propósito da visita, leva a uma implicação do professor na mesma, criando expectativas. São essas expectativas que vão abanar a rotina dele próprio, motivando-o para essa estratégia, contagiando também os alunos.

A visita de estudo também estabelece uma relação diferente daquela que se vive diariamente na sala de aula, entre professores e alunos. Ou seja, propicia outro contexto de trabalho, permitindo descobertas mútuas de interpessoalidade.

Outro aspecto importante a nível relacional, potenciado pelas visitas de estudo, é a relação que a escola estabelece com o meio, particularmente dos alunos com as instituições. Desta forma fomenta-se também a conexão dos conhecimentos teóricos (teoria) que a escola pretende conferir, à realidade (prática).

As visitas de estudo são também um recurso com um acentuado carácter transdisciplinar, pois atravessam os programas curriculares de diversas disciplinas, podendo ser organizadas e planificadas em colaboração pelos diferentes professores das diferentes disciplinas implicadas. Ou seja, a mesma realidade é susceptível de ser abordada em diferentes perspectivas, tornando-se mais fácil para os alunos compreender, no concreto, que os conhecimentos não são compartimentados. Neste

particular, também a relações entre professores (pares) pode ser favorecida, tanto na visita que se prepara, como em futuras parcerias.

Como exemplo de dinamização de uma actividade pedagógica, que inclua uma visita de estudo, utilizei um vídeo que encontrei no *site youtube*, que projectei na aula, de uma reportagem intitulada "Museu na escola". O vídeo está disponível no endereço: (http://www.youtube.com/watch?v=nCd3mp79fq8). No exemplo podemos ver um "kit" de imagens de obras de arte que eram dadas aos alunos na sala de aula, para estes as analisarem. Depois os alunos contactavam as obras originais no próprio museu. Saliento que a preparação da visita assume-se como uma etapa importante de construção de uma correspondência entre o aluno e a obra. É muitas vezes o reconhecimento da obra que cria uma relação de afectividade entre os dois. E essa afectividade pode ser o primeiro passo na construção de uma sensibilidade nos alunos.

A visita ao museu é por isso o ponto fulcral no estudo das artes, e na educação do sensível, em que o contacto com a obra de arte é insubstituível. Como atentamente me alertou a Sofia Barreira, que os alunos, no exemplo que apresentei estariam a ver imagens de fotografias, ou seja uma fotografia de uma fotografia. O contacto com a linguagem em que a obra de arte está inserida torna-se crucial neste aspecto. Porque a experiência com as obras é única, é sensorial, não se pode substituir por uma reprodução

Em seguida ousei propor aos meus colegas um momento de retorno ao secundário, como alunos (este aspecto do ponto de vista em que nos colocamos é importante e voltarei a ele mais à frente neste texto). Pedi-lhes que respondessem a três perguntas. A primeira era a de se lembrarem de uma visita de estudo que tivessem feito como alunos do ensino secundário, referindo o local e a exposição. A segunda era a de descreverem uma experiência dessa visita, e por último dizer o que era um museu de arte. A minha intenção era a de colocar os meus colegas no universo do meu tema para seguidamente podermos debater algumas ideias sobre ele, concordando, contrapondo ou complementando as minhas enunciações iniciais.

Como já referi no início deste relatório, parti para este tema com a convicção de que as visitas de estudo são uma vantagem pedagógica para o processo de ensino-aprendizagem. Porém o que proponho para debate é a reflexão das visitas de estudo na especificidade do ensino das artes visuais. Como deverão ser organizadas as visitas ao museu/espaço de arte? De que forma as podemos rentabilizar neste campo específico? Serão a visitas de estudo insubstituíveis no ensino das artes visuais, uma vez que possibilita o contacto directo entre o estudante e a obra de arte, como foquei num dos parágrafos anteriores?

Antes do debate, projectei ainda um vídeo de apresentação da visita de estudo que efectuei com os alunos de estágio ao Museu Nacional Soares dos Reis, à exposição

“Diário de um estudante de Belas artes – Henrique Pousão (1859-1884)”, constituindo-se como mais um elemento para o debate.

Uma das questões que me levantaram (penso que a Sofia Barreira), foi qual o ponto de vista que eu queria abordar, uma vez que as visitas de estudo são importantes para os vários actores que se podem envolver, podendo assumir em cada um relevâncias diferentes. Neste sentido, teremos então que referir sempre o ponto de vista em que nos queremos colocar: do aluno, do professor, do monitor do museu, ou do simples visitante.

E do ponto de vista do aluno, a aprendizagem que poderá fazer da visita prende-se com os objectivos traçados pelo professor. Um professor que organize uma visita de estudo, sem dirigir os alunos para um conteúdo especifico, deixando-os fruir livremente da exposição comete um grave erro. Pois um aluno só conseguirá desfrutar das obras, se lhe forem colocadas problematizações e proposto etapas de pesquisa, que possibilitem uma acção significante na descoberta dos conteúdos propostos pelo professor. Desta forma, e seguindo a teorias da aprendizagem pela descoberta, o aluno deverá ter um papel activo na construção da sua aprendizagem, sempre sob a orientação do professor. Configura-se assim importante a fixação de objectivos para a visita, tendo a atenção de não ambicionar demasiados objectivos, bem como adequa-los à faixa etária em que os alunos se situam. Assim, o encontro com o museu/espaço de arte e com as suas obras deve permitir a abertura de um percurso de pesquisa, de descoberta, de significações, de contextos, de questionamentos e de interpretações.

Foi também referido que o professor de artes visuais, seja ele da disciplina de Desenho, Geometria, Oficina de artes ou História das Artes, completando o que já disse sobre a relação escola – meio, pode possibilitar aprendizagens mais marcantes, porque as artes visuais trazem para a aula as questões do dia-a-dia. Como foi referido na aula, a visita de estudo numa aula de Desenho pode ser feita ao portão ou ao muro da escola, por ser nesse local exacto que se encontra o elemento que queremos visitar e que nos interessa estudar: a textura da parede; a variação da tonalidade de cor de acordo com a luminosidade, etc.

Mas gostaria porém de direccionar a minha reflexão à visita de estudo ao museu/espaço de arte por considerá-la uma estratégia de aproximação da instituição (Museu) às pessoas (alunos). Falo de uma sensibilização e de uma educação. Julgo que a visita de estudo aos museus/espaços de arte, acrescem de mais este benefício de possibilitar um novo olhar, sem uma conotação de lugar lúgubre, que socialmente se atribui. Digo isto porque enquanto criança e adolescente senti isso. Como eu, grande parte das pessoas com quem convivo partilham da minha opinião. Basta ver nos registos dos museus o número de pessoas que os frequentam (exceptuando neste momento o caso de Serralves, aqui no Porto, embora eu considere que exista não um habito mas uma moda, neste caso particular). Criar hábitos de frequência ao museu/espaço de arte, e sobretudo

educar o contacto das pessoas com as obras de arte, faz parte daquilo que a professora Paula Soares apelidou na aula (embora tenha já referido noutras circunstâncias) de educação do sensível. O prazer de contactar com a obra de arte requer um processo de formação e a visita de estudo inicia esse processo. Desta forma e considerando as disciplinas de artes visuais centrais na educação do sensível, e colocando as visitas de estudo como estratégias insubstituíveis na aproximação entre as crianças e o museu/espaço de arte, afirmo a necessidade de se realizarem visitas de estudo a museus/espaços de arte, pelos professores de artes visuais.

Na minha opinião, as questões referidas neste texto (mas não só, havia outras que não foram mencionadas, e outras que ainda vou descobrir no desenrolar da minha investigação) são essenciais para que as visitas de estudo se tornem estratégias efectivamente indispensáveis, e não sejam confundidas com um simples passeio.

Paulo Fernandes

ANEXO II g)

Relatório da Conferência: *O Ensino das Artes Visuais em Hong Kong*

A conferência ocorreu no Museu Nacional Soares dos Reis, no dia 19 de Dezembro de 2009, e teve como oradora a *Doutora Bick Har Lam* do *Department of Curriculum and Instruction at the Hong Kong Institute of Education*, que apresentou um estudo sobre a utilização das artes na educação.

O estudo foi feito em escolas de Hong Kong em alunos de diferentes faixas etárias e consistia em fazerem um desenho, (não percebi se era especificado um tema), fazendo depois, por escrito, uma reflexão sobre o desenho que tinham realizado. O objectivo era o de uma educação artística com reflexão critica, não apenas o fazer pelo fazer, ou o simples aprimorar da técnica. Esta reflexão critica será fulcral no aluno para avançar para um nível mais alto.

Talvez por não dominar a língua Inglesa, aliado à projecção do documento na tela do auditório não estar com uma boa definição, impossibilitando-me de conseguir ler o que era projectado, senti alguma dificuldade em perceber correctamente o conteúdo da apresentação bem como a sua intencionalidade. Senti um desfasamento entre o que foi dito e o título da conferência.

A meio da conferência interroguei-me da importância destes formatos, uma vez que não há uma reflexão sobre o estudo apresentado, nem *à priori*, nem *à posteriori*, pela plateia. Apenas assistimos a alguém, supostamente uma autoridade no tema, pois estudou-o intensamente nos últimos tempos, a apresentar os seus resultados. Obviamente quando chega a parte das perguntas, por parte do público, eu fico sem saber o que dizer.

Confesso que estabeleci uma maior ligação com a primeira parte desta conferência que visava a avaliação do projecto “Desenhar Pousão”, exactamente pelas mesmas razões que me dificultaram a compreensão da comunicação da doutora *Bick Har Lam* (neste caso estava dentro e implicado no tema). Entre os vários tópicos da avaliação que foi feita pela Doutora Tereça Eça e a Doutora Paula Azeredo, existiram alguns que gostaria de referir e reflectir, na medida em que poderão ter interesse para o tema do meu relatório de estágio: as visitas de estudo.

Nessa avaliação do projecto foram ditas algumas coisas que me projectaram imediatamente para a aula de seminário que eu apresentei na última quarta-feira. Nomeadamente quando a Doutora Paula Azeredo, ao propor a intervenção dos alunos na montagem da exposição dos seus trabalhos sobre Pousão, pediu aos professores para questionarem os mesmos sobre o que era um museu?, ou que era uma exposição?.

Outra questão levantada e debatida foi a orientação que a visita deve ter. Na opinião da Doutora Paula Azeredo, os professores são capazes, por serem eles os conhecedores das características das suas turmas, bem como as necessidades especificas do trabalho

que cada um desenvolve, de orientarem as visitas de estudo aos seus alunos, dispensando a mediação do serviço educativo. Ou seja, há um medo dos professores (e eu também senti isso) de assumirem a orientação da visita. Desta forma, o professor pode centrar-se nos conteúdos que pretende abordar durante a visita (como lembrou a professora Paula Soares na última aula de seminário).

Por último gostava de salientar, ainda no seguimento da discussão da última aula de seminário, uma observação feita por uma professora presente na plateia, que citou uma aluna sua, que disse: “agora já não tenho medo de ir ao museu”. Esse medo vem da visão do museu como um local sagrado e acessível apenas a alguns. Nessa medida a visita de estudo (no intercâmbio entre a escola e o museu) pode intervir na aproximação e desmistificação do espaço do museu.

Paulo Fernandes

ANEXO II h)

RELATÓRIO: Seminário com Magda Henriques

A aula de seminário, do mestrado em Ensino de Artes Visuais, de 06 de Janeiro de 2010, teve como convidada a Professora Magda Henriques, que partilhou a sua experiência e paixão como professora de História das Artes, na Academia Contemporânea do Espectáculo e colaboradora do Serviço Educativo do Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves.

Na sua apresentação, entre os vários entendimentos que fez sobre a profissão de professor, focou três aspectos que eu gostaria de salientar, com os quais eu me identifiquei imediatamente. O primeiro refere-se aos exemplos de professores que adoptamos como referências para o nosso desempenho. Os outros dois aspectos estão relacionados com as características do bom professor e são: o rigor e os afectos.

Relativamente ao primeiro aspecto de que existem professores que, devido à sua postura, dinamismo e relação pedagógica, se tornam referências para nós. O exemplo dado por Magda Henriques de que existe um professor na sua escola que é um exemplo para ela pode ser o meu próprio exemplo, pois também eu partilho de uma experiência semelhante. De facto há pessoas que pela sua competência, mas também por uma capacidade aparentemente inata, provocam em nós um fascínio e constituem-se como modelos a seguir.

Esse reconhecimento é um processo de crescimento, de chegar mais além, de querer ser como o outro que consideramos como exemplo, o inconformismo de querer ser melhor. É a vontade, como exemplificou a Magda Henriques com um sorriso indisfarçável, de estar com os alunos anos mais tarde e eles ainda se lembrarem das suas aulas e das aprendizagens verdadeiramente significativas que tiveram connosco.

Neste sentido de construção e de ambição de ser um bom professor, chegamos aos outros dois aspectos que reti na apresentação da Magda Henriques, que são o rigor e os afectos. Primeiro considerou que não existem receitas para se ser um bom professor, todavia a combinação entre o rigor e os afectos são fundamentais e presentes na sua prática como professora.

O rigor que Magda Henriques mencionou, não se relaciona com a parte científica da disciplina na qual é docente. Indubitavelmente esse conhecimento profundo e rigoroso daquilo que pretende ensinar tem que existir (e eu acrescento que o professor tem que saber dez vezes mais daquilo que vai transmitir aos alunos). Este rigor refere-se à postura do professor no seu contacto com os alunos e na sua relação pedagógica. O rigor das acções e dos valores tais como a responsabilidade, a honestidade, a lealdade e a dedicação. Neste caso o professor é que se deve constituir como um exemplo para o aluno.

No caso dos afectos, a relação pedagógica ganha processos comunicacionais facilitadores, criando um sistema interactivo que, para além dos conteúdos programáticos e das imposições normativas, equaciona as necessidades e o sentir dos alunos. O afecto, concretizado por exemplo pelo toque ou o sorriso, é um processo de comunicação autêntico, que permite criar espaços de conhecimento e de experiências, ao mesmo tempo que partilha valores e expressa emoções, tão necessários à estruturação da identidade e ao reforço da auto-estima dos alunos.

Infelizmente durante muito tempo o ideal da relação pedagógica assentava no distanciamento entre professor e aluno, abafando qualquer expressão de afectividade. E esse modelo ainda perdura em alguns professores. Lembro-me por exemplo dos meus colegas professores, que lidam com crianças de 10 anos de idade tratando-os por "você", provocando à partida o tal distanciamento enorme e uma impessoalidade na relação pedagógica. Por isso estou plenamente de acordo com as palavras da Magda Henriques. Esta combinação entre o rigor e os afectos são necessários na criação vínculos importantes nesta dimensão pedagógica e eu sinto isso, na minha relação com os alunos.

Paulo Fernandes

ANEXO II i)

RELATÓRIO: Aula de Seminário de 13 de Janeiro de 2010

Recuperando o tema que a Olívia apresentou na aula de 13 de Janeiro, um dos aspectos mais preocupantes a que assisto nas aulas de estágio é o aparente desinteresse que (na minha óptica) muitos alunos revelam em relação, não só à disciplina de Desenho, que assisto enquanto estagiário, mas à própria escola. Inquieta-me a falta de objectivos e de um rumo para o seu futuro. Esse desinteresse manifesta-se de diversas formas: Alguns são passivos, não se empenham, não se interessam… deixam andar e parece que nada os cativa. Quando pergunto quais são os seus interesses respondem-me que não têm. "*Quando estou em casa*, dizem-me, *vejo televisão"*. Sendo esse afinal um pequeno interesse, embora dito com um enorme desprendimento. São geralmente os alunos a quem os professores nas reuniões caracterizam como: *o aluno revela algumas capacidades, mas que não se empenha*; Outros são provocadores e destabilizadores, a que vulgarmente chamamos de alunos indisciplinados. Nestes casos as consequências do desinteresse poderão ser trágicas culminando em cenários de total insubordinação e violência para com professores e colegas; E mesmo aqueles alunos mais empenhados nas tarefas, deixam transparecer algum desânimo em relação ao futuro.

É possível que o cerne da questão esteja nessa visão de futuro incerto, levando (de acordo com a sua personalidade) a diferentes respostas (comportamentos) que se traduzem nas suas posturas. Naturalmente não podemos esperar que os alunos tenham o gosto de aprender pelo simples prazer de aprender. Que entrem nas salas de aula e esqueçam imediatamente qualquer assunto que lhes esteja a prender a atenção (e nós sabemos que há assuntos que entrando na nossa cabeça só saem depois de solucionados), sentando-se e preparando-se de cadernos e canetas, esperando que o professor comece a saciar a sua sede de conhecimento sobre uma qualquer disciplina que lhe impuseram naquele horário.

Faz parte do compromisso do professor fazer chegar a sua mensagem a todos os alunos e não apenas àqueles que se mostram à partida cativados. Por isso há que encontrar as estratégias que possibilitem a aproximação dos alunos menos interessados. Mas como chegar a todos os alunos perante este desinteresse e desmotivação generalizados? Como proporcionar aprendizagens a alunos cujos focos de atenção se situam a "milhas de distância" da sala de aula?

Todos concordamos que só nos concentramos em algo que nos desperte o interesse, por outro lado os actos de aprendizagem necessitam de concentração. A este propósito Agostinho da Silva referia, numa das suas "Conversas Vadias" que a Olívia apresentou na aula de seminário, que o aluno tem de sentir a necessidade de aprender. Assim sendo e perante o seu compromisso, o professor deve-se então constituir como um autor

de estratégias que criem no aluno essa necessidade de querer aprender, que originará o interesse e consequentemente a concentração na aprendizagem.

Quando falamos em motivar os alunos, referimo-nos a incuti-los uma vontade de atingir determinado objectivo. E como motivá-los para actividades escolares, que envolvem trabalho e esforço, numa sociedade que sistematicamente promove o comodismo na criação de produtos (desnecessários) apenas para minimizar os esforços do comum cidadão. Ou de outros produtos que em vez de alimentar o progresso, transformaram-se em ícones de uma sociedade preguiçosa. Por exemplo, o *google*, que poderia aumentar as possibilidades de pesquisa, transformou-se rapidamente num instrumento que alimenta a preguiça dos nossos alunos. E como concorrer contra os conteúdos dos meios multimédia actuais, como a televisão a Internet ou os jogos de computador, muito mais apelativos repletos de informação e interactividade?

É certo que podemos usar estes meios na sala de aula, mas creio que não é o meio que desperta a atenção dos alunos, é o conteúdo que ele traz consigo. E neste sentido os programas escolares trazem sempre os mesmos conteúdos. Podemos passar a informação através da televisão (vídeos e DVD's), de jogos didácticos e interactivos, ou até nos E-learnigs, que os conteúdos serão sempre os mesmos. E será sempre mais atractivo o jogo que simula um cenário de guerra, um jogo de futebol ou até uma "*second life*".

A função social da escola é preparar o aluno para a sociedade, cabendo aos professores a tarefa de ensinar e aos alunos a de aprender. E os alunos têm de ter a consciência que estudar exige dedicação e empenho. Preparar o aluno para a sociedade implica a sua responsabilização face às tarefas que lhe serão impostas. Claro que um aluno motivado e feliz na escola conseguirá mais facilmente alcançar os seus objectivos, mas estar motivado não impede que se seja exigente com ele.

Para os alunos desmotivados a escola deve também comprometer-se na construção de um percurso que lhes possibilite serrem competentes na sociedade. Encontrar as suas motivações e delinear estratégias que os ajudem a traçar um caminho que vá ao encontro das suas individualidades, sem nunca colocar de parte a qualidade e a exigência da aprendizagem. Nestes casos motivar significa dar-lhes outros horizontes, fazer com que o aluno tenha uma visão optimista no futuro.

Paulo Fernandes



ANEXO II j)

RELATÓRIO: Aula de Seminário de 20 de Janeiro de 2010

Escrever estes relatórios não tem sido uma tarefa fácil. Às vezes, como é o caso nesta semana, não tenho à partida muito para escrever. Os temas apresentados (A organização do espaço da sala de aula, apresentado pela Catarina; e a Percepção – O olhar imperfeito, apresentado pela Catarina e pela Carolina) são aparentemente distantes daquele a que me tenho dedicado e paradoxalmente tão próximos uns dos outros, como dizia o Nuno numa das suas entradas no diário de estágio, dado que todos se circunscrevem no espaço do ensino das artes visuais e nas problemáticas pedagógicas e didácticas dos professores nesta área. Na verdade, na angústia da "folha branca" (agora digital), tento relacionar os temas apresentados nas aulas de seminários com acontecimentos ou situações do estágio ou até das minhas preocupações na actividade docente, de forma a expor exemplos ou emitir opiniões porventura pouco aprofundadas baseadas na subjectividade das minhas experiências.

Essa necessidade de escrever semanalmente, obriga-me a procurar essas relações; explorar esses temas. O estar na aula, o ouvir a apresentação dos colegas, as opiniões e comentários de outros e também lançar duas ou três opiniões podem não ser suficientes na consciencialização do tema presente. Aparentemente o que pode ser uma aula interessante, no domínio em que tudo é interessante, mas pouco produtiva na especificidade da minha tese (e isso é tudo o que nos preocupa neste exacto momento), pode até sê-lo. "O olhar imperfeito" tem destas coisas. No preciso momento em que nos concentramos completamente na equipa de branco para contar-mos os passes que ela dá, eis que não vê-mos o *moonwalking* do indivíduo que passa no meio.

Foi nesse esforço que reparei em algo que me escapava e para o qual me lembrei agora. A situação é simples: os meus alunos de estágio começaram a desenhar agora a partir do real. As suas dificuldades e os seus erros são aqueles que todos vamos referindo nos nossos diários de estágio, e também aquelas questões que no ano passado tanto repetimos: Usam a borracha mais vezes do que o lápis; não conseguem resolver questões de perspectiva; desenham o que sabem e não o que vêem; não respeitam (eu acho que não percebem) as proporções; e curiosamente apesar de ser uma turma de artes dizem que não conseguem e não sabem desenhar aquele objecto…

Como poderá e deverá o professor intervir? Como poderá o professor ensinar a desenhar? Quais serão a bases do Desenho?

Na minha opinião, ensinar a desenhar passa pelo ensinar a ver, a observar, a encontrar relações no objecto que se quer representar, relações que até então os alunos não tenham encontrado. Existirão técnicas que nos ajudem a desenhar? Eu penso que sim, mas se estivermos concentrados num "ponto" e não nos alertarem para todos os

“pontos” possíveis, desenharemos sempre mal (acho que todos nós contamos correctamente os 13 passes da equipa branca, mas ninguém viu o *moonwalking*). Por isso considero que ensinar a desenhar é em primeiro lugar ensinar a ver, a relacionar e perceber para depois e (ai sim) com a ajuda da técnica, executar.

E pronto, aqui está o relatório desta semana concluído, apesar de à partida pensar não ter nada para dizer. E ainda consegui a dada altura estabelecer também uma relação com o tema: “Quais as bases do desenho” que a Sofia apresentou na semana passada e eu não havia incluído no relatório anterior. Quem sabe se na angústia da próxima “folha branca” consiga estabelecer um paralelo com o tema: “A organização do espaço na sala de aula” que a Catarina apresentou nesta aula e ao qual eu não me referi.

Paulo Fernandes

ANEXO II k)

RELATÓRIO: Aula de Seminário de 23 de Janeiro de 2010

No dia 23 de Janeiro (sábado) realizou-se uma aula de seminário extraordinária, nas instalações da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, onde tiveram lugar as apresentações dos temas: *"A utilização de software de Desenho Técnico, nas aulas de geometria descritiva"*, pela Lurdes; *"O Diário Gráfico na escola"*, pela Rita; e uma proposta de *"Educação Intercultural"*, pela Mónica. (os títulos atribuídos aos temas são da minha total e exclusiva responsabilidade. Nasceram da necessidade de sintetizar as apresentações das minhas colegas).

Relativamente ao tema apresentado pela Lurdes, considero que a utilização destas ferramentas, como estratégias ou complementos no processo de ensino aprendizagem, se podem configurar sempre uma "mais valia" para atingir os objectivos a que o professor se propõe. Salvaguardando que a sua utilização só por si não chega. É preciso enquadrar e reflectir a sua aplicação de forma a potenciar estas estratégias.

Aliás, quando penso na utilização das novas tecnologias no ensino, tão em voga neste momento (veja-se as iniciativas como a "escolas, professores e computadores portáteis", lançadas pelo governo da república), fico sempre com algumas dúvidas. Penso sempre nos professores que aderem, mas que continuam a dar as aulas da mesma maneira. Substituem o quadro pela tela branca, mas não potenciam as funções das novas tecnologias. Mudam apenas o mediador, mantendo a sua forma de ensino, lembrando aqueles produtos que renovam a embalagem mas continuam a ser os mesmos.

No meu entender a utilização das aplicações informáticas, que a Lurdes sugeriu, poderão ter sempre duas dimensões.

A primeira a que me vou referir, e que em determinado ponto de vista se relaciona com o tema que vou abordar no meu relatório, é a motivação que essa "estratégia" pode trazer para o aluno em contacto com a disciplina (neste caso de geometria descritiva). Ou seja, o facto de estarmos perante uma linguagem familiar ao aluno poderá fazer com que ele se sinta mais próximo, quebrando essas barreiras.

A segunda dimensão está mais próxima da intenção exposta pela Lurdes, na utilização destas ferramentas. Pelo que entendi, a sua "tese" inicial é a de verificar se a aplicação informática ajuda os alunos a compreender melhor as várias "vistas" de um objecto, para a sua representação. Sendo desta forma um auxílio na ampliação de um pensamento abstracto, ou melhor, em adquirir a capacidade de visualizar o mesmo objecto nas diferentes "vistas".

Ora neste particular encontro duas formas de abordar a situação. A primeira é a de utilizar imagens já criadas de um objecto e mostrá-las com o auxílio do programa. Neste caso, o programa só se torna útil na medida em que pode projectar objectos imaginados, ou objectos demasiado grandes para serem mostrados na realidade. Caso o objecto

exista, seja de fácil acesso e de dimensões admissíveis ao aluno o ter à sua frente, o programa deixa de ter utilidade. Porém, e pelo exemplo que a Lurdes nos trouxe para a aula, fiquei com dúvidas da sua eficácia, dado que possibilidade de se "manusear" (este manusear tem que estar dentro de aspas, pois não sei se poderei utilizar este termo quando apenas comandamos o objecto a partir de um interface ligado ao computador) o objecto permite-nos visualizar os diferentes pontos de vista, mas com as respectivas perspectivas. Aliás esse pormenor foi focado pela própria Lurdes, pondo-me a pensar se será eficaz tentar explicar a geometria a partir do real, sendo que os alçados e as "vistas" serão sempre uma linguagem própria e abstracta. Será sempre um sistema de representação e nunca uma representação do objecto real.

A outra abordagem é a de permitir a criação de objectos a partir do nada. E aqui penso que o problema subsiste, pois o aluno para criar a partir do nada precisa de ter o objecto em mente, e pensá-lo nas várias vistas possíveis. Se o aluno não tiver essa capacidade de visualização, então não será capaz de criar mesmo com o auxílio da aplicação informática. Ou seja, a ideia do programa ampliar a capacidade de abstracção do aluno, ou a capacidade de visualizar o objecto nos diferentes pontos de vista é ilusória, pois se o aluno não conseguir imaginar primeiro o objecto na sua mente, ficará simplesmente a olhar para o computador, sem saber o que construir.

No entanto se o aluno tiver essa capacidade mental de visualizar o objecto no espaço e em todas as suas dimensões, conseguirá, com o auxílio da aplicação informática, criar/construir e projectar mais rapidamente e com menos esforço esse mesmo objecto (salvaguardando que o aluno domina a aplicação informática). Neste caso, a aplicação informática funciona como um atalho na realização da tarefa, mas não na criação mental que ocorre no aluno. Como referi no decorrer da aula, no meu caso particular, desconfio sempre destes programas que dão para fazer tudo, porque quando os vejo fico com a sensação que eu não consigo fazer nada com eles. É só menus e barras de ferramentas, opções, janelas, que me confundem. Além disso penso estar sempre condicionado às opções que o programa permite. Aliás cada vez que se fazem actualizações e novas versões dos programas, usam sempre a mesma frase publicitária de que "esta nova versão vem com muitas mais opções e possibilidades", confirmando que as opções encontram sempre limitações de operacionalização e sobretudo de criação.

O segundo tema, apresentado pela Rita, trouxe-nos o "Diário Gráfico na escola".

Sobre este tema e a apresentação que a Rita efectuou, fiquei apenas com uma ressalva que coloquei no decorrer da discussão. Refiro-me à própria utilização do Diário Gráfico na escola. Tenho dúvidas dessa utilização **na** (reforçado e sublinhado) escola. Gostaria mais de um título como: "A criação de um Diário Gráfico, pelos alunos de artes visuais – Vantagens pedagógicas". Não tenho dúvidas das vantagens de um diário gráfico para um aluno de artes visuais.

Como referiu a Rita, o Diário Gráfico pode assumir diversas formas e conteúdos. Acho que um professor de artes visuais deve incentivar os alunos a terem o seu diário gráfico, motivando-os com os exemplos de outros artistas que os possuíam, ou dando-lhes exemplos de outros diários. Ou seja, cativar os alunos através de imagens e mostrando-lhes as vantagens de possuir esse diário.

As dúvidas que relatei dizem mais respeito aos professores que obrigam a criação desse diário, verificam esse diário, marcam trabalhos de casa nesse diário e avaliam esse diário. O diário tem que ser um prazer e não uma imposição. Se isso acontecer deixa de ser um diário gráfico e passa a ser um caderno de trabalhos de casa.

Sem dúvida que o aluno de artes visuais deve desenhar bastante e naturalmente o professor de Desenho pode pedir como trabalho de casa a realização um determinado número de desenhos. O que não pode é pedir que esses desenhos sejam para incluir no diário gráfico.

Nessa medida a utilização de um diário gráfico pelos alunos deve ser encorajada pelos professores, que podem inclusive ser um exemplo ao utilizar e registar constantemente no seu próprio diário. Mas deve também ser claro que o diário é um objecto pessoal e que nunca será utilizado como resultado das aprendizagens, ou produto de avaliação, pois aí corre-se o risco de se tornar num objecto artificial, construído pelo aluno para o professor ver (objecto que será alvo de controlo).

Por fim a terceira e última apresentação da manhã, realizada pela Mónica, referiu-se a uma propostas de "Educação Intercultural", através da partilha de uma experiência pessoal.

Após a projecção de um vídeo (documentário) seguiu-se um espaço de discussão, onde se debateu a eficácia da proposta sugerida pela Mónica – realização de um postal, que se constitui como uma forma de comunicação entre povos (culturas).

Todavia a questão que me prende mais a atenção perante esta apresentação é a dimensão que o professor (âmbito deste mestrado) deve ter perante estas questões de interculturalidade. Nesse sentido encontro dois pontos que gostaria de mencionar, embora sem grandes argumentações dado as evidências dos mesmos, no contexto do que deve ser um bom professor. O primeiro direcciona-se ao professor que respeita e contempla (nas estratégias que utiliza) as origens e as especificidades culturais dos alunos que tem nas turmas. O segundo ponto diz respeito ao professor que valoriza, na exposição das suas aulas, os diferentes pontos de vista culturais em que o mesmo assunto pode ser tratado, não assumindo o seu ponto de vista como o detentor da verdade. Refiro-me aqui claramente a um ponto de vista ocidental bastante difundido e assumido muitas vezes como o verdadeiro ou o melhor.

Paulo Fernandes

ANEXO II l)

RELATÓRIO: Aula de Seminário de 27 de Janeiro de 2010

No dia 27 de Janeiro realizou-se a última aula de seminário, do 2º ano do mestrado em Ensino de Artes Visuais. Assim, gostaria que este relatório assumisse um certo carácter de síntese, onde tentarei "desenhar" o conteúdo das apresentações feitas pelos meus colegas, por mim e pelos convidados nas diferentes sessões, tendo em conta que todos os temas se circunscreveram neste universo do ensino das artes visuais e a partir dos quais tive a possibilidade de construir relatórios onde expus as minhas opiniões e considerações. Arriscarei fazer tudo isto a partir das três últimas apresentações dadas pela Ana Margarida, pela proposta de aula que a Mafalda e Pedro nos trouxeram e finalmente pelo tema da Raquel Magalhães.

Uma primeira constatação que faço é a diversidade de temas apresentados ao longo destas sessões que reflectem as diferentes inquietações e problemáticas de cada um de nós. No entanto existe um tronco comum que se relaciona com o objecto central deste mestrado e que se resume no compromisso de sermos "autoridades" no ensino das artes visuais (voltarei ao tema da autoridade quando referir a aula apresentada pela Ana Margarida). De facto, apesar de terem sido apresentados temas/ensaios de aula, aparentemente tão distantes uns dos outros, num olhar mais atento (aquele olhar que pedimos aos alunos de Educação Visual e Desenho) encontramos semelhanças. Os nossos temas são fruto de uma preocupação constantemente actual no ensino das artes visuais. Como ensinar os alunos a desenhar? Existirão bases para o ensino do desenho? Mas como ensiná-los se eles estão desinteressados? Existirão estratégias melhores? Como inseri-las? Como impor regras sem sermos opressores? Quais os limites do aluno? Quais os limites do professor?

Levantar estas e outras questões é o que se pede a um professor que se quer activo e reflectivo, na procura, não de soluções, mas entendimentos no problema. Os temas apresentados por nós, bem como os temas que os convidados das diferentes sessões trouxeram, inserem-se totalmente nestas preocupações, embora construídas de acordo com entendimentos e experiências diferentes. Uns focaram a sua atenção no "ser professor" e na aprendizagem, nas relações que estabelecem com os alunos, ou com a organização do espaço da aprendizagem; outros privilegiaram os aspectos epistemológicos do desenho como disciplina ou o lugar do olhar nas artes visuais; uns referiram-se a estratégias didácticas para chegar aos alunos e principalmente para a transmissão dos conteúdos programáticos, seja com o recurso às novas tecnologias da informação, seja com o tradicional diário gráfico; outros ainda revelaram os seus interesses interculturais, para uma consciencialização e adopção desses ideais num ensino que só aparentemente é globalizado.

Pegando desde já na primeira apresentação desta última aula, a Ana Margarida trouxe-nos o tema da liderança na sala de aula. A liderança que o professor deve ter perante os alunos. Quanto a mim parece-me existir um equívoco generalizado nas nossas escolas, quando se corresponde o ser líder ao ser autoritário e em certa medida ao ser opressor. Muitos dizem até que o professor para liderar a sala de aula não precisa de ser autoritário, algo com o qual eu discordo na medida em que a utilização do verbo precisar pode indicar que não existe problema no professor ser autoritário. Assim substituo o verbo precisar pelo verbo ser, refazendo a frase dizendo que: "Um bom líder não é autoritário". O autoritarismo é algo perigoso que leva na maior parte das vezes à revolta, porque é a vontade de alguém sobre a outra, sem justificação, o que leva à injustiça. E com alunos revoltados e com sentimento de injustiça torna-se impossível encontrar um ambiente propicio de aprendizagem.
Isto acontece porque o sentido de autoritário é muitas vezes confundido com o de autoridade. Associamos autoridade à polícia e por conseguinte ao autoritarismo (fruto de uma significação construída na base de sucessivos maus exemplos). Autoridade e autoritário têm sentidos diferentes. Um professor enquanto líder não deve ser nunca autoritário, mas sim uma autoridade. Autoridade no sentido que atribuímos quando dizemos que determinado autor é uma autoridade naquele tema. Alguém que temos como referência. Recorro aqui à aula de 06 de Janeiro, com Magda Henriques onde entramos no universo do ser professor, em especial no professor como referência e nos professores que nos foram referência. Esses professores foram e continuam ser líderes, no sentido que eu anteriormente atribuí. O ser uma autoridade implica: o sentido de justiça, que nos possibilita ser verdadeiramente livres numa sociedade; um sentido de honestidade e seriedade que nos transmite segurança e firmeza, não pela lei da "força" mas pela lei da razão e da convicção de saber o que se está a fazer.

Arrisco dizer que é nessa procura de sermos autoridades e lideres que o Pedro e a Mafalda apresentaram a sua estratégia (ensaio de aula) para motivar e auxiliar os seus alunos, para o desenho da figura humana, numa aula de Desenho A no respectivo estágio. Nessa aula proponham a utilização de um instrumento criado pelo professor (chamaram-lhe "Narciso"). Esse instrumento funciona como estratégia para cativar o tal interesse que muitas vezes nos queixamos faltar nos alunos. O tal despertar atenção do aluno que o professor Pinto Coelho referiu na sua apresentação a 09 de Dezembro. Nela o professor Pinto Coelho conduziu-nos numa viagem pelo professor como criador de estratégias que despertam o interesse do aluno para determinado conhecimento. Também Agostinho da Silva, relembrado pela Olívia a 13 de Janeiro, referia a mesma necessidade do professor se constituir como um autor de estratégias que criem no aluno

essa necessidade de querer aprender, que originará o interesse e consequentemente a concentração para os actos de aprendizagem.
O facto de muitas vezes também sermos artistas em contexto de ensino, possibilita-nos a criação destes instrumentos que apelam essencialmente à criatividade do professor. Ou seja a arte contemporânea não surge aqui como um conteúdo a dar ao aluno, mas antes um universo em que a nossa condição de professor-artista possibilita um espaço de manobra para construir ferramentas que nos auxiliem na sala de aula. Um professor nesta condição tem ao seu dispor a capacidade e reconhecida facilidade de ser criativo nas estratégias que cria e usa para cumprir o seu compromisso de chegar e ensinar todos os alunos, e não somente aqueles que à partida já se encontram motivados. Estas invenções que das quais o Pedro e a Mafalda nos trouxeram um exemplo, podem facilitar o acto de aprendizagem dos alunos e ao mesmo tempo estimular a própria imaginação deles. A respeito da criatividade, num sentido associado ao invento e ao engenho, Agostinho Ribeiro falou-nos, na aula de seminário a 25 de Novembro.
Esta proposta de aula apresentada pelo Pedro e Mafalda é um exemplo que reflecte muitas outras propostas que apresentamos nas aulas de seminário e também outras propostas que nos foram apresentadas pelas aulas destinadas a convidados. Por exemplo, a aula de seminário de 28 de Outubro que aconteceu no Museu de Serralves, em que contactamos directamente com o Serviço Educativo, na pessoa da Doutora Sofia Vitorino, foi-nos dado a conhecer os programas disponíveis para trabalhar com as escolas. Também nesta área assisti a duas conferências inseridas no Projecto Desenhar Pousão, ambas apresentadas pela Doutora Tereça Eça e pela Doutora Paula Azeredo (10 de Outubro e 19 de Dezembro). Este projecto foi posteriormente adoptado por mim para as aulas de estágio, que me deu a possibilidade de interagir com o Museu Nacional Soares dos Reis (como instituição cultural ligada às artes plásticas), fazendo uma visita de estudo com os alunos à exposição “Henrique Pousão – diário de um estudante de Belas Artes”. E posteriormente o desenvolvimento de uma Unidade de Trabalho cujo os trabalhos dos alunos serão expostos no espaço do Museu. De salientar a importância prática desta iniciativa no desenvolvimento da minha prática pedagógica no estágio que realizo na Escola Secundária de Valadares. Mais tarde na aula de seminário, no tempo que me foi destinado, tive a oportunidade de expor e explorar, com o auxílio dos meus colegas e da professora, o tema das visitas de estudo, que muito me ajudou a direccionar e configurar o meu estudo relativo ao relatório de estágio.

E eis chegados ao último tema do dia (e já agora, destes relatórios das aulas de seminário) – “A comunicação” – apresentada pela Raquel Magalhães. Quando no início deste mestrado nas aulas de “Iniciação à Prática Docente” nos perguntaram as características do bom professor, quase todos referimos o “ser bom comunicador”. De

facto o professor vive da comunicação; de emitir informações e faze-las chegar aos respectivos receptores: os alunos. E uma boa comunicação facilita o processo de aprendizagem.

Mas a comunicação é facilmente transportável para todos os domínios possíveis e imagináveis. Toda a gente tem algo a comunicar. E toda a comunicação é passível de ser transmitida de diversas maneiras, que não vale a pena agora mencionar. Como exemplo, facilmente estabeleço aqui um elo de ligação entre a comunicação que o professor deve ter com as comunicações que todos fizemos nestas aulas de seminário; também com a comunicação que se estabeleceu nas discussões que se seguiram a essas mesmas apresentações; com as comunicações que fizemos à professora através destes relatórios; sem esquecer os problemas de comunicação, ou a falta de comunicação que aconteceram ao mesmo tempo nestes mesmos locais que acabei de referir, tal e qual aconteceu no início da proposta da Raquel, quando todos estavam confusos sobre o que era efectivamente para fazer.

Transportando este tema um pouco para o nosso objecto central destas aulas de seminário, encontramos também a difícil comunicação da arte contemporânea. Refiro-me ao paradigma da arte contemporânea que é o terreno movediço (ou liquido, como nos referiu muitas vezes o professor Fernando José Pereira) que constantemente pisamos como futuros e actuais professores de artes visuais, e que muitas vezes nos escapa. Porque a arte contemporânea encontra-se neste momento situada dentro de fronteiras indefinidas que podem até neste momento ser alargada ao novo espaço virtual, como nos aliciou o professor Silvestre Pestana, na sua apresentação da *SL Fundação V/5 Portuguese Cultural Center*, no *Second Life*, a 04 de Novembro.

Resumidamente foram estas as comunicações pelas quais vagueamos neste semestre, nas aulas de seminário. Muitos temas foram tocados, naturalmente nenhum foi aprofundado; alguns centrados nas problemáticas do ensino, em especial no ensino das artes visuais, outros mais divergentes mas que convergiam sempre em nalgum denominador comum. Na maioria das vezes, era neste espaço solitário da escrita do relatório que estabelecia relações úteis, que me escapavam no decorrer da aula e das respectivas discussões. Outras vezes comunicava o obvio, acreditando que o obvio muitas vezes só o é quando é dito. Essencialmente, reflectia nesta condição que considero necessária de professor reflexivo, autor e criativo, curioso e investigador, democrático e bom comunicador.

Paulo Fernandes

ANEXOS III

INQUÉRITOS REALIZADOS AOS ALUNOS SOBRE A VISITA DE ESTUDO AO MUSEU NACIONAL SOARES DOS REIS

Paulo Miguel de Oliveira Fernandes

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) Acho que foi importante a visita pois ajudou a realizar os trabalhos seguintes.
É interessante ver este tipo de exposições pois em artes convem ~~saber~~ termos uma cultura geral minimamente asseitável.
Só acho que este tipo de visita devia ter alguem que nos guiasse e que nos desse mais informação, pois nesse assunto o stor Paulo remediou as coisa e foi ele proprio a dar as informações.

b) A visita ajudou a ~~ter~~ a tirar ideias para os trabalhos que nos foram propostos, através do que vimos as ideias para novos projectos foram aparecendo gradualmente.
Foi muito uma visita de estudo pode parecer mero divertimento, um dia fora da escola, para outros ajuda na realização dos trabalhos e no comprimento do ~~de~~ trabalho proposto.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) Eu acho que é enriquecedor para alguem que anda em Artes podermos ver de perto obras reais e as suas aplicações. E também é bom mas ter sempre aulas na escola, porque uma visita de estudo é como uma aula.
b) Nenhuma.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) De facto a visita de estudo ao MNSR foi importante, e é importante para qualquer aluno que inicia ou já tenha iniciado o curso de Artes Visuais.
Foi uma visita interessante pois pudemos "interagir" com pinturas de variados estilos (cores, texturas, ...)

b) Para mim a visita teve, de certo modo influência no meu trabalho. O sentido têxtil e a cor deve ter sido o que mais me influenciou apesar, de Pousão (~~texto~~) te nos quadros cores quentes e frias.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) A importância que atribuio à visita de Estudo que efectuamos foi que eu pude observar trabalhos de um grande jovem artista, fez-me abrir novos horizontes, observar a maneira de trabalhar de Henrique, observar a sua técnica e outros pontos importantes.

b) A influência que esta visita de estudo me teve foi ficar a conhecer melhor Henrique Pousão, que confesso, que não o conhecia.
Outra influência foi que com o observamento dos seus trabalhos foi que eu consegui ou tentei entrar no mundo Pousão.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

Ao não ter ido a visita de estudo, acho que perdi uma oportunidade de ver alguns dos trabalhos de um grande pintor. Gostaria de ter ido mas não foi possivel. Gostaria de ter ido com os meus colegas era uma aula diferente e divertida talves. Penso que com a visita poderia ter ficado a conhecer um pouco mais da arte o que talves me tive-se inspirado um pouco mais para seguir o curso de Artes Visuais

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) A importância da Visita de Estudo ao Museu Soares dos Reis, foi importante para tirarmos ideias e noções para o nosso trabalho. Contribuiu para desenvolvermos aspectos para desenharmos pinturas de Pousão.

b) Aperfeiçoamento de certos aspectos no nosso trabalho.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) Penso que a visita de estudo que efectuamos, foi importante, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais, porque vimos as obras de um artista, que era Henrique Pousão, e tirámos ideias para o nosso trabalho.

b) A influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do meu trabalho foi que através desta visita, tirámos algumas ideias para a nossa maquete.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) No contexto de aluno de Artes Visuais eu achei que a Visita de Estudo foi importante, porque permitiu-nos ver algumas de Henrique Pousão e serviu também para conhecer melhor Henrique Pousão.

b) Foi importante porque retirei algumas ideias que foram úteis no desenvolvimento do meu trabalho.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) A importância que atribui a visita de estudo, Ao museu nacional soares dos Reis, foi muito Importante para min, aprendi, a observar as obras de Arte das outras pessoas, aprendi a valorizalas não só ao aspecto belico, mas sim também ao aspeto sentimental, que foi transmitido do Pintor, do Artista para as suas obras ~~de~~ esposes no Museu.

b) A influência da visita de estudo no meu trabalho, em Relação a ideias, foi valiosa, o Problema é que não consegui acabar o trabalho, mas em Relação a ideias teve influencia.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) Acho que a visita de estudo que realizamos vai-nos influenciar ao longo do nosso curso, embora alguns de nós não tenha dado o devido valor ao que fomos ver. Ao olharmos para uma obra de Pousão vai surgir na nossa mente as palavras que ouvimos sobre ela. Vamos ter uma referencia para todo o nosso precurso.

b) foi com base nas obras que vimos e nas explicações que ouvimos, tanto no museu, como na sala de aula, que conseguimos desenvolver o nosso trabalho. Se não conhecessemos o seu trabalho limitariamo-nos a copiá-lo. O que não aconteceu. Graças às explicações, realizamos vários exercícios de desenvolvimento e análise que nos ajudou a compreender melhor o nosso próprio trabalho.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) A Visita de Estudo contribuiu para conhecer melhor o artista Henrique Pousão, acho estas exposições muito importantes de visitar, principalmente nesta área - Artes. Permitem-nos conhecer novas técnicas de pintura, desenho, etc.

b) Na exposição gosta muito de um quadro dele, que ainda não conhecia, e foi com ele que desenvolvi o meu trabalho. Talvez se não tivesse ido à visita não escolheria ~~esse trab~~ essa obra. É ver as cores, os materiais e etc. na obra original é sempre diferente e melhor do que ver uma cópia imprimida ou no computador. Esta visita de estudo foi bastante gratificante para mim como alguma que frequenta um curso de Artes Visuais, assim como para o desenvolvimento do meu trabalho.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) Não tive oportunidade de ir à visita de estudo, mas acho que foi importante para os restantes porque tiveram a oportunidade de apreciar a arte de Henrique Pousão e de expandir o seu conhecimento.

b) Penso que ajudou os alunos a crescer, psicologicamente, e a ganhar um pouco de atitude crítica e criatividade.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) A visita ao MNSR foi importante, pois conseguimos visualizar grande parte do trabalho de Pousão e também ver a sua evolução. Sendo Pousão um eterno aluno/estudante, vimos também que ele nunca deixou de aprender e que os seus trabalhos eram bastante bons.

b) Com esta visita pudemos ter uma noção, mais específica, do que foi o percurso de Pousão no mundo das Artes Visuais. As influências no desenvolvimento foram-nos fornecidas através das obras, tanto pela evolução, pela cor, pela nossa subjetividade relativamente à obra, à textura e até a própria figura que estava representada na obra. Tivemos um monte de influências.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) Conhecer melhor as obras de "Henrique Pousão" porque ver as obras projetadas pelo projetor é diferente de ver as obras ao vivo e a cores.

b) A influência que esta visita de estudo teve no desenvolvimento do meu trabalho foi que consegui ver coisas no quadro que eu representei que não consegui ver quando vi a imagem no computador assim como na impressão do meu trabalho.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) Acho que ~~[illegible]~~ teve grande importância, pois a partir daquela visita de estudo podemos ver como eram os trabalho que nós iamos realizar, mesmo à nossa frente.

b) Teve muita influência no desenvolvimento de meu trabalho, porque pude ver o quadro que eu estava a representar, e pude ver mais pormenorizado.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) A importância que atribuí à Visita de Estudo foi que ajudou-me a perceber melhor o trabalho que estava a elaborar. Compreendi mais ou menos a maneira como ele pensava, como ele via a sua obra e também podemos ver o percurso do seu estudo.

b) A influência eu já a referi acima foi de ter percebido melhor a obra que estava a elaborar, vi a obra em tamanho penso que Real e pude ver os detalhes.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) Acho que a importância que teve foi termos a sorte de estar perante as obras do artista em questão, uma vez que sempre que falamos ou vemos obras é sempre através da internet.

b) no meu caso foi ter mudado de obra eu inicialmente estava a fazer o pescador e mudei para a menina da árvore pois achei que se devia envestir numa obra que remo próprio pousão acabou.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) ajudou-me no reconhecimento mais amplo do auctor, podendo ver com mais promenor e "calma" as suas obras e saber o seu ideal. Na minha opinião acho que foi de grande ajuda sendo que no início do trabalho andava meia perdida.

b) como já o havia referido, ajudou-me muito nas escolhas e decisão final deste trabalho, pois já conhecia melhor o seu ideal e um pouco mais da sua vida, percurso, até ao seu fim. Podendo mesmo, no meu caso, descobrir parecenças a outros pintores da época.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) A visita de estudo, de facto, foi importante para compreender melhor o que na realidade é a arte em si. Arte, na sua essência é estética. A sua beleza muda de pessoa para pessoa, pois cada um tem o seu sentido de estética.

b) A visita realmente ajudou-me no meu trabalho. Foi bom ver qual era o estilo pessoal de Pousão. Facilitou-me o trabalho de "modificar" a sua obra.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) No contexto de aluno no curso de Artes Visuais, a visita de Estudo deveria ter tido a importância de eu ter recebido mais cultura geral sobre Artes Visuais, neste caso, sobre Henrique Pousão.

b) Que eu tenha notado, a visita não teve influência no meu trabalho.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) A importância que atribuí a visita de estudo que efectuamos foi que pude conhecer mais sobre as obras de Henrique Pousão, as técnicas que usava, fiquei a conhecer mais a sua história e também pude ver diferenças da maneira que fazia as suas obras comparada com as nossas.

b) A influência que teve no meu trabalho foi que pude efectuar o trabalho com mais rigor, e também de forma mais organizada pois fiquei a conhecer mais sobre Pousão.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

(A) A importância que atribuiu à visita de estudo é que foi importante para nós, para conhecer Henrique Pousão e os seus trabalhos.

(B) A influência da visita, para o desenvolvimeto do trabalho, acho que foi nula, porque nós também podíamos ir a Internet ver os quadros.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

Eu não fui à visita de estudo, mas acho que não tu ico teve influência no meu trabalho porque não vi as obras. Mesmo não tendo visto as obras, consegui realiza o trabalho com a ajuda de alguns colegas.

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

Devo mencionar que:
NÃO FUI À VISITA!

a) Uma visita de estudo, no contexto que se aplica à aprendizagem, e, a uma actividade extra-curricular, no âmbito do projecto, mencionado no 1º período, tem como fundamento leccionar vários aspectos fundamentais, necessários e para ser aplicados em ocasiões futuras, mas quais juntamente com o~~s~~ que a professora mencionou nas aulas, deu o seu contributo para melhorar algum aspecto no nosso trabalho.

b) Poderá ter ajudado a interpretar melhor ~~o~~ Pousão e a aplicar os novos conhecimentos adquiridos, contribuindo também para percebermos o projecto "Desenhar Pousão".

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
INQUÉRITO

O seguinte Inquérito é anónimo e destina-se a recolher informação sobre a Visita de Estudo que efectuamos no 1º Período, para ser analisado no âmbito do meu mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Paulo Fernandes

No Período passado iniciamos uma Unidade de Trabalho, que contou com a parceria do Museu Nacional Soares dos Reis, incluída num projecto "Desenhar Pousão". Para o seu desenvolvimento incluímos uma Visita de Estudo à Exposição *"Henrique Pousão - diário de um estudante"*, que decorreu no dia 19 de Novembro. Seguidamente desenvolvemos um trabalho tridimensional que será exposto no MNSR, juntamente com outras escolas, a partir do dia 20 de Fevereiro.
No seguimento desta actividade pedíamos que respondesses ao seguinte Inquérito:

a) Que importância atribuis à Visita de Estudo que efectuamos, no contexto de aluno no curso de Artes Visuais.
b) Qual a influência que esta visita de estudo poderá ter tido no desenvolvimento do teu trabalho.

Obrigado pela colaboração

a) A Visita de Estudo foi de grande importância, porque tivemos a oportunidade de conhecer mais sobre Henrique Pousão, de ver as obras que escolhemos para o nosso projecto e vimos também outras obras e parte do seu trabalho enquanto aluno, que desconhecíamos. A Visita de Estudo influenciou em muito o resultado do nosso trabalho final, porque nos ajudou a modificar e a interpretar o que já estava feito até aí.

b) Esta Visita de Estudo influenciou o desenvolvimento do meu trabalho, porque percebi que ~~as~~ as coisas não precisam de ser muito ~~objectivas~~ elaboradas para serem interpretadas. Quanto mais objectivas e simples forem as coisas que criamos, mais interpretações diferentes temos sobre o mesmo.

Turma:10ºE	Disciplina: DESENHO A	Professora: Ana Luísa Santos

ACTIVIDADES DE DIAGNOSE

Competências e Aprendizagens	Estratégias Actividades	Recursos e Instrumentos
Utiliza linguagem específica das Artes Visuais **Domina conceitos estruturais da Linguagem Plástica** – domínio e aplicação de princípios e estratégias de composição e estruturação na linguagem plástica. **Observa e regista com poder de análise** Capacidade de análise e representação de objectos – Morfologia geral e proporção entre as partes ..... **Aplica procedimentos e técnicas com adequação e correcção** – domínio dos diversos meios actuantes, riscadores e aquosos; – Materiais e instrumentos **Lê criticamente mensagens visuais e age como autor de novas mensagens** – capacidade de síntese: transformação – gráfica e invenção; **Demonstra iniciativa, participação e envolvimento nas propostas de trabalho**	Fichas de trabalho Trabalhos práticos	Participação do aluno. Apresentação de trabalhos individuais. Fichas de avaliação.

ANÁLISE DE RESULTADOS

Competências não desenvolvidas	A maioria dos alunos **não:** -utiliza a linguagem específica das Artes Visuais; -domina os conceitos estruturais da Linguagem Plástica; -observa e regista com poder de análise; -aplica procedimentos e técnicas com adequação e correcção; -lê criticamente mensagens visuais e age como autor de novas mensagens; -demonstra iniciativa, participação e envolvimento nas propostas de trabalho.
Necessidades	Objectivos e critérios de actuação comuns **Capacidade de comunicação.** Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar adequadamente. Promover boas formas de comunicação orais, escritas e gráficas, devidamente, estruturadas e com qualidade comunicativa. Dinamizar a capacidade de raciocínio dos alunos, dirigindo-os para o pensamento abstracto. **Capacidade de compreensão.** Desenvolver a destreza de raciocínio relacionada com o nível de dificuldade dos conceitos a aprender e processos a desenvolver. **Desenvolver a autonomia.** Promover, mais, o trabalho individual quer na sala de aula quer fora dela. Exigir sempre respostas completas, oralmente e por escrito. Desenvolver a pesquisa, a selecção e a organização da informação. Valorizar a intervenção oral pertinente, relevante e adequada. Valorizar os comportamentos adequados e a participação organizada;

	Exigir a realização dos TPC e o cumprimento dos prazos. Combater conversas paralelas que surjam durante as aulas. Solicitar com frequência a atenção dos alunos mais distraídos.
Observação: As dificuldades educativas desta turma são: capacidade de compreensão; destreza de raciocínio, que está muito aquém do nível requerido para o ano de escolaridade frequentado e, consequentemente, com o nível de dificuldade na apreensão dos conceitos e dos processos a desenvolver. A ausência de trabalho individual na grande maioria dos alunos manifesta-se na fraca capacidade de comunicação nos diferentes domínios.	

2009.Novº.25

“A educação não é um fenómeno humano qualquer. Baseada no duplo princípio de perfectibilidade e de liberdade, ela pressupõe um ser inteiramente determinado pela natureza, mas que simultaneamente dispõe do poder de recusar essa imposição para livremente se tornar o que quiser ser. O paradoxo reside, pois, no facto de o educando só poder encontrar os instrumentos dessa liberdade no mundo das imposições que o condicionam. Caberá à pedagogia a arte de conseguir levá-lo a produzir esses instrumentos na salvaguarda da liberdade.”

Michel Soëtard

Índice

I Introdução 3

II A nossa escola e o envolvente
- A história 5
- O contexto 6
- Dados estatísticos 6
- Em 2006/07 somos 7
- Resultados das aprendizagens 9
- As actividades e projectos 10

III Principais metas e finalidades
- Princípios orientadores 11
- Projectos a desenvolver e propostas de implementação 12
- Articulação do PE com estruturas e dinâmicas de formação 16

Conclusão 18

O nosso lema:

TORNAR A ESCOLA CAPAZ DE CONSTRUIR A AUTONOMIA ENQUANTO:

- **Lugar de Formação**
- **Lugar de Investigação**
- **Lugar de Orientação**
- **Lugar de Encontro e de Partilha**
- **Lugar Acolhedor**
- **Lugar de Redes Educativas**
- **Plataforma para o Mundo do Trabalho**

I Introdução

Na sequência do processo de auto-avaliação de escola ficou clara a necessidade de rever o presente documento tornando-o mensurável nos seus objectivos; mais permeável à concretização de iniciativas emergentes das novas realidades do meio, dos recursos e legislação recente; mais incisivo nas problemáticas da comunicação e nos mecanismos de regulação de processos diversificados de realização de aprendizagens.

Mantendo o imperativo investir no conhecimento, nos recursos de informação e na formação do cidadão, reflexo de uma sociedade da informação que motiva mobilidades económicas, sociais e culturais, importa fundamentar estratégias estruturantes atentas a realidades novas, expectativas e projectos de vida diferentes que justificam, hoje, a necessidade de aprendizagens flexíveis e consistentes, orientadas para um cidadão consciente, informado e participante na vida social, cultural, política e económica.

A escola não pode ser indiferente às mudanças no tecido social que os jovens, as famílias e a sociedade reflectem.

São suas preocupações educativas a qualidade do ensino e das aprendizagens, a formação pessoal, social e cívica, tendo por horizonte um aluno capaz de, pelas suas competências, se tornar um cidadão de pleno direito, empreendedor e responsável pela sua acção na sociedade.

Deste modo, é legítimo fundamentar o conceito de escola e de educação, orientando os procedimentos pedagógicos, organizacionais e sociabilizantes para o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver em comum e o aprender a ser.

O sentido de responsabilidade da comunidade educativa torna-se, assim, o motor vivificador da capacidade empreendedora, inventiva e interventora que pode alicerçar uma sociedade sólida, sábia, sadia e solidária.

Deste modo, caminhar para uma maior participação de todos os elementos que constituem a comunidade educativa nas dinâmicas da escola é um patamar evolutivo que procuramos continuar, também, numa acção que torne a escola capaz de construir a autonomia enquanto lugar de formação, de investigação, de orientação, de encontros e partilhas, acolhedor e de afectos, de redes educativas, numa plataforma para o mundo do trabalho. Acreditamos, pois, na conquista de um rumo assente nos seguintes princípios:

- valorização das referências pedagógicas na organização e acção dos órgãos da Escola;
- dinâmica interventora de Alunos e Encarregados de Educação nos processos formativos;
- enriquecimento de metodologias e técnicas de acção pedagógicas;
- fortalecimento do trabalho de equipa;
- promoção do trabalho, do esforço, do empenho;
- aprofundamento de uma cultura de transparência e de partilha;
-desenvolvimento gradual de mecanismos de acompanhamento do percurso dos alunos, designadamente, Apoio ao Trabalho de Escola (A.T.E), Tutorias…;
- fomento de taxas de sucesso pleno, e combate eficaz ao insucesso, ao absentismo e ao abandono escolar.

O ensino de adultos é já uma aposta direccionada para o enriquecimento formativo da comunidade, Centro Novas Oportunidades (CNO), o qual se espera alargar com a acção noutros meios da comunidade educativa através de iniciativas da autarquia, pais, encarregados de educação e outras instituições.

Este Projecto Educativo procura dar corpo, assim, a princípios orientadores para uma Escola revitalizada, através dos seguintes vectores:

- reestruturação dos órgãos de articulação curricular;
- revitalização de metodologias e técnicas pedagógicas;
- valorização do desempenho da comunidade escolar;
- credibilização do trabalho em equipa;
- responsabilização por compromisso nas tomadas de decisão;

- promoção do acompanhamento individual do aluno na sua vida escolar;
- co-responsabilização do aluno no seu percurso formativo;
- articulação com a comunidade e com o mundo do trabalho;
- continuação de uma avaliação de escola credível e profícua;
- implementação de planos de melhorias.

II A nossa escola e o envolvente

1- A história

Foi criada pelo Decreto-lei n.º 599/78 de 28 de Setembro.
Recebeu como nome o do seu patrono, Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, pelo
Despacho 145/SERE/92 de 4 de Dezembro.
Foi-lhe conferida a *Medalha de Mérito Cultural e Científico, na classe Ouro*, em 23 de Abril de 2004, pela Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, sendo-lhe reconhecido o mérito dos serviços prestados em prol da Educação no Concelho.
Do historial da escola faz parte a acção atenta e disponível da Associação de Pais e Encarregados de Educação (APEVA), já com trinta e três anos de existência.
A Associação de Estudantes nem sempre tem tido, nos últimos anos, um papel interveniente nas dinâmicas da escola.

2- O contexto

A- A escola Secundária com 3.º Ciclo Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves está localizada na rua professor Amadeu Santos, na confluência de Valadares e de Vilar do Paraíso.
Sendo uma Escola Secundária com 3.º ciclo, ela serve uma vasta área que congrega a própria vila e as freguesias de Vilar do Paraíso, Madalena e Gulpilhares.
Integra-se numa área suburbana em que a indústria, o comércio e os serviços são áreas económicas importantes. A agricultura aparece-nos, pois, num lugar de menor contributo económico e social.
Várias instituições culturais dinamizam a música, o teatro, o desporto, as tradições e o património cultural.
O edifício da escola é composto por cinco corpos, comportando salas de aula, laboratórios, ginásios e oficinas, no total de 63, onde se incluem salas de cabeleireiros, de electricistas e de canalizadores, para além dos espaços ocupados pelos serviços administrativos, pelo Centro de Formação e de Centro de Recursos em Conhecimento, pelo Centro de Novas Oportunidades, pelo Conselho Executivo, gabinetes de trabalho de Departamentos Curriculares, Rádio Escolar, Biblioteca, Refeitório, Cozinha, Economato, Bar, Papelaria e Reprografia. Existem, ainda, as salas de professores, de funcionários, da APEVA e da Associação de Estudantes.

B- Dados estatísticos

Ano lectivo	Professores	Alunos	Pessoal Administrativo	Pessoal Auxiliar[1]
2000/01	153	1285	12	38
2001/02	153	1222	12	38
2002/03	159	1258	12	38
2003/04	154	1202	12	30
2004/05	154	1201	12	27
2005/06	149	1320	12	27
2006/07	155	1368	12	27

[1] A partir do ano lectivo 2003/04 a escola passou a ter 8 funcionários requisitados ao Centro de Emprego pelo Programa Ocupacionais.

3- Em 2006/07 fomos
A -Os Alunos

	Numero de Alunos
3.º Ciclo	521
Educação Formação	91
Secundário	546
Recorrente Nocturno (Básico)	41
Secundário (Nocturno)	120
Total	1319

3.º Ciclo	
7.º Ano	185
8.º Ano	151
9.º Ano	185
Recorrente (nocturno)	41
CRVCC B3	178
Formação Educação	
1.º Fase	41
2.ª Fase	50

Secundário			
Cursos	10.º	11.º	12.º
Ciências e Tecnologias	66	62	106
Artes Visuais	26	23	13
Ciências Sociais e Humanas	42	37	20
Ciências Sociais e Humanas (Nocturno)	28	12	9
Recorrente Nocturno (secundário)	36	55	29
Tecnológico de Acção Social	56	24	33
Técnico profissional de Gestão	21	-	-

B- Os Encarregados de Educação

Actividade Profissional	
Sector primário	1,7%
Sector secundário	11,3%
Sector terciário	58,5%
Reformados	2,5%
Desempregados e sem emprego	20,8%
Outros	6,4%

C- Os professores

Idades	
Até 25 anos	2
26 aos 35 anos	27
36 aos 45 anos	45
46 aos 55 anos	57
56 aos 65 anos	25
Mais de 65	2

Habilitações Académicas	
Doutoramento	1
Mestrado	19
Licenciatura	137
Bacharelato	2

Situação Profissional	
Professor do quadro de escola	117
Professor do quadro de Zona Pedagógica	19
Contratado	23

D- Pessoal administrativo

Idades	
Até 25 anos	-
26 aos 35 anos	3
36 aos 45 anos	4
46 aos 55 anos	2
56 aos 65 anos	2
Mais de 66	1

Habilitações Académicas	
Licenciatura	1
Ensino secundário	7
3.º Ciclo do E. Básico	3
2.º Ciclo do E. Básico	1

Situação Profissional	
Quadro vinculativo	9
Contrato Adm. Provimento	3

E- Auxiliares de Acção Educativa

Idades	
Até 25 anos	-
26 aos 35 anos	1
36 aos 45 anos	6
46 aos 55 anos	17
56 aos 65 anos	12

Habilitações Académicas	
Ensino secundário	4
3.º Ciclo do E. Básico	14
2.º Ciclo do E. Básico	7
1.º Ciclo do E. Básico	9

Situação Profissional	
Quadro vinculativo	16
Contrato Individual	8
Contrato Adm. Provimento	2
Contrato a termo certo	5
Outros	5

4-Resultados das aprendizagens

Taxas de transição

	1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06
7.º ano	57,6%	66,8%	73,4%	71,2%	80,5%	88,3%	84,5%
8.º ano	82,7%	70,8%	68,5%	77,1%	83%	71,4%	89,3%
9.º ano	55,9%	80,1%	70,3%	66,2%	87,8%	69,6%	81%
10.º ano	52,2%	77,7%	66,7%	74,2%	73%	85,1%	89,5%
11.º ano	77,1%	90,5%	81,6%	90,2%	89,5%	86,7%	89,3%

Taxas de abandono

	2004/05	2005/06
7.º ano	1,32%	1,71%
8.º ano	2,87%	1,96%
9.º ano	2,43%	2,28%

Taxas de Sucesso Pleno[2]

[2] No universo de alunos transitados

	2004/05	2005/06
7.º ano	52,4%	59,6%
8.º ano	29,6%	53,6%
9.º ano	37,5%	53,1%
10.º ano	44,9%	39,7%
11.º ano	54,4%	39,3%

10.º ano	9,46%	5,05%
11.º ano	9,74%	5,05%

Taxas de conclusão

	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06
12.º ano	74,23%	74,15%	77,60%	83%	86,3%	89,4%
Cursos 15/18	-	-	58,5%	84,2%	-	-
Cursos 279	-	-	-	77,14%	93,3%	-
Curso 453	-	-	-	-	-	90%

Taxas de Ingresso no Ensino Superior Público

1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06
72%	70%	78%	84%	88%	88%	87%

Matrículas no Curso Recorrente nocturno

1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06
162	121	151	200	178	176	161

5- As actividades e projectos que temos

As actividades e projectos que se têm desenvolvido na escola centram-se no apoio à formação integral do aluno e na orientação vocacional, psicológica e psicopedagógica. Registamos, no momento, *Os Padrinhos*, *GEOVIDA*, *A Assembleia na Escola*, *Clima Gaia, A Escola e a Família, A Estufa e a Horta Pedagógica, A Saúde e a Sexualidade, Biblioteca, Rádio Escolar*, *Dança, Apoio à Terceira Idade, o Jornal Escolar,* para além de outras actividades de carácter efémero desenvolvidas no enquadramento dos projectos curriculares de turma ou dos departamentos curriculares ou das actividades desenvolvidas pelos Cursos de Educação Formação.

III Principais metas e finalidades

As grandes metas centram-se no esforço de tornar a escola capaz de construir a autonomia enquanto:
Lugar de Formação com um horizonte de melhoria de 15% nos próximos três anos escolares dos seus estudantes e redução/anulação das taxas de abandono**;**
Lugar de Investigação, dando visibilidade às diferentes pesquisas relevantes e de interesse para a comunidade educativa**;**
Lugar de Orientação na construção de projectos de vida autónomos**;**
Lugar de Encontros e Partilhas de saberes e de vivências**;**
Lugar Acolhedor regido por princípios de solidariedade e humanismo;
Lugar de Redes Educativas que aproximem, facultem e construam saberes**;**
Plataforma para o Mundo do Trabalho articulada com a realidade comunitária, da região, do país e do mundo.

1-Princípios orientadores
Promover a educação nas dimensões formativas, integrando a construção participada de saberes e o desenvolvimento de atitudes e valores, numa perspectiva socializadora, responsável e multicultural.

Assumir a Escola como um espaço de saberes e de aprendizagens, de pertença, enriquecida pela pluralidade de formações, de motivações, de capacidades e conhecimentos, indo ao encontro das necessidades do meio envolvente, da região e do país, num processo de aprendizagem organizacional, respondendo, ainda, a uma educação para a cidadania, para a saúde e para o empreendedorismo.

Assumir os alunos como pessoas potencialmente autónomas, empreendedoras e responsáveis, com projectos de vida diversificados, construtores das suas aprendizagens, garantindo-lhes o acompanhamento pedagógico, prestando atenção às aprendizagens e intervindo de imediato em casos de comportamentos de risco ou socialmente reprováveis.

Comunicar, regular e assiduamente, com os Pais e Encarregados de Educação e respectiva Associação, procurando a sua cooperação no sucesso educativo dos alunos e a sua intervenção enriquecedora na dinâmica da escola, motivando a sua presença em todas as actividades a realizar.

Entender os professores como profissionais autónomos e responsáveis, promotores de uma cultura de transparência e partilha, empenhados solidariamente no sucesso escolar e educativo de todos os alunos e na orgânica da escola.
Reconhecer o corpo de Funcionários Administrativos e Auxiliares de Acção Educativa da escola como profissionais cuja função é relevante para a comunidade escolar.

Construir o Currículo de forma inovadora e estimulante, integrando as aprendizagens essenciais, estruturantes e transdisciplinares, através de disciplinas de oferta da escola, ATE, entre outras dinâmicas conducentes à anulação do absentismo e do insucesso escolar.

Fazer propostas de oferta educativa e projectos de organização curricular interna aos órgãos competentes, de acordo com as necessidades da comunidade.

Reconhecer a Biblioteca Escolar como um espaço transversal dedicado ao conhecimento e à cultura, em articulação com as preocupações educativas da escola.

Assumir o Centro de Saúde como parceiro institucional na educação para a saúde e para a sexualidade saudável, nomeadamente através de projectos de prevenção de comportamentos de risco.

Estabelecer parcerias com entidades de interesse público e cultural da comunidade (Museus, Academia de Música….), bem como com instituições humanitárias e de solidariedade social.

2- Projectos a desenvolver e propostas de implementação

A- Promover uma cultura organizacional e sociabilizante através:

- de uma prática construtiva de auto--avaliação,	a concretizar em todos os órgãos de gestão e articulação curricular;
- da valorização da participação da comunidade escolar nos processos de discussão e decisão	convocando todos os intervenientes ou seus representantes para espaços de diálogo;
- do envolvimento das famílias na escola e na educação escolar dos alunos,	enraizado numa relação de proximidade, de permanente contacto e de motivação na participação em actividades escolares, criando espaços/tempos de convívio informal e de abertura à comunidade, bem como através de uma actuação renovada junto do representante dos encarregados de educação.
- da implementação de um ambiente propício ao trabalho e à responsabilidade de todos os elementos da comunidade escolar - combate à indisciplina;	alicerçado num clima amistoso, na melhoria de espaços e numa gestão sustentada de recursos; através de medidas de actuação articuladas entre diversos órgãos na aplicação do RI
- da valorização do trabalho, esforço e empenho de todos;	com o reconhecimento da comunidade escolar e órgãos de gestão em práticas objectivas;
- do fomento de uma cultura de transparência e partilha de experiências e práticas pedagógicas;	veiculada através de informação rigorosa e atempada de espaços de diálogo pedagógico fundamentado em práticas e conhecimentos científicos, possibilitando uma contínua aprendizagem de professores e alunos, aproveitando as potencialidades das tecnologias de informação, nomeadamente dos projectos já implementados, como a plataforma *moodle*.
valorização do papel do aluno através da inerente co-responsabilização pelo seu percurso formativo e de habilitação profissional.	criação do Gabinete do Aluno com o objectivo de informar os alunos, em particular os do ensino secundário, sobre ofertas de formação, enriquecimento curricular e saídas profissionais.

B- Dinamizar projectos culturais e de formação centrados:

- nas práticas educativas e vivências locais, gerando mudanças individuais e colectivas;	preferencialmente estruturados em conselho de turma;
- na participação, envolvendo todos elementos da comunidade escolar	recorrendo a parcerias com entidades do meio, ajustando horários de realização;
- no debate de ideias	dinamizando espaços e veículos de comunicação e de debate, através da continuação do Projecto do Jornal e da Rádio Escolares, *fora* na Internet e organização regular de debates abertos à comunidade; reforçando a articulação com a Associação de Estudantes e com a Associação de Pais.

C- Estruturar o projecto curricular de escola centrado:

- na dinamização de equipas de trabalho orientadas para a melhoria das aprendizagens e desenvolvimento de competências;	através do enriquecimento das aprendizagens realizadas ou concretização das não realizadas, numa planificação interdisciplinar, suportada por prática diagnóstica, de intervenção conducente ao sucesso;
- na rentabilização dos potenciais humanos e materiais da escola e do meio;	apontando critérios de funcionalidade de funções, actividades e recursos humanos e materiais da escola e do meio;
- na exigência da responsabilização de todos os intervenientes;	definindo orientações e princípios de monitorização e de avaliação;
- na avaliação rigorosa dos diversos campos de acção;	através de guias de procedimentos e definição de orientações metodológicas de acção;
- na objectivação de metas de sucesso na consolidação do projecto vida do cidadão.	definindo metas anuais a atingir visando o sucesso por disciplina, o sucesso pleno e a redução das taxas de abandono, através de estratégias concretas de intervenção, nomeadamente a partir de um melhor aproveitamento das actividades de substituição, das tutorias, em articulação estreita com os encarregados de educação e com os directores de turma; na valorização da acção no âmbito das Novas Oportunidades (CRVCC, EFA, CEF, Cursos Profissionais e ensino recorrente).

D- Concretizar uma avaliação das aprendizagens dos alunos orientada:

- por processos reguladores de ensino e de aprendizagem;	aplicando princípios orientadores do projecto curricular de escola.
- por princípios promotores de sucessos educativos;	
- pela monitorização das aprendizagens realizadas.	
- pela prática de auto-avaliação sistemática	

E- Manter a avaliação de Escola conducente a uma:

- aprendizagem organizacional; - valorização de desempenhos; - optimização de recursos; - resposta às necessidades formativas e educativas da comunidade; - implementação de planos de melhoria; - fortalecimento da confiança da comunidade	através da aplicação e avaliação do projecto de melhoria de escola, resultante do processo de auto avaliação de escola;
- concretização do processo de autonomia de escola.	criando equipa de trabalho para organizar e gerir o processo de pedido de autonomia de escola.

F- Proporcionar actividades de enriquecimento do currículo relevantes:

- pela sua diversidade; - pelos objectivos educativos; - pelas concretizações motivadoras e empreendedoras.	desenvolvimento de projectos de Educação para o tempo livre, como prevenção de problemas sociais, de modo a estabelecer outros laços afectivos com os alunos, reconstruindo uma imagem positiva da comunidade educativa. (Ex. teatro, dança, desporto, artes, fotografia…), através de parcerias com entidades culturais e desportivas da comunidade; revitalização dos clubes, que deveriam continuar a constituir-se como alternativas credíveis às actividades de substituição; desenvolvimento de projectos de educação Ambiental; desenvolvimento de Projectos de Educação para os Direitos Humanos; desenvolvimento de projectos de educação para a saúde; estabelecimento de parcerias com organizações humanitárias e de solidariedade social.

G- Implementar a transversalidade da Biblioteca na escola enquanto recurso que:

- apoia e enriquece o currículo escolar e as práticas pedagógicas; - estimula o desenvolvimento cultural e a promoção da leitura; - fortalece o crescimento pessoal, social e cívico.	fomentando e organizando actividades de articulação com a sala de aula, de enriquecimento curricular e cultural.

H- Estabelecer parcerias e protocolos com entidades de interesse público, cultural e humanitário da comunidade para:

- assegurar uma educação para a saúde (alimentação, sexualidade, higiene, desporto, entre outros).	através do apoio do Centro de Saúde e de outras instituições, direccionado a jovens e a projectos da escola;
- garantir o acesso a mais e melhor conhecimento	ao nível de museus, instituições de ensino superior, Academia de Música, entidades culturais, desportivas, recreativas e outras;
- implementar medidas para a efectiva melhoria da segurança na escola	desenvolvendo actividades formativas e mantendo Parcerias/Protocolos com as Forças de Segurança.

3- Articulação do PE com estruturas e dinâmicas de formação

O Projecto Educativo de Escola será sempre o leme na definição do rumo, em matérias de discussão e decisão, nos diferentes órgãos da escola pautando-se por assumir:
A- Princípios organizacionais que
- promovam a responsabilização, por compromisso, das tomadas de decisão;
- credibilizem as decisões tomadas por consenso através de processos participativos de discussão;
- garantam formas eficazes de circulação da informação na comunidade educativa, de acordo com as competências de cada órgão, dando a conhecer, através de meios eficazes as principais orientações do PEE, do PCE e do PAAE;

- dinamizem os planos de coordenação dos diversos órgãos da escola, tornando-os significativos e produtivos;

- aperfeiçoem o trabalho em equipa, disponibilizando uma gestão equilibrada de tempos em comum;
- construam dispositivos de auto-avaliação da escola nas suas diversas áreas;
- valorizem e dinamizem o papel dos representantes dos Encarregados de Educação, criando condições para que estes sejam um elemento activo no processo educativo;

- contribuam para a construção de uma **cultura de escola**, definidora de uma identidade própria e simultaneamente integrando a riqueza da sua diversidade.

B- Projectos de formação centrados na:
- referência das necessidades conducentes à melhoria do serviço educativo;
- articulação com o Centro de Formação Gaia Sul, dando resposta a necessidades emanadas dos órgãos de articulação curricular, pessoal não docente, pais e encarregados de educação, nomeadamente em articulação com APEVA (por exemplo, *Escola de Pais* e outros projectos similares);
- planificação de acções de formação de curta duração orientadas para o enriquecimento de técnicas de ensino, aprendizagem ou acção educativa, designadamente nas seguintes áreas: avaliação de aprendizagens; avaliação de docentes; didácticas específicas; uso das tecnologias de informação e comunicação ao serviço das aprendizagens. (Pessoal não docente)
- dinamização da formação inicial de professores, respondendo a solicitações externas.

C- A construção e implementação do projecto Curricular de Escola serão orientadas para:
- promover estratégias pedagógicas conducentes ao desenvolvimento de competências relevantes;
- assegurar níveis de rigor e qualidade científica e pedagógico-didáctica nas práticas educativas;
- acompanhar o percurso do aluno através de um regime de tutoria, em articulação com outros órgãos;
- proporcionar apoio educativo centrado em aprendizagens significativas no desenvolvimento de técnicas de estudo e na construção de um projecto pessoal de aprendizagem;
- responder às necessidades de formação do estudante como cidadão informado e responsável, interveniente no meio, na região e no país.
- assegurar as necessidades formativas decorrentes de projectos de educação ao longo de toda a vida.

D- A avaliação das aprendizagens assentará em práticas fundamentadas e transparentes e será assegurada por:
- documentos estratégicos e orientadores que regerão as dinâmicas pedagógicas da comunidade educativa;
- instrumentos de avaliação diversificados e adequados aos domínios do saber, do saber fazer, saber ser /estar.

E- As actividades de enriquecimento curricular respeitarão:
- as necessidades da comunidade educativa;
- a valorização pessoal dos participantes.

F-O reforço e a visibilidade do Regulamento Interno através de:
- acções de sensibilização na comunidade educativa;
- cooperação da APEVA, da Assembleia de Delegados e da Associação de Estudantes;
- actuação do DT em articulação com os Encarregados de Educação, reforçando o papel dos seus representantes.

Conclusão

Na observância da legislação vigente, alicerçou-se este Projecto Educativo de Escola em princípios organizacionais, sociabilizadores e formativos, perspectivando conceitos administrativos e pedagógicos de relacionamento com o meio e com a comunidade.

Se as vertentes administrativas e pedagógicas procuram centrar-se no aluno em primeiro lugar, há que também ter em conta as realidades e os recursos da escola e do meio.
Da análise feita ao sucesso dos alunos nos últimos quatro anos lectivos destaca-se o progressivo aumento de taxas de conclusão no final de cada ciclo, bem como a redução do abandono escolar. Deste modo, cabe agora ao Projecto Educativo de Escola convencionar uma maior participação dos pais e das famílias na dinâmica formativa dos jovens; na promoção de uma renovação organizacional na reestruturação dos seus órgãos, de modo a que estes se tornem mais eficazes nas suas tarefas de valorizar a formação do aluno enquanto cidadão com projecto de vida pessoal e autónomo; na implementação de metas de redução do insucesso, absentismo e abandono escolar; na indicação de taxas de sucesso pleno; na construção da autonomia da escola enquanto *lugar de formação, de investigação, de orientação, de encontro e de partilha, acolhedor e de afectos, possibilitando a criação de redes educativas e uma plataforma para o mundo do trabalho.*
Por último, construir progresso e qualidade de prestação pressupõe uma avaliação que conduza a planos de melhoria de todos os campos de acção da escola, constituindo a auto-avaliação uma prática regular de desenvolvimento organizacional.
A avaliação do Projecto Educativo de Escola decorre da legislação e assenta na importância da sua consecução através no Projecto Curricular de Escola, no Plano Anual de Escola, e do seu impacto na formação do cidadão e do meio.

Equipa de Trabalho
Alzira Mabilda Moreira Alves (auxiliar de acção educativa)
Christiano Alberto Fernandes Pereira Lello (docente)
João Paulo do Couto Matos (discente)
Joaquim Alberto Borges Pimenta (docente)
José Manuel Pinto Sá (representante da associação de pais e encarregados de educação)
Sónia Múrias Mira Coelho (docente)

Arranjo Gráfico
Joaquim Pereira (docente)

O presente Projecto Educativo de Escola foi discutido nos Conselhos Pedagógicos de 20 de Junho de 2007, tendo sido aprovado pela Assembleia de Escola a 24 de Julho de 2007.

Projecto Curricular de Turma

ensinos básico e secundário

PEE PCE Currículo PCT

Turma: 10º E

Período de actuação: Ano lectivo 2009/2010

Caracterização da turma	
▪ Contexto familiar, socio-económico… ▪ Percurso escolar dos alunos	▪ Tipos de inteligência e Estilos de aprendizagem ▪ Diagnose de competências e aprendizagens
Ver documentação em anexo	

Prioridades educativas
- Motivação dos alunos para o estudo; -Incentivo e valorização de hábitos e métodos de trabalho, de modo a que os alunos entrem em sintonia com o que lhes é pedido na escola; -Desenvolvimento da autonomia; -Promoção da atenção e de concentração; -Promoção da organização, ao nível da participação oral; -Responsabilização dos alunos relativamente à pontualidade e assiduidade; -Implementação de actividades de expressão escrita; -Implementação da leitura analítica de documentos diversos; - Promoção de estratégias / actividades que fomentem o empenho; -Desenvolvimento de hábitos de trabalho.

Estratégia educativa transversal
-Co - responsabilização dos alunos em relação à sua aprendizagem; -Responsabilização dos alunos e E.E. pelo cumprimento das prioridades; -Exigência da presença atempada na sala de aula; - Exigência de uma atitude atenta permanente; -Controlo do caderno diário e de outros materiais; - Exigência de trabalhos de casa sérios e aprofundados e reforço do seu controlo;

-Exigência progressiva de autonomia, na participação em aula e em casa;

-Exigência da presença atempada na sala de aula;

-Exigência de expressão oral e escrita completa, com vocabulário adequado à especificidade do discurso;

- Reforço das actividades escritas e orais;

- Maior solicitação oral aos alunos que revelam mais lacunas a colmatar;

- Desenvolvimento do gosto pela leitura;

- Motivação para hábitos de pesquisa e indicação de procedimentos adequados: treino do raciocínio através de actividades específicas;

- Incentivo à auto-avaliação como actividade reguladora da aprendizagem dos alunos;

- Implementação de práticas de relacionamento interpessoal favoráveis ao exercício da autonomia, da cidadania, do sentido de responsabilidade, da cooperação, da entreajuda e da solidariedade.

Estratégias e actividades:

Modalidades e instrumentos de avaliação:

-Avaliação diagnóstica;
-Avaliação formativa;
-Avaliação sumativa.

- Participação do aluno
-Fichas de Trabalho
-Apresentação de trabalhos individuais e/ou grupo
-Fichas de avaliação
-Grelhas de auto e hetero-avaliação
-Trabalhos práticos
-Grelhas de observação directa.

Pedagogia diferenciada	
Recuperação	**Enriquecimento**
Alunos:	**Alunos:**

Calendarização
Períodos de actuação: Durante o ano lectivo 2009/2010.
Momentos de avaliação do projecto: No fim de cada período e sempre que necessário para avaliar a adequação e o desenvolvimento do Projecto Curricular de Turma.
Informação a disponibilizar aos E.E.:

Director(a) de Turma:

_____

Representante dos Alunos:

_____

Representante dos E.E.:

_____

				Retenções						Frequentam				Disci
Nome	Nº	Idade	Sexo	Ano anterior	Outros	A.E	N.E.E	A.S.E	Ensino Pré-escolar	Escola 1ª vez	Actvidades Complementares	Sofreram medidas Educ. Disc.	prosseguir estudos	Preferidas
Ana Catarina Mateus	1	15	F	N	N	N	N		S	N	S	N	ES	PORT MAT
Ana Cláudia Ferreira	2	15	F	N	N	S	N		S	N	N	N	12	DES
Ana Basílio	3	15	F	N	N	S	N		S	N	N	N	ES	ING CIEN
Ana Raquel Dias	4	16	F	N	S	N	N	B	S	N	S	N	12	ING EV
Ana Rute Panêlo	5	15	F	N	N	N	N		S	N	N	N	ES	DES ING
André Duarte	6	17	M	S	S	N	N	A	N	N	N	S	ES	DES
Catarina Beatriz Silva	8	15	F	N	N	N	N		S	N	S	N	ES	MAT DES
Cláudia Santos	9	16	F	N	S	N	N		S	N	N	N	12	NR
Cláudia Silva	10	16	F	N	S	N	N	A	S	S	N	N	ES	DES
Cláudia Quaresma	11	15	F	N	N	N	N		S	S	S	N	ES	DES HIS
Daniela Sequeira	12	15	F	N	N	S	N	A	S	S	N	N	ES	ING GD
Diogo Cardoso	13	16	M	N	S	N	N		S	N	N	NR	NR	DES FIL
Emanuel Almeida	14	15	M	S	N	N	N		S	N	S	N	ES	EF ING
Fernando Pimenta	15	14	M	N	N	N	N		S	N	S	N	ES	MAT FIL
Gonçalo Leite	16	16	M	S	N	S	N		S	N	S	N	12	MAT DES
Isabel Ferraz	17	16	F	S	N	N	N	A	S	S	N	N	ES	DES MAT
Marina Silva	18	15	F	N	S	N	N		S	N	N	N	ES	EF DES
Mónica Sousa	19	16	F	N	S	N	N	A	N	S	N	N	ES	DES
Mónica íris Costa	20	15	F	N	N	S	N	A	S	N	S	N	ES	ING MAT
Patrícia Soares	21	15	F	N	N	N	N	A	S	S	N	N	ES	MAT GD
Pedro Brandão	22		M	S	S		N	A		N	N	S	12	DES
Ricardino Almeida	23	15	M	N	N	N	N	A	S	N	N	N	ES	ING
Ricardo Sousa	24	15	M	N	N	N	N		S	N	N	N	ES	DES GD
Ricardo Grijó	25	16	M	S	N	N	N		S	S	N	S	ES	EF
Sara Pereira	26	15	F	N	N	S	N		N	N	S	S	12	HCA DES
Susana Rôla	27	16	F	N	S	S	N		S	N	N	N	ES	EF
Vitor Monteiro	28	15	M	N	N	N	N		S	S	N	N	12	DES GD

Nº alunos sexo "F"	**17**
Nº alunos sexo "M"	**10**
Total alunos	**27**
Média de idades	**15,4**
Nº alunos fora esc. obrig.	**25**
Nº retenções - ano anterior	**6**
Nº alunos com apoio educ.	**7**
Nº alunos com N.E.E.	**0**

h	port	fil	ing	mat	des	gd	EF
1	2	2	5	8	15	6	2

port	fil	ing
2	0	10

Beneficiários do S.A.S.E	**9**
escalão "A"	**8**
escalão "B"	**1**
Freq. ensino pré-escolar	**23**
Freq. escola 1ª vez	**8**
Freq. act. comp.	**9**
Sofreram medidas educ. disc.	**4**
Prosseguir estudos - 9º ano	**0**
" " - 12º ano	**7**
" " - Ens. Sup.	**19**

0	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	preferidas

BOL

Perfil da Turma , º Ano (Encarregados de Educação)

Nome	Nº	Relação Familiar							Idade				Profissão						Situação profissional							Habilitações Académicas								
		Pai	Mãe	Tio	Tia	Avó	Avó	Outra	< 30 anos	entre 30 - 40	entre 41 - 50	> 50 anos	Conta própria	Conta de outrem	Sector primário	Sector secundário	Sector terciário		Efectivo	Contratado	Reformado	Desempregado	Sem emprego	Patrão		4ª classe ou inferior	6º ano	9º ano	11º ano	12º ano	Bacharelato	Licenciatura	Outro Grau Académico	
	1		S								S						S		S												S		
	2																																
	3		S								S						S		S										S				
	4		S								S			S					S										S				
	5	S								S						S				S						S							
	6		S								S												S				S							
	7																																
	8		S								S			S					S										S				
	9		S								S			NR								S							NR				
	10		S								S			S								S				S							
	11		S								S						S		S										S				
	12		S								S			S								S						S					
	13	S									S			NR					S								S						
	14	S									S					S				S								S					
	15	S									S						S		S														S
	16	S								S					S				S								S						
	17		S							S				S					S								S						
	18		S							S				S								S					S						
	19		S								S		S										S			S							
	20		S								S						S					S									S		
	21		S								S			NR								S					S						
	22		S								S																						
	23		S								S			S					S								S						
	24		S								S			S								S					S						
	25	S									S						S		S										S				
	26		S								S		S						S							S							
	27		S								S			S					S							S							
	28		S							S				S					S								S						
Dados Totais		6	20	0	0	0	0	0	0	5	21	0	2	10	1	2	6		14	2	0	7	2	0		5	5	6	1	4	0	2	1	

Perfil da Turma , º Ano (Agregados Familiares)

Nome	Nº	Agregado					Habilitações Acad. Pai								Habilitações Acad. Mãe								Idade		Situação Profissional	
		Monoparental	Biparental	Biparental + irmã(o)	Biparental + irmãos	Outras	4ª classe ou <	6º ano	9º ano	11º ano	12º ano	Bacharelato	Licenciatura	Outro	4ª classe ou <	6º ano	9º ano	11º ano	12º ano	Bacharelato	Licenciatura	Outro	Pai	Mãe	Pai	Mãe
	1				S				S												S		44	42	EF	EF
	2			S				S								S									DES	EF
	3	S											S						S				45	41	EF	EF
	4	S							S										S				39	45	DES	EF
	5					S	S										S						38	33	C	C
	6				S		S									S							38	41	C	C
	8			S					S									S					42	42	EF	EF
	9			S																			44	44	EF	DES
	10		S					S							S								56	46	DES	DES
	11		S								S								S					46	EF	EF
	12				S				S								S						48	45	DES	DES
	13			S				S								S							46	46	EF	DES
	14			S					S								S						47	45	C	DES
	15			S										S								S	49	43	EF	EF
	16			S				S							S								40	42	EF	EF
	17		S						S								S						40	40		EF
	18	S						S								S							36	35	EF	DES
	19			S			S								S								45	43		
	20					S					S											S	44	44	C	DES
	21	S									S						S						46	43	EF	DES
	22	S					S								S											
	23	S									S						S						46	44	EF	EF
	24			S							S						S						43	45	EF	DES
	25			S							S								S				44	45	EF	EF
	27			S					S						S								47	45	EF	EF
	28		S				S								S								54	49	EF	EF
	29		S				S									S							65	38	REF	EF

																			média	45 43
Dados Totais	**6**	**5**	**11**	**3**	**2**	**6**	**5**	**7**	**0**	**6**	**0**	**1**	**1**	**6**	**5**	**7**	**1**	**4**	**0**	**2**	**1**

Perfil da Turma , º Ano (Reacções Discentes Face à Escola)

Nome	Nº	Gostas de estudar	Gostas da escola	Factores + referidos para o insucesso escolar (1-12)
	1	S	S	
	2	N	N	
	3	S	S	
	4	S/N	N	
	5	N	S	
	6	N	S	
	8	S/N	N	
	9	N	S	
	10		N	
	11	S		
	12	S	S	
	13	N	N	
	14	N	N	
	15	S	S	
	16	S/N	S	
	17	S	N	
	18	N	S	
	19		N	
	20	S	S	
	21	S	S	
	22	N	S	
	23	N	S	
	24	S/N	S	
	25	N	S	
	26	S	S	
	27	S	S	
	28	S/N	S	

Nº alunos gostam estudar	10
Nº alunos não gostam estudar	10
Nº alunos gostam estudar às vezes	5
Nº alunos gostam escola	18
Nº alunos não gostam escola	8

Factores Insucesso											
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Factores Insucesso												
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
s				**s**			**s**	**s**	**s**	**s**	**s**
		s			**s**		**s**	**s**	**s**	**s**	**s**
				s			**s**		**s**	**s**	**s**
	s			**s**	**s**		**s**		**s**	**s**	**s**
					s	s			s	s	
				s	s		s	s	s	s	s
s						s	s		s	s	s
s		s	s	s	s			s			s
	s	s		s			s		s	s	s
s						s	s		s	s	s
s							s		s	s	s
				s	s		s	s	s	s	s
				s	s		s	s	s	s	s
s				s			s	s	s	s	s
		s		s			s		s	s	s
s				s	s		s		s	s	s
s			s				s	s	s	s	s
s				s			s	s	s	s	s
			s		s	s	s			s	s
s			s		s			s	s		s
s				s			s	s	s	s	s
s				s			s	s	s	s	s
s		s		s			s	s	s	s	
s	s			s			s		s	s	s
					s		s		s	s	s
s							s			s	s
s				s		s	s		s	s	s
16	3	5	4	17	11	5	24	13	24	25	25

Tratamento de Dados do Inquérito dos Alunos

ALUNOS

Distribuição de alunos por sexo		Número dos alunos
Feminino	17	
Masculino	10	
Média das idades	15,4	
Retenções		
ano lectivo anterior	6	
outro ano lectivo	9	
Apoio Educativo	7	
N.E.E.	0	
Beneficiários dos S.A.S.E		
escalão "A"	8	
escalão "B"	1	
Frequentaram Ensino Pré-escolar	23	
Frequentam escola 1ª vez	8	
Sofreram medidas educ. disciplinares	4	
Actividades complementares	9	

Intenção prosseguir estudos	
até 9º ano	0
até 12º ano	8
até ao Ensino Superior	19

DISCIPLINAS

Preferidas			
		Port	2
Ed. Física	2	Mat	8
		Inglês	5
		Geometria Descritiva	6
		Desenho	15
		Filosofia	2

Menos apreciadas			
		Gd	2
Mat	3	Hist	3
Ed. Física	2	Inglês	10
Port	2		

Modos de trabalho pedagógico preferidos	
Trabalho de grupo (TG)	21
Aulas expositivas (AE)	4
Fichas de trabalho (FT)	4
Pesquisa (P)	4

PREFERÊNCIAS

Televisivas:		Leitura:	
Séries	6	Banda desenhada	4

Programas de música	**3**	Romance	**5**
Vários	**6**	Acção/aventura	**5**
Novelas	**2**	Mistério	**2**
Documentários	**2**	Romance histórico	**1**
Humor	**1**	Diários	**1**
Não vêem	**2**	Policiais	**1**
Não responderam	**4**	Poesia	**1**
		Ficção científica	**1**
		Não gostam de ler	**3**
		NR	3

Desportivas:		Musicais:
Natação	**6**	
Andebol	**4**	
vólei	**5**	
basquetebol	**5**	
dança	**1**	
ténis	**4**	
futebol	**6**	
hóquei em patins	**1**	
rugby	**2**	

DESPORTOS QUE PRATICAM		
não praticam	**16**	
natação/ginástica/ténis/andebol/hóquei pat	**5**	
futebol	**1**	

SAÚDE / ALIMENTAÇÃO

Tipo dificuldades		Tipo alergias	
Visuais	6	pólen	2
Auditivas		chocolate	1
Motoras		pó	4
Fala		sol	1
Linguagem		várias	1
Outras	1		

A que horas te deitas?		Horas de sono	
22-23.30	19	7horas	5
00.00	5	8	12
depende	2	9	3
21.30	1	10	5
		depende	2

Onde tomas o pequeno almoço?		Onde almoças?	
Casa	23	Casa	4
Casa de familiares	1	Casa de familiares	2
Escola		Escola	9
Casa/Escola		Café	7
Não tomo	3	Casa/Café/Escola	
café		Café/Escola	4
		Casa/Escola	
		Casa/Café	1

ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Relação Familiar		Idade		Habilitação Académica	
Pai	6	**< 30 anos**	0	**4ª classe ou inferior**	6
Mãe	20	**entre 30-40 anos**	5	**6º ano**	5
Tio	0	**entre 41-50 anos**	22	**9º ano**	6
Tia	0	**> 50 anos**	0	**11º ano**	1
Avô	0			**12º ano**	4
Avó	0			**Bacharelato**	0
Outra	0			**Licenciatura**	2

				Outro grau académico	1

Profissão		Situação Profissional	
conta própria	2	Efectivo	14
conta de outrem	10	Contratado	2
Sector primário	1	Reformado	0
Sector secundário	2	Desempregado	7
Sector terciário	6	Sem Emprego	2
		Patrão	0

AGREGADOS FAMILIARES

Tipo agregado			
Monoparental (Pai ou Mãe)	6	Biparental (Pai e Mãe)	5
Monoparental + Irmã(o)		Biparental + Irmã(o)	11
Monoparental + Avó(s)		Biparental + Irmãos	3
Monoparental + Padrasto + Irmã(o)		Biparental + Irmãos + Avós	
Avó		Biparental + Avós	

Habilitações Académicas		Idades		Situação Profissional	
PAI					
4ª classe ou inferior	6	< 30 anos		Efectivo	15
6º ano	5	entre 30-40 anos	4	Contratado	4
9º ano	7	entre 41-50 anos	17	Reformado	1
11º ano	0	> 50 anos	3	Desempregado	4
12º ano	6	nr	3	Pensionista	0
Bacharelato	0			Sem emprego	0
Licenciatura	1			nr	3
Outro grau académico	1				

MÃE					
4ª classe ou inferior	6	< 30 anos		Efectiva	14
6º ano	5	entre 30-40 anos	2	Contratada	2

9º ano	7	entre 41-50 anos	23	Reformada	0
11º ano	1	> 50 anos		Desempregada	9
12º ano	4	nr	2	Pensionista	0
Bacharelato	0			Sem emprego	0
Licenciatura	2			nr	2
Outro grau académico	1				

REACÇÕES DISCENTES FACE À ESCOLA

Gostam de estudar		Gostam da escola	
Sim	10	Sim	18
Não	10	Não	8
Às vezes	5	NR	

Factores mais referidos para o insucesso escolar			
1-Não compreenderem o que diz o professor	16	8-Falta de hábitos de estudo	24
2-Não terem tempo para tirar dúvidas	3	9-Conteúdos difíceis	13
3-Rapidez no tratamento dos assuntos	5	10-Indisciplina na sala de aula	24
4-Incompreensão pelo professor	4	11-Falta de atenção/concentração	25
5-Esquecimento rápido do que foi trabalhado	17	12-Desinteresse pela disciplina	25
6-Antipatia do professor	11	Outra	2
7-Mudança de professores	5		

Avaliação do Projecto Curricular de Turma **Ensino secundário; 10 Ano; Turma:E**

…

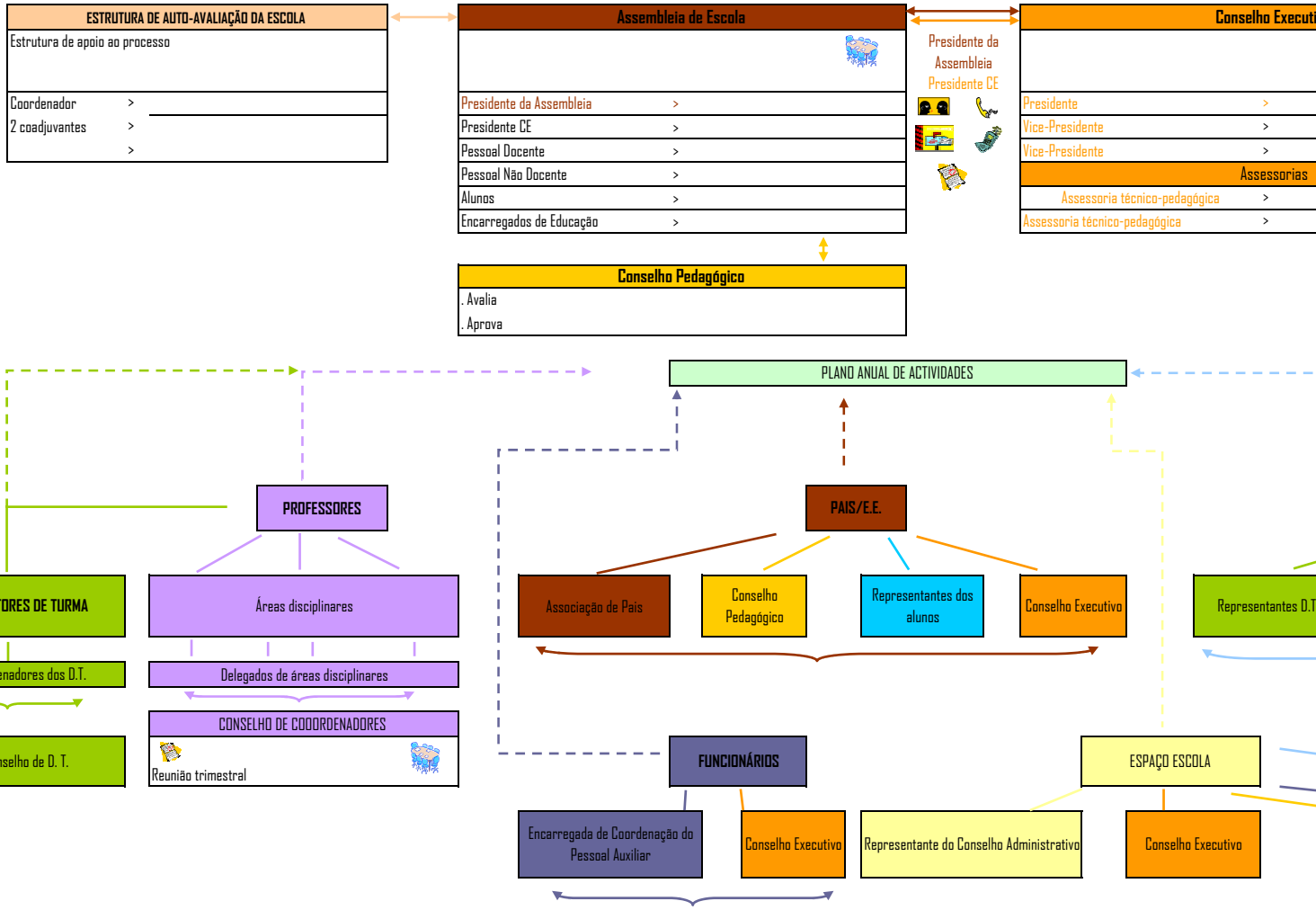
Momentos de Avaliação	Avaliação
1º Período 21 / 12 / 2009	O Conselho de Turma considerou que ao nível das **prioridades educativas**, devia ser retirada aquela que refere "Promoção da organização, ao nível da participação oral" e incluir a "Implementação de estratégias/actividades que desenvolvam a capacidade de relacionar conceitos". No parâmetro **"Estratégias e Actividades"**, propuseram-se alunos para **aulas de apoio**, a saber: **Português** – números três, quatro, nove, doze, treze, dezasseis, dezoito, vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro, vinte e sete, vinte e oito e vinte e nove, respectivamente, Ana Basílio, Ana Dias, Cláudia Santos, Daniela Sequeira, Diogo Cardoso, Gonçalo Leite, Marina Silva, Pedro Brandão, Ricardino Almeida, Ricardo Sousa, Sara Pereira, Susana Rola e Vítor Monteiro **Filosofia** – números dois, três, quatro, nove, doze, treze, dezasseis, vinte e dois e vinte e quatro, respectivamente, Ana Ferreira, Ana Basílio, Ana Dias, Cláudia Santos, Daniela Sequeira, Diogo Cardoso, Gonçalo Leite, Pedro Brandão e Ricardo Sousa. A professora irá dar estas aulas às quartas-feiras, das dezasseis horas às dezasseis horas e quinze minutos. **Inglês** – números dois, três, nove, dez, dezasseis, dezanove, vinte e cinco, vinte e oito e vinte e nove, respectivamente, Ana Ferreira, Ana Basílio, Cláudia Santos, Cláudia Silva, Gonçalo Leite, Mónica Sousa, Pedro Brandão, Ricardo Grijó, Susana Rola e Vítor Monteiro. **História da Cultura e das Artes** – números nove, doze, treze, dezassete, dezoito, dezanove, vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro, vinte e sete, vinte e oito e vinte e nove, respectivamente, Cláudia Santos, Daniela Sequeira, Diogo Cardoso, Isabel Ferraz, Marina Silva, Mónica Sousa, Pedro Brandão, Ricardino Almeida, Sara Pereira, Susana Rola e Vítor Monteiro.

	Geometria Descritiva A – números dezanove, vinte e três, vinte e oito, trinta e trinta e um, respectivamente, Mónica Sousa, Ricardino Sousa, Susana Rola, Miguel Oliveira e Diana Gonçalves, estando os dois últimos alunos já a usufruir de aulas de apoio. A professora propôs, ainda, para apoio com outro professor da disciplina, os seguintes alunos: números dois, três, nove, dez, doze, treze, dezasseis, dezoito, vinte, vinte e quatro e vinte e nove, respectivamente, Ana Ferreira, Ana Basílio, Cláudia Santos, Cláudia Silva, Daniela Sequeira, Diogo Cardoso, Gonçalo Leite, Marina Silva, Mónica Costa, Ricardo Sousa e Vítor Monteiro. Definiram-se, ainda, as seguintes **estratégias/actividades**: diálogo orientado; actividades de síntese diárias; -trabalho de pesquisa; -trabalho de análise de texto; -análise/discussão de situações, filmes, imagens e apresentações multimédia; -resolução de fichas de exercícios de aplicação; -construção de mapas de conceitos; -reforço dos trabalhos de casa; - -promoção de estratégias que desenvolvam os métodos de trabalho e de estudo. Em relação ao item "**Pedagogia diferenciada**", A professora de Matemática B referiu desenvolver actividades de enriquecimento com os alunos Emanuel Almeida e Fernando Pimenta

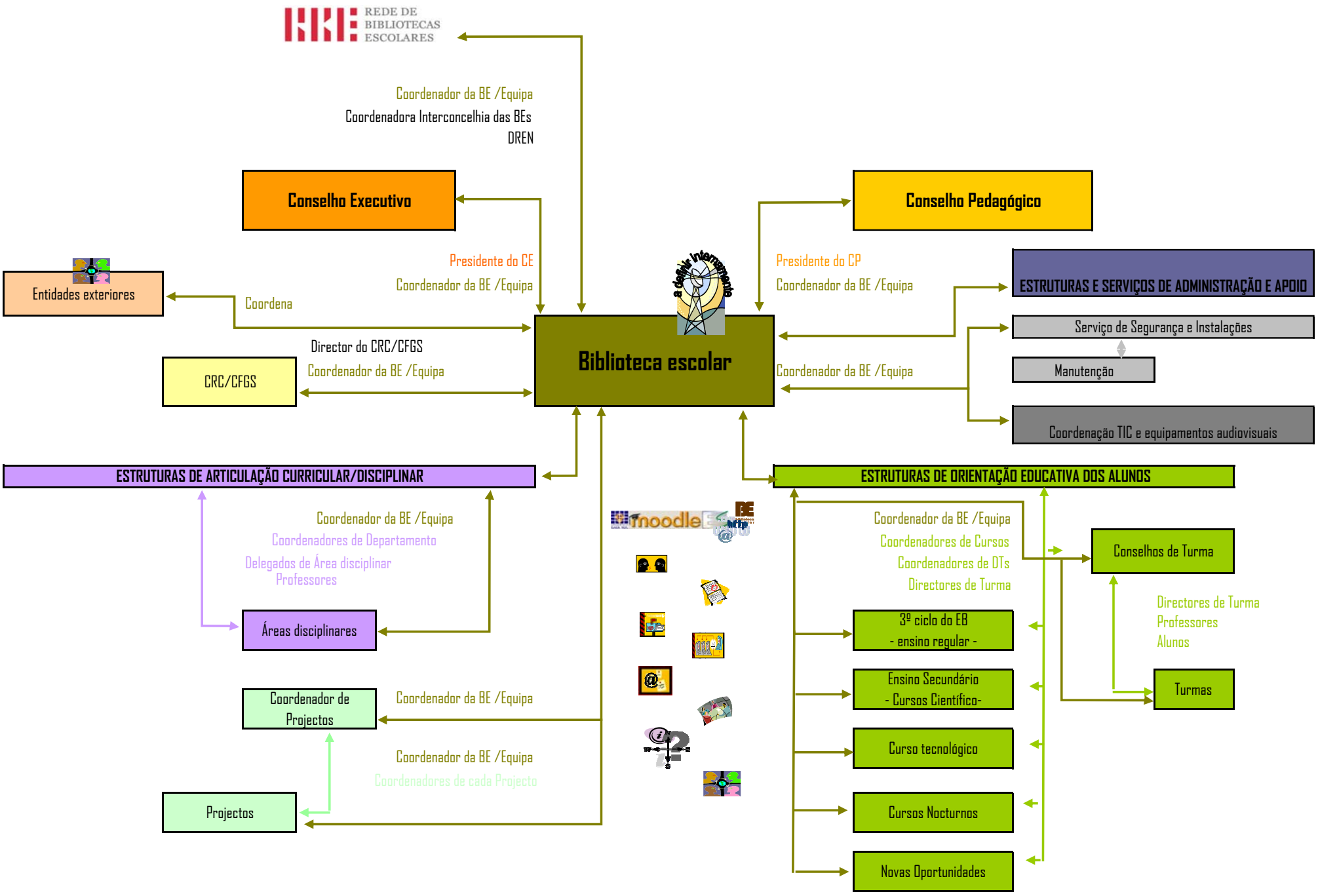
	Como **actividade de enriquecimento**, no âmbito das disciplinas de Filosofia e de Desenho A, foram realizados pelos alunos marcadores de livros, para serem divulgados na comunidade escolar, aquando da comemoração do Dia Mundial da Filosofia, dia dezanove de Novembro. Na sequência da visita de estudo ao Museu Nacional de Soares dos Reis, organizada pela professora de Desenho A, e numa perspectiva de interdisciplinaridade, a disciplina de Português já participou, tendo sido abordados nas aulas os pontos em comum das vidas do artista e do poeta Cesário Verde, contemporâneo de Pousão, e também analisados alguns fragmentos de poemas, uma vez que a poesia de Cesário Verde é extremamente "pictórica". Também a professora de Geometria Descritiva A se envolveu nesta actividade, acompanhando a turma, durante a referida visita de estudo e concretizando a representação rigorosa do cenário, no âmbito do trabalho "Concepção de um cenário para Pousão Ainda como **actividade de enriquecimento**, a directora de turma, contactou a psicóloga da escola, no sentido de tentar resolver algumas questões, relativamente ao modo como os alunos da turma encaram a escola, de um modo geral, e os resultados escolares, em particular. A psicóloga já realizou uma sessão com a turma, numa aula de Português, e irá novamente falar com os alunos, no início do segundo período. Foram propostas as seguintes **visitas de estudo**: -no âmbito da disciplina de Desenho A, no início do segundo período, participação no "workshop" "O livro criativo", na Fundação de Serralves; -no âmbito da disciplina de História das Culturas e das Artes, ida a Conímbriga e ao Mosteiro de Tibães, no segundo período, relacionada com os temas "Cultura da Ágora" e "Cultura do Mosteiro"; -no âmbito da disciplina de Filosofia, no início do terceiro período, ida à Fundação de Serralves, relacionada com o tema "Os valores estéticos". -

2º Período (reunião intercalar) ___ / ___ / _____	
2º Período (reunião final) ___ / ___ / _____	
3º Período ___ / ___ / _____	

ESCOLA SECUNDÁRIA COM 3º CICLO DR. JOAQUIM GOMES FERREIRA ALVES
ASSEMBLEIA DE ESCOLA / CONSELHO EXECUTIVO / Estrutura de auto-avaliação da esco



ESCOLA SECUNDÁRIA COM 3º CICLO DR. JOAQUIM GOMES FERREIRA ALVES
BIBLIOTECA ESCOLAR



ESCOLA SECUNDÁRIA COM 3º CICLO DR. JOAQUIM GOMES FERREIRA ALVES
ESTRUTURAS DE ORIENTAÇÃO EDUCATIVA - Cursos Nocturnos / CNO
ANO LECTIVO 2007 / 2008

ESTRUTURAS DE ORIENTAÇÃO EDUCATIVA DOS ALUNOS

CNO - Manuel Uberto Pinto

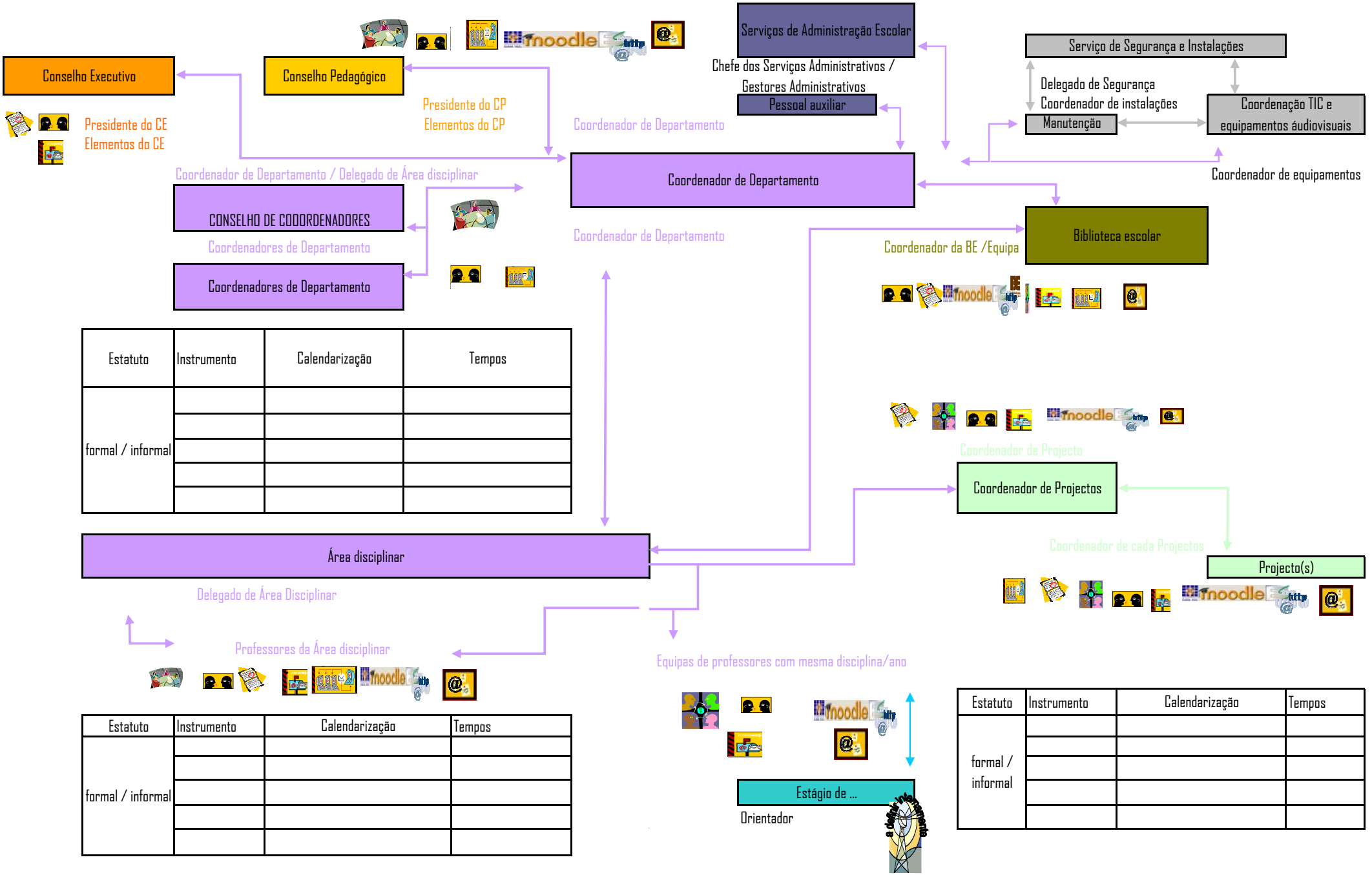
RVCC (Despacho n.º 7194/2007, 27/04)	Básico	Profissionais	Mónica Silva	
			Madalena Costa	
		Formadores	Christiano Lello (LC)	Anabela Monteiro(TIC)
			João Vicente(MV)	Fernanda Moreira (CE)
			João Vicente(FC)	Cristina Albuquerque(FC)
	Secundário	Profissional	Fernanda Moreira (PRA)	
		Formadores	José Lino (STC)	
			Teresa Campos (CP)	
			Cláudia Correia (CLC)	

EFA (Desp. n.º 203/2007, B/6; Portaria 817/2007, de 27/07)	B3	Mediador	Francelina Cardoso			
		Formadores	Christiano Lello (LC)	MI5 (MV)		
			Fernando Franco (Ing)	Henrique Silva (CE		
			Cristina Albuquerque (TIC)			
	Secundário	Mediador		Formadores		
				STC	CP	CLC
		G1 Isabel Ribeiro		EC7	Madalena Costa	Christiano Lello
				MI5	Filomena Carvalho	Maria Manuel
		G2 Isabel Ribeiro		MI5	Ec7	Afonso Rema
				FQII	Filomena Carvalho	
		G3 Cecília Reis		MI5	Ec7	Afonso Rema
				BGI2	Rui Leão	Mª Raquel Rebelo

Cursos Profissionais (Desp. n.º 17768/2004, de 23/07)	Técnico de Gestão	10º ano	**Director de Curso**	José António Santos
			Director de turma	Fernanda Coelho
		11º ano	**Director de Curso**	José António Santos
			Director de turma	José António Santos
	Técnico de Turismo	10º ano	**Director de Curso**	Filomena Carvalho
			Director de turma	Filomena Carvalho
	Técnico de Animação Social	10º ano	**Director de Curso**	M.ª José Pimentel
			Director de turma	Cármen Ribeiro

CEF (Despacho n.º 353/2004, de 27/07)	Praticante de Cabeleireiro	1º ano	**Director de Curso**	Fernando Parreira
			Director de turma	Anabela Amaral
		2º ano	**Director de Curso**	Fernando Parreira
			Director de turma	Anabela Amaral
	Canalizador	1º ano	**Director de Curso**	Manuel Uberto
			Director de turma	Francelina Cardoso
	Electricista de Instalações	1º ano	**Director de Curso**	Olímpia Barbosa
			Director de turma	Américo Costa
		2º ano	**Director de Curso**	Olímpia Barbosa
			Director de turma	Olímpia Sá
	Assistente Administrativo	1º ano	**Director de Curso**	José Melim
			Director de turma	Ondina Matos
		2º ano	**Director de Curso**	José Melim
			Director de turma	Manuela Caldas

ESCOLA SECUNDÁRIA COM 3º CICLO DR. JOAQUIM GOMES FERREIRA ALVES
PLANO DE COMUNICAÇÃO - Departamentos e Áreas disciplinares



Estatuto	Instrumento	Calendarização	Tempos
formal / informal			

Estatuto	Instrumento	Calendarização	Tempos
formal / informal			

Estatuto	Instrumento	Calendarização	Tempos
formal / informal			

ESCOLA SECUNDÁRIA COM 3º CICLO DR. JOAQUIM GOMES FERREIRA ALVES
CONSELHO EXECUTIVO / CONSELHO PEDAGÓGICO

Conselho Executivo	
Presidente do CE	>
Vice-Presidente	>
Vice-Presidente	>
Assessorias	
Assessoria técnico-pedagógica	- >
Assessoria técnico-pedagógica	- >

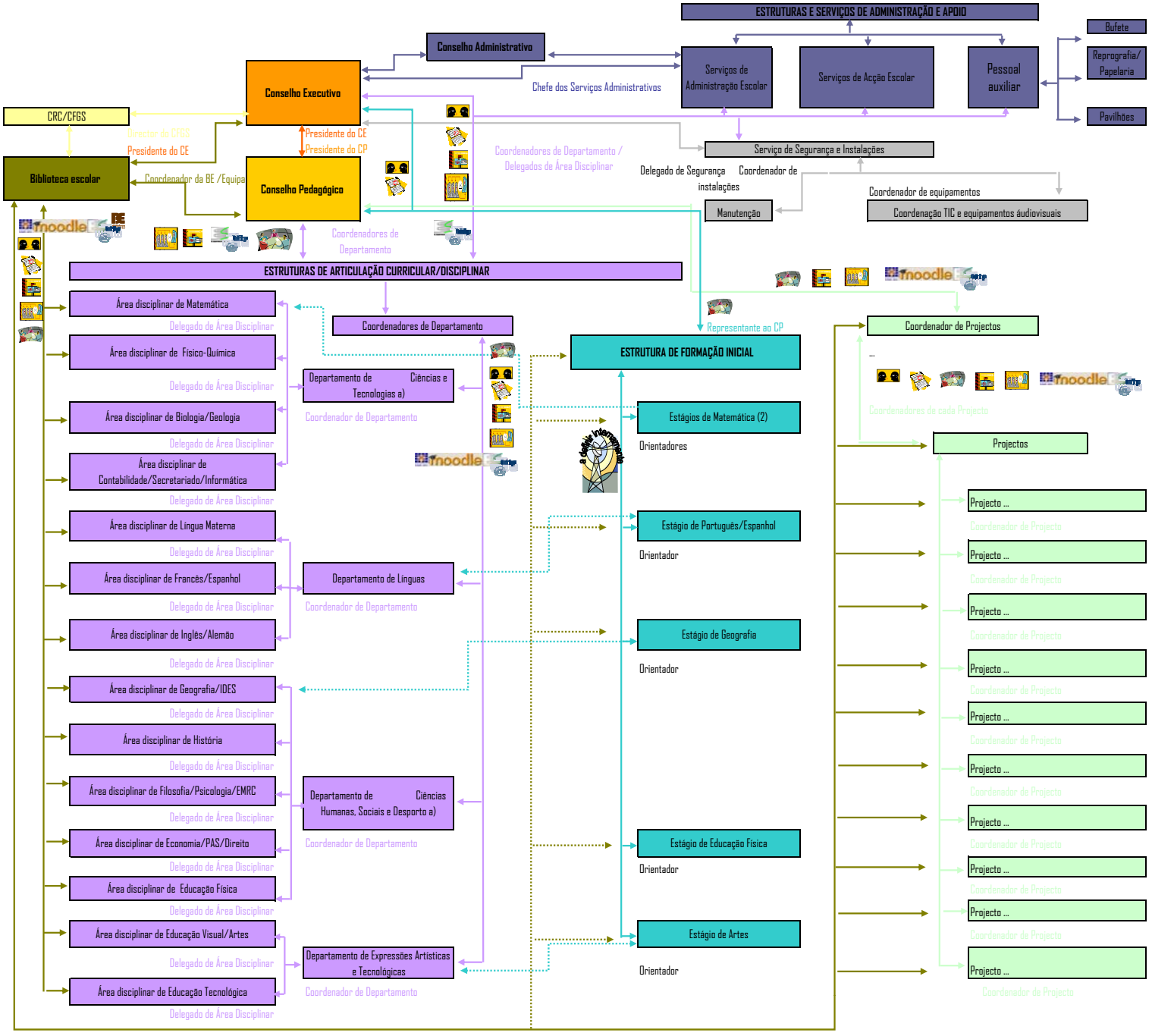
Presidente do CE

Presidente do CP

Conselho Pedagógico	
Presidente do Conselho Pedagógico	>
Coordenadores de Departamento	
> Ciências e Tecnologias	>
> Línguas	>
> Ciências Humanas, Sociais e Desportivas	>
> Expressões Artísticas e Tecnológicas	>
Coordenadores de Directores de Turma	
> 3º ciclo	>
> Secundário	>
Representante do CNO	>
Coordenador dos Cursos Tecnológicos	>
Representante da Formação Inicial	>
Coordenador de Projectos	>
Coordenador(a) da Biblioteca Escolar	>
Técnica de Acção social Escolar	>
Representantes da APEVA	>
	>
Representante do pessoal não docente	>
Representante dos alunos	>

- Assembleia de Escola
- Estruturas de Articulação Curricular/disciplinar
- Estruturas de Orientação Educativa dos Alunos
- Estruturas da Formação Inicial
- Assembleia de delegados
- APEVA
- Estruturas e Serviços de Administração e Apoio
- Projectos
- Biblioteca escolar

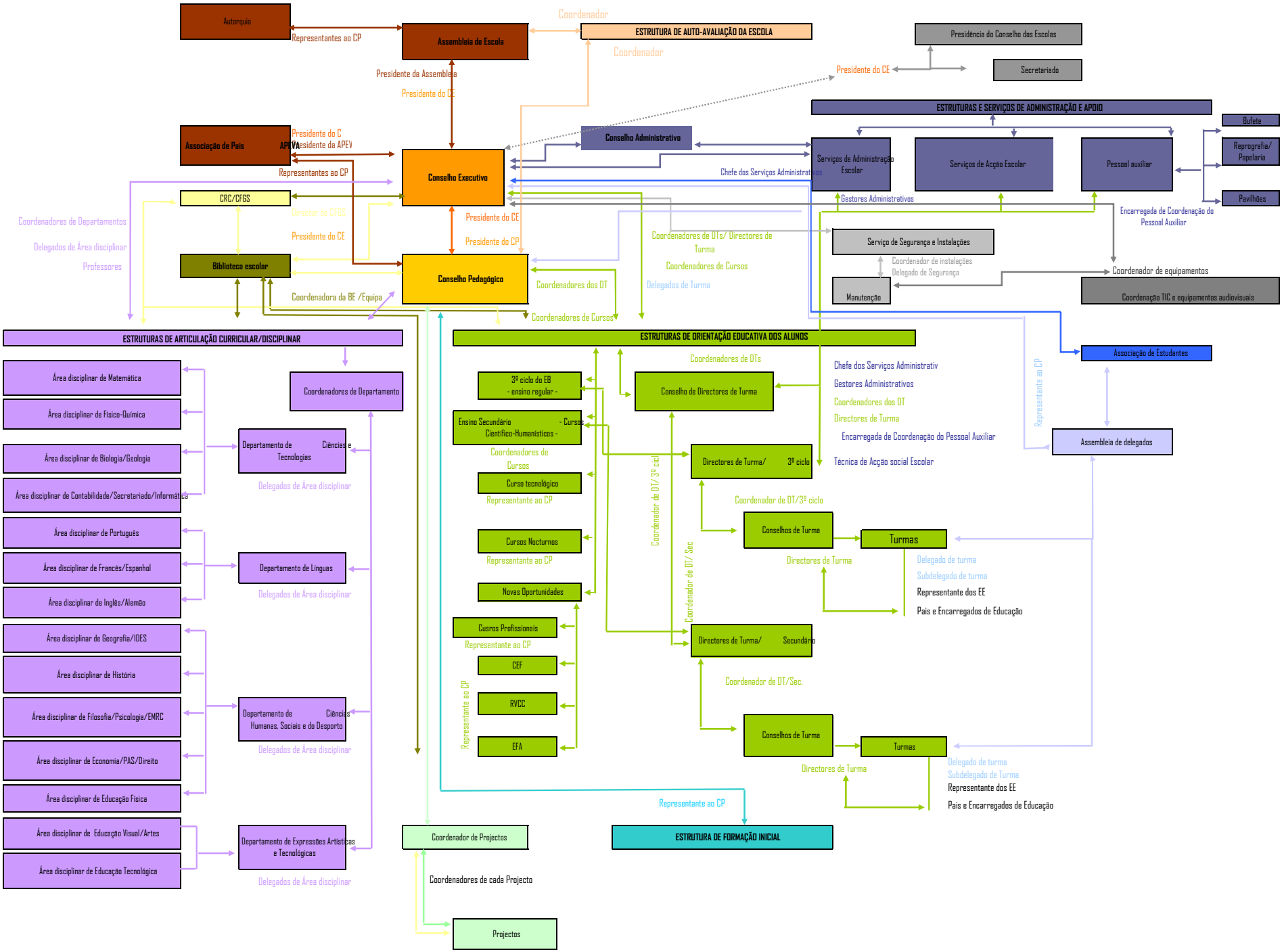
ESCOLA SECUNDÁRIA COM 3º CICLO DR. JOAQUIM GOMES FERREIRA ALVES
ÓRGÃOS DE GESTÃO CURRICULAR / DISCIPLINAR



a) Em estudo a sua reformulação.

ESCOLA SECUNDÁRIA COM 3º CICLO DR. JOAQUIM GOMES FERREIRA ALVES

Estrutura organizativa



Ex.mo Sr. Director
da
Escola Sec.c/3 ciclo Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves

Assunto: pedido de autorização para a realização da visita de estudo à exposição de ***Henrique Pousão***
no Museu Nac. Soares dos Reis – Porto

A professora da disciplina de Desenho A – 10º ano – Turma E – vem requerer que seja autorizada a realização da visita de estudo ao Museu Nacional Soares dos Reis no âmbito do projecto **" Cenários de Pousão"** posto à consideração e aprovado em Conselho de turma do passado dia28 de Outubro.

Dinamizador(es): Paulo Fernandes (Prof. Estagiário); Ana Luísa Santos (Profª Desenho A - 10º ano)
Local da visita: Porto
Entidade a visitar: Museu Nacional Soares dos Reis – Exposição de ***HENRIQUE POUSÃO***
Destinatário*:* 10º E
Calendarização da visita: 19 de Novembro de 2009
Horários: *Partida* 13h50 *Chegada*: 17h30
Itinerário: Estação de Valadares/ Porto-S. Bento/ Estação de Valadares
Refeições:********************
Preço total por pessoa: 2 euros e vinte cêntimos
Integração curricular da actividade: Sem implicação de aulas

Competências específicas: VER/CRIAR/COMUNICAR

Objectivos:
- Participar no projecto "Desenhar Pousão".
- Conceber e concretizar "Um cenário para Pousão".
- Desenvolver competências transversais ao articular os conteúdos da disciplina de Desenho A com os das disciplinas de Português, História das Artes, Filosofia e Geometria Descritiva.
- Realizar actividades de forma autónoma e criativa.
- Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e tomadas de decisão.
- Utilizar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber, cultural, científico e tecnológico.

Competências transversais a desenvolver:
- Desenvolver a concentração
- Realizar actividades de forma autónoma e criativa;
- Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e tomadas de decisão;

Operacionalização
1º Momento: "Procurar Pousão"
2º Momento: "Nuvem de conceitos"
3º Momento: Visita guiada ao museu Soares dos Reis de Estudo

Valadares, 10 de Novembro de 2009
A professora de Desenho A

Ministério da Educação

Escola Sec.c/3 ciclo Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves

E/S Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves (Cód: 401468)

VISITA DE ESTUDO

Dinamizador(es): Paulo Fernandes (Prof. Estagiário); Ana Luísa Santos (Profª Desenho A -10º ano)

Local da visita: Porto

Entidade(s) a visitar: Museu Nacional Soares dos Reis – Exposição de ***HENRIQUE POUSÃO***

Destinatário*:* 10º E

Calendarização da visita: 19 de Novembro de 2009

Horários: *Partida* 13h50 *Chegada*: 17h30

Itinerário: Estação de Valadares/ Porto-S. Bento/ Estação de Valadares

Refeições:********************

Preço total por pessoa: 2 euros e vinte cêntimos

Integração curricular da actividade: Sem implicação de aulas

Disciplina(s)	*Objectivo(s)*	*Actividade(s)*
DesenhoA Português HistªArtes Filosofia GeomªDescritiva	Participar em "**Desenhar Pousão**" - Conceber e concretizar "Um cenário para Pousão" - Desenvolver competências transversais ao articular os conteúdos de Desenh A com as disciplinas de Português, História das Artes, Filosofia e Geometria Descritiva. - Realizar actividades de forma autónoma e criativa; - Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e tomadas de decisão; - Utilizar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico.	- Procurar Pousão -Visita guiada à exposição de ***HENRIQUE POUSÃO*** -Criação de cenários de ***HENRIQUE POUSÃO***

A professora de Desenho A

_____

✂_ _ _ _

PLANIFICAÇÃO: "DESENHAR POUSÃO"

1º Parte – Encontrar Pousão

1ª Fase – "Procurar Pousão"

Projecção de imagens de algumas obras de Pousão, para a criação de analogias e atribuição de outros significados às imagens. Trabalhando-se, de acordo com o programa da disciplina, o "Sentido" como conteúdo.

Pretende-se a procura de referências através de outros sentidos que não os visuais, desterritorializando a visão como principal via para o desenho, obrigando os alunos a libertarem-se da representação mimética daquela realidade.

2ª Fase – "Nuvem de conceitos"

Construção de alguns conceitos atribuídos à obra de Pousão enunciando "palavras-chave" que de certa forma estejam presentes na sua obra, criando uma "nuvem de conceitos". Esta poderá ir sendo registada num acetato, que recorrendo ao retroprojector pode estar a ser elaborada e projectada ao mesmo tempo numa tela, visível para todos os alunos. No final essa folha de acetato pode ser fotocopiada e entregue aos alunos.

A partir da "nuvem de conceitos" os alunos constroem imagens mentais e daí significantes (visuais) que tornassem visíveis as suas imagens através do desenho. Afastando-se novamente, recorrendo a todos os seus sentidos, das representações miméticas e convencionais da realidade.

3º Fase – "Visita de Estudo"

Os professores organizam uma visita de estudo ao museu Soares dos Reis, à exposição "Henrique Pousão: Diário de um estudante de Belas Artes.

Neste primeiro momento pretendia-se que os alunos, através das suas pesquisas e observações, da associação de ideias ("nuvem de conceitos"), encontrem o seu caminho para "Desenhar Pousão", referindo-me aqui ao desenho no sentido literal, já que estamos a falar da disciplina de Desenho A. Imaginava-se desenvolvimentos com base em temas, objectos, enquadramentos e personagens de Pousão, com pormenores plásticos e formas de representação próprios do aluno, desencadeados pela observação das obras do artista.

Conscientes do risco e exigência decidimos orientar a nossa postura mais por uma mediação de inclinações de cada aluno e de visões individuais despoletadas pelos

interesses de cada um. Ou seja, dotar o professor de uma postura provocatória que consiga estimular e despoletar em cada um dos alunos, uma atitude irreverente de desafio nas propostas.

2º PARTE – Projectar Pousão

1ª Fase – "Analisar Pousão"

Nesta segunda parte prevê-se em primeiro lugar um processo de análise de uma obra à escolha, de Henrique Pousão. Este processo de análise pretende, de acordo com o programa desta disciplina, envolver este conceito "aplicado à prática do desenho", pondo-o perante "referentes" e com "apontamentos das suas características".

Como estratégia utilizar-se-ia a técnica de decalque em papel de "engenharia", trabalhando a linha como elemento básico da linguagem gráfica.

2ª Fase – "Projectar Pousão"

Em seguida parte-se para um processo de síntese, definido no programa da disciplina como "qualquer outra prática de desenho que envolva uma aplicação de prévios ganhos e de princípios conceptuais, implicando também os conceitos de conhecimento, capacidade, aplicação e avaliação".

Tendo em vista o cenário tridimensional que se pretende como produto final desta Unidade de Trabalho, para estar na exposição de trabalhos no Museu Nacional Soares dos Reis, utiliza-se como estratégia uma articulação com a disciplina de geometria para a representação rigorosa das diferentes vistas do conjunto dos elementos constituintes do cenário que estão a realizar numa escala real.

Assim, o desenvolvimento dos conteúdos do programa da disciplina, ainda que sejam permitidas variações decorrentes do tipo de abordagem de cada aluno contempla:

- Materiais: Meios actuantes (grafite, guaches, tinta da china)
- Procedimentos: Técnicas, modos de registo (traço, mancha, misto), ensaios
- Sintaxe: Forma, Espaço, Cor
- Sentido: Visão sincrónica do desenho
- Análise/Síntese